

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC01-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03a <b>min:</b> 00:11-02:36	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 01	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF A festa do Espírito Santo passa{fp} {pp}... Como é que eu hei-de dizer? (Ele) primeiro do que tudo é tirar o pelouro. A pessoa faz uma promessa e depois tira o pelouro, ou tira o sorteio, no dia {pp} do bodo, e depois de tirar o pelouro, ou seja o sorteio, vai {CT|pa=para a} sua casa e trata de arranjar bezerros.

*INQ Esse, esse tirar do pelouro é feito quando? Em que altura?*

INF No dia do bodo.

*INQ No dia do bodo.*

INF Sim, sim, sim.

*INQ No dia do bodo tira-se o pelouro para o ano seguinte.*

INF {CT|pɔ=Para o} ano que vem. Sim, sim senhor. {pp} De forma que o homem vai para a sua casa e trata de arranjar bezerros, compra dois bezerros, três bezerros; há pessoas que oferecem um bezerro também dado – que eu também ofereço um todos os anos – percebeu? –; {fp} e há os benfeitores que vão engordar aqueles bezerros um ano inteiro. Quando é ali quinze dias perto de ele dar a sua função, ele vai convidar os seus amigos e parentes – quem quer e entende – {CT|pa=para a} sua casa, para durante aquela semana irem para lá rezar o terço e mais ele todos os dias à noite, {fp} amassar o pão do Senhor Espírito Santo – não é? –; e {fp} na quinta-feira há a folia dos bezerros; na sexta-feira há a matança dos bezerros, que eu vou matar os bezerros e vão pessoas ajudar-me a matar os bezerros – não é? –, {pp} cozer o sangue; [AB|no] na sexta-feira, ou seja, no sábado, faz-se {fp} a distribuição da carne {pp} com os convidados e por os pobres – não é? –; vão partir a carne e fazem a distribuição da carne; porque depois é: tem que se salgar a carne que é {CT|pa=para a} sopa de domingo, têm que fazer alcatras para aquele pessoal no domingo e {fp} também há umas rodas de carne que são feitas para trazer aqui {CT|pɔ=para o} {PHI|trjatu=teatro} para distribuir no domingo pelas pessoas que vêm aqui, no dia do bodo; e lá faz-se então o jantar em casa do imperador que dá a função – pode ser para

duzentas pessoas, pode ser para trezentas, pode ser para quatrocentas – não é? –, tanto seja que seja as pessoas que ele convida, faz-se esse...

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC02-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03a <b>min:</b> 02:58-06:54	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 02	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF Agora (ele) /era\ no domingo... Isto já (se) falámos da distribuição da carne no sábado.

*INQ Pois.*

INF No domingo, eu vou para lá de manhã {pp}, como mestre da função, e mais pessoas convidadas para ajudar, a gente vai buscar a carne donde ela está; a gente arma dez, doze panelas de ferro grandes de cinquenta litros, cada uma; tenho homens que vão buscar-me lenha {CTlpo=para ao} pé, outros a acartar água – não é? –, outros vão buscar as mesas, outros vão buscar a carne, deitam em cima das mesas; aquela carne é toda lavada; e depois de ser lavada, é deitada nas panelas, {fp} deita-se os temperos dentro... {PHlnẽ=Não} sei se quer que {PHlli=lhe} diga os temperos que é que se vai deitar dentro? Quer? Pois os temperos, em cada uma panela dessas de cinquenta litros, leva uma cebola e meia grande, seis dentes de alho, meio litro de vinho branco, {fp} duzentas e cinquenta gramas de tocinho de fumo, uma barra de manteiga até {PHlnẽ=não} cozer bem a carne – quando a carne está bem cozida leva mais uma barra de manteiga, vêm a ser duas barras –, sal, tal e qual o paladar que a pessoa tenha é que vai temperando, tal e qual precisa; e {fp} depois de a carne estar cozida, a gente deita- {PHlli=lhe} molho da alcatra dentro. Que vem a ser umas alcatras de 'batacozes' que se faz, que seja a mão de vaca. Que (ele) no continente {PHlnẽ=não} sei se dizem que é {pp} geleia de vaca, ou qualquer coisa assim parecida; a gente aqui chama- {PHlli=lhe} é 'batacozes'.

*INQ 'Batacozes'?*

INF 'Batacozes'. É as mãos de vaca; a gente faz umas alcatras donde tira esse molho {CTlpra=para a} sopa; {pp} a gente deita-o na panela; quer dizer, água, deita-se a que precisa – não é? –, e {fp} meio litro de vinho branco – parece-me que já {pp} repeti isso. E {fp} quando a carne está cozida, a gente tira a carne; e depois de tirar a carne é que a gente faz um tempero final. A gente {pp} tempera... Eu tempero as panelas todas, provo e acho uma ou outra um pouco mais {PHl'sõsẽ=insonsa}, já não vou-me temperá-la {CTlpaz=para as} outras. Com uma concha, passo-as todas de uma {CTlpa=para a}

outra, é uma mistura, e depois então torno a provar, porque (ele) pode haver uma que tenha um bocadinho de mais e outra que tenha de menos. E assim, eu misturo o caldo todo e dá o paladar todo por igual. Quer dizer, e depois é que a gente então tira as sopas. Nessa altura, enquanto a sopa se cozeu {pp}, a gente tivemos várias pessoas a picar sopas e {fp} encher as terrinas, que são aquelas que estão ali. A gente tem aquelas pessoas a encher as terrinas e {fp} quando está tudo preparado, a gente tira a sopa e abafa. Ora, depois de a gente abafar a sopa, já temos a carne abafada – porque foi cozida, tirou-se e depois é que se preparou a sopa. Temos então é os homens a deitar as mesas: toalhas, copos, {RC|gardana=guardanapos} – oh, diacho!, guardanapos, bem digo –, e {fp} os talheres completos, e a encher os jarros de vinho para distribuir nas mesas, preparar as travessas para encher a carne, preparar o pão de leite para poder deitar nas mesas. Quer dizer, todas essas coisas que são necessárias, as pessoas que estão a ajudar a trabalhar vão preparando tudo para quando chegar à altura do banquete, a gente não estar à espera duma coisa ou outra. Já está tudo em ordem para quando começar o banquete, pega tudo a seguir. [AB| É a razão, é o] Quer dizer, o estilo cá do nosso jantar do Espírito Santo é este.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC03-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03a <b>min:</b> 07:52-08:39	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 03	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF Bom, eu, desde que me conheço, com cinquenta e três anos de idade, sempre ouvi dizer que isto era o {PHI'trjatu=teatro} do Senhor Espírito Santo e a despensa do Senhor Espírito Santo. E{fp} depois de eu ouvir isto, e o meu pai foi um homem também sempre devoto por esta casa – não é? –, como {PHI'semu3=somos} pela Igreja, como {PHI'semu}=somos} católicos, {fp} o meu pai, ele frequentou esta casa muita vez – muitas mesmo, de mordomo. E{fp} ele ainda com... É velho mas está vivo ainda, tem oitenta e nove anos. E eu é que tenho também frequentado várias vezes. Quer dizer, sou também...  
*INQ O senhor conhece...*

INF Com aquela criação que vim desde o princípio – não é? –, e fui andando, fui andando e... Não é hábito nenhum que eu tenho, porque é com muito sacrifício e trabalho essas vezes que tenho servido,  
*INQ Pois.*

INF mas com muito gosto.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC04-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03a <b>min:</b> 09:08-10:38	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 04	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF No domingo do Espírito Santo, {fp} {IP|ta=está} o Senhor Espírito Santo em casa, as coroas, em casa do homem que dá o jantar e o seu acompanhamento, que ele convidou todo, vem todo à igreja. E vem fazer a coroação na igreja. O senhor padre coroa três crianças que vêm mesmo preparadas para coroar, vêm outras ao lado com umas insígnias como aquelas que ali estão, e depois voltam lá a casa [AB|do] do imperador, nessa altura é que há o jantar e depois então vão levá-lo a casa doutro imperador.

*INQ Do do domingo seguinte?*

INF Logo {CT|prç=para o} domingo seguinte, sim senhor.

*INQ E um, uma coisa, os, os bezerras onde é que, onde é que são mortos?*

INF Os bezerras são mortos em casa do imperador mesmo. Quer dizer, nos quintais do imperador.

*INQ Não se lembra nunca de alguma vez o bezerro ser morto, por exemplo, no adro da igreja ou?...*

INF Não. Ele já foram mortos na praia... Foram mortos na praia... {IP|'tevi=Esteve} aí uma altura em que o governo dava um subsídio e a pessoa que matava em casa perdia muito dinheiro, {IP|ta=está} a perceber?

*INQ Pois.*

INF Portanto, aproveitavam a ir matá-los à praia, para receber esse subsídio. Mas depois de esse subsídio ter 'dexistido', eu mato-os mesmo na casa [AB|do] do imperador, pois. Vão a enfeitar, por exemplo... Então, aquele é amigo comigo e eu tenho um domingo, e ele mora, por exemplo, aí mais para baixo, e eu peço e vou-me a casa dele enfeitar. Vai a filarmónica e, às vezes, vai cantadores – não é? –, tem cantoria...

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC05-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03a <b>min:</b> 10:40-14:05	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 05	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ Nunca houve assim nenhum problema entre fazer a festa de Espírito Santo,*

INF {PHInẽ=Não}, {PHInẽ=não}.

*INQ e, por exemplo, o padre, algum padre,*

INF {PHInẽ=Não}, {PHInẽ=não}.

*INQ a Igreja em si...*

INF {PHInẽ=Não} senhor. Então, a festa do Espírito Santo é uma das coisas que todos os padres, quer dizer, aqui entre nós, todos têm colaborado. O senhor padre até quando acaba [ABlde] de fazer a coroação, [ABln-] no dia de bodo – não é? –, vem aqui em cortejo [ABlcom] com todos os convidados, e a filarmónica atrás do senhor padre, e o senhor padre vem aqui benzer o pão e o vinho.

*INQ Ah, pois.*

INF {IPlta=Está} a perceber? Vem aqui. E a gente depois disso, até a primeira rosquilha que a gente dá e o primeiro pão é {PHlõ=ao} senhor padre e {PHlõ=ao} sacristão. São eles que vêm benzer e depois a gente oferece a eles e a partir daí {PHlkumi¹semuz=começamos} a distribuir a toda a gente (...).

*INQ Portanto nunca houve assim qualquer questão de dinheiros? Do, de ser?...*

INF Não.

*INQ De o padre*

INF Não senhor.

*INQ pedir que se desse alguma coisa à Igreja sempre?...*

INF (Nada). Isso então o dinheiro da Igreja {pp} faz parte da Igreja e este aqui faz parte daqui, {IPlta=está} a perceber?

*INQ É uma coisa. Pois.*

INF Porque, sabe, isto aqui, {fp} isto {PHlnũ=não} há rendimentos. Os rendimentos que há, por exemplo, é no dia do bodo, a gente tem aqui uma bandeja com vinho e massa sovada – não é? –, e o

senhor entra aqui – não é? –, a gente oferece {CT|pɔ=para o} senhor entrar cá dentro, vem ver o nosso império, entra, mata o bicho – não é? – e {fp} dá dois escudos e meio, cinco escudos, dez escudos, vinte, conforme quer. Até pode dar cem, que há muitas pessoas que dão cem, que entram e são devotas do Senhor Espírito Santo, e gostaram de ver – não é? – e oferecem cem escudos – muitos deles! {fp} Quer dizer que esse dinheiro é que a gente vai guardando {CT|paʃ=para as} construções e {CT|paʃ=para as} necessidades que temos aqui [AB|do] do império. A gente procura {PH|nẽ=não} pedir nada a ninguém.

*INQ Pois é.*

INF Portanto, nós temos aqui as nossas panelas, temos os nossos bancos, as nossas mesas, as nossas terrinas, garfos, facas, colheres, toalhas. Tudo quanto a gente precisa, a gente tem aqui, para servir a freguesia em peso! Para servir a freguesia toda! Pois (ele) também há uns noivos aí, qualquer um que casa e que precisa de bancos ou precisa de mesas, qualquer coisa, pois (ele) a gente empresta. Porque isto é do povo, não é nosso!

*INQ Pois.*

INF É que ele até este ano, este ano passado e o outro, estive de procurador; este ano aquele é que está e mais dois colegas – não é? –, eles é que emprestam, é que tomam contas. {PH|nẽ=Não} ganham nada durante um ano com este trabalho aqui, {PH|nẽ=não} ganham nada! {pp} O trabalho deles, pois, é: um fica encarregado para o Senhor Espírito Santo... São três coroas, tem que {fp} enfeitá-las, quando chegar {PH|ɔ=ao} tempo, cuidar da limpeza delas – não é? –; as insígnias, as bandeiras, quer dizer, tudo o que pertence ao Senhor Espírito Santo, um homem é encarregado durante o ano de manter aquilo limpo e em ordem. O outro é encarregado das obras. Tem que pintar todos os anos, tem que pôr isto tudo em ordem, não é? E o outro é encarregado de todos os materiais que estão cá dentro, materiais esses que são as ditas panelas e terrinas... Tudo quanto existe aqui dentro, ele tem que tomar apontamento do que sai e tem que tomar apontamento do que entra, {IP|ta=está} a perceber? Porque se faltar, o senhor se me levou, já sabe que tem que pagar. Porque isto não é nosso.

*INQ Pois, pois.*

INF As pessoas que estão aqui são precisamente, quer dizer, uns procuradores só para trabalhar, não para ganhar nada, só para zelar esta casa. O que tem: uns trabalham este ano, os outros trabalham daqui a um ano... E a gente vai nomeando, uma vez um, outra vez outro.



<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC06-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Bráulio <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03a <b>min:</b> 15:00-18:20	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 06	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ* Portanto, há a festa do Espírito Santo para crianças e outras para as pessoas adultas?

INF1 É, é. No mesmo dia, antes de dar o jantar às pessoas adultas, dá-se o jantar primeiro às crianças: às vezes, cento e cinquenta, cento e sessenta, cento e setenta, cento e vinte – e já dei até para cima de duzentas. Mas faz-se sempre às crianças antes de dar o jantar {PHlɔz=aos} adultos. Sempre, sempre! Sempre que se {PHl'dejɐ=dê} o jantar {PHlɔz=aos} grandes, primeiro se dá {PHlɔf=aos} pequenos. [ABlIsto é] Isto é uma tradição que vem muito antiga mas que continua sempre {pp} na mesma forma. INF2 Depois dá-se-lhes uma brindeira.

INF1 E depois quando se dá o jantar às crianças, ainda tem graça. É que {fp}, muitas das vezes, muitas pessoas, por exemplo, que {fp} prometem de dar uma tigelinha de sopa de esmolas {pp} – como eu dei... Já para não falar nos de fora, digo eu. Eu prometi de dar... Eu dei-lhe um jantar e prometi de dar uma tigelinha de sopas a cada um enfermo da nossa freguesia. Ora, os enfermos são as pessoas que estão em casa, que {PHlnẽ=não} saem, que estão nas camas, deitados para ali, e que {PHlnẽ=não} podem vir à missa – não é? –, e havia trinta e dois enfermos na nossa freguesia – mulheres e homens –, e eu dei trinta e duas tigelas de sopa a essas pessoas. Como também {fp} dei de jantar a todos os velhinhos que {IPl'tavẽw=estavam} no asilo, juntamente as pessoas que lá trabalhavam. Foi-se lá levar o jantar. Ora, há muitas pessoas que dão muitas tigelinhas de sopa, não {PHlɔz=aos} enfermos, nem {PHlɔ=ao} asilo, a crianças {pp} inocentes. Quando se acaba de dar o jantar {PHlɔf=aos} pequenos, pois lá há uma série de bilhetes que se distribui pelos inocentes da freguesia, não é? E lá as mães vêm com eles {PHlɔ=ao} colo e com um cestinho ou uma {PHlsɛfɛ'tijɐ=açafatinha} na mão buscar a tal dita tigelinha de sopa e uma {PHlbĩdej'rjɐ=brindeirinha} de pão de trigo, em cima. Ora, quando há esta distribuição, {IPlta=está} a filarmónica a tocar.

*INQ* Pois é.

INF1 Aquilo até dá um choque.

*INQ Pois.*

INF1 {IP|ta=Está} aquelas crianças tudo, tudo enfileirado por ali fora, tudo à vez. E à maneira em que vão dando, as crianças vêm andando. E depois disso tudo, é que há o jantar então das pessoas adultas, (depois com) os seus convidados, {pp} que vêm assistir {PH|o=ao} banquete. Mas primeiro trata-se [AB|dos c-] das crianças todas e depois então é que se sentam os adultos, a comer e a beber, à vontade. [AB|Isto é]

*INQ E ganham assim...*

INF1 [AB|É, isto é, eu] Quer dizer, isto é uma coisa que tem...

*INQ É uma tradição de, de sempre.*

INF1 É uma tradição antiga, mas uma tradição – como é que eu hei-de dizer? – que {pp} torna-se às vezes até... Para mim, eu sinto-a muito, é uma tradição que eu sinto-a e choco muitas vezes {fp} quando vejo aquelas crianças todas sentadas a comer, porque aquilo ali não há defeitos. Aquilo são as pessoas que sentam ali à mesa, às vezes, cento e cinquenta e a duzentas crianças – não é? – e quer esteja {PH|'sôsu=inonso}, quer esteja salgado, quer esteja mal cozido, quer esteja bem cozido, para aquelas crianças {IP|ta=está} sempre bom, {pp} {IP|ta=está} a perceber? Aquilo ali {PH|nã=não} há defeito. [AB|É das pes-] É dos jantares que eu gosto imenso de assistir é {PH|o=ao} jantar das crianças e que o faço sempre. Em toda a banda que vou, dá-se sempre o jantar das crianças.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC07-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03a <b>min:</b> 19:57-21:16	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 07	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ O benfeitor que engorda a bezerra recebe alguma coisa por isso?*

INF Recebe sim senhor.

*INQ O que é que ele recebe?*

INF Recebe uma roda de carne, numa média aí duns seis a sete quilos de carne, a língua e uma mão {pp} de vaca, {pp} e um quilo e meio de peito, [AB|e{fp}] e também um quilo de lombo para fazer dois bifes {CT|p=para o} casal. Isto é [AB|um u-] um uso, então, que eu, eu talvez é que o tenha posto a andar – não é? –, mas entendo que a pessoa que engorde uma rês que é merecedora de receber isso. E recebe um pão de massa sovada juntamente com a carne. {pp} Isto no sábado.

*INQ Pois.*

INF No domingo da manhã recebe uma alcatra e um pão de leite {pp} e ao meio-dia recebe uma terrina de sopas. {pp} Esse criador é convidado {CT|pa=para a} semana inteira, [AB|para as-] para assistir naquela casa a semana inteira, se quiser estar mais a família, {pp} comer disso que houver e {fp} estar mais aquelas pessoas durante aquela semana.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC08-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03a <b>min:</b> 28:52-30:39	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 08	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ* Portanto, é este mestre da função que é quem toma conta dos fermentos e do cozer das massas?

*INF* Dos fermentos, do cozer das massas, há uma mestra do forno.

*INQ* E há uma mestra do forno?

*INF* Há a mestra do forno, {pp} que é a que {fp} deita a massa {CT|prɔ=para o} forno e tira do forno.

Essa é que tem uma responsabilidade muito grande. Porque é preciso ter o forno sempre quente numa tabela que nem queime nem deixe ficar cru. É preciso ficar bem cozido e {PH|nẽ=não} queimar, ficar lourinho. O senhor conhece massa doce, não é?

*INQ* Pois, conheço, conheço ...

*INF* Portanto, isso é uma responsabilidade duma mulher que toma esse cargo para cozer as massas. Isso leva {pp} sete dias a cozer, de dia e de noite. Essas mulheres nunca se deitam na cama. Durante o dia e durante a noite, aquela mulher está à boca do forno, sempre, sempre, a aquecer o forno, a {fp} meter massas, tirar massas. E a outra está a mandar então várias mulheres, {pp} a amassar, depois vão tender – não é? –, outras vão tomar a presa à massa... Quer dizer, tomar a presa é fazer a mistura da massa com ovos e leite e açúcar – não é? –, e quando está preparada já com os ovos, e o leite, e o açúcar, o fermento, isso, quando deitam dentro, então é que as outras pegam todas a amassar... Levam ali três horas a amassar num (alguidar). {pp} Três horas, [AB|nãó] não é cinco minutos. É muito tempo. E isto é o giro durante a semana, quer dizer, é até cozer as {PH|bĩ'dejrɛʒ=brindeiras} da visita; quando se acaba as {PH|bĩ'dejrɛʒ=brindeiras} da visita, pegam a cozer {pp} o pão de leite {pp} para {pp} a folia, que é no dia de enfeitar os bezerros, na quinta-feira...

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC09-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03a <b>min:</b> 32:04-32:36	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 09	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ Como é que começa a quinta-feira, há assim foguetes ou?...*

INF Ah, sim, é foguetes. Mas, quer dizer, aqui em casa continua-se a cozer sempre.

*INQ Pois claro.*

INF Porque precisa cozer o pão da sopa {pp} {CT|p=para o} domingo; precisa cozer o pão de leite {CT|p=para o} sábado. Quer dizer, continua sempre; as cozeduras continuam as mesmas. Os bezerros continua-se é a fazer as fitas. Na quinta-feira, {pp} da manhã, aquelas raparigas a fazer as fitas, {pp} de papel fino, de várias cores, para enfeitar os bezerros. Na quinta-feira.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC10-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03a <b>min:</b> 34:26-35:47	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 10	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ Quando havia, eram os foliões que faziam?...*

INF Era os foliões que faziam, era, sim senhor. Agora, depois disso então, há o desfile, que é o cortejo, direito a casa do imperador, {pp} e vêm os cantadores – [AB]se] se acontece a ter os cantadores – e os cantadores se passam em casa dum desses que criou uma rês daquelas, pois pára a música e os cantadores ali {fp} dizem cada um duas cantigas [AB]dedicadas] dedicadas {PH}o=ao} criador. Chegam ali, por exemplo, à sociedade aqui da freguesia, pois também {pp} param e {fp} dizem duas cantigas {pp} cada um {pp} à sociedade. (Ele) chegam à casa do senhor padre – não é? –, pois a mesma coisa. Chegam aqui a passagem do {PH}'trjatu=teatro} e a igreja, {pp} pois dizem duas cantigas à igreja, dizem duas aqui {PH}o=ao} {PH}'trjatu=teatro} e dizem duas {PH}o=ao} cemitério, {pp} quer dizer, pelos irmãos que já lá estão – não é? – e que zelaram isto. Cantigas bem feitas! {fp} Se passam na minha casa, pois, como mestre da função, também {fp} {pp} dirigem também duas cantigas.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC11-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03a <b>min:</b> 38:02-38:54	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 11	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ Portanto, isto é, na, na quinta-feira...*

INF Sim senhor.

*INQ Portanto, uma das funções é enfeitar os bezerros...*

INF Para enfeitar os bezerros. Sim, sim.

*INQ Há estes desafios, não é, portanto, eles vêm cantando estes desafios...*

INF [AB|Até] Até a casa do imperador. Quando chega a casa do imperador, {fp} os bezerros quando chegam à porta, os criadores pegam na cabeça {PH|o3=aos} bezerros e eu vou buscar a coroa do Senhor Espírito Santo {pp} e{fp}, com o ceptro, eu benzo os bezerros todos. Quer dizer, faço- {PH|li=lhe} uma cruz na testa – não é? – e em cima [AB|da] {pp} da suã, depois vou arrumar e vai-se arrumar os bezerros. Nessa altura, há ali também uma distribuição de pão e vinho a toda a gente. Toda a gente come e bebe ali na quinta-feira. E depois a seguir há o terço.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC12-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03a <b>min:</b> 39:30-40:12	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 12	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF Na sexta-feira é [ABla] a matança dos bezerros. Quando é ali {CT|pra}=*para as*} três da tarde – não é? –, junta-se os convidados, quem ele convidou para ajudar a matar os bezerros – não é? – e prepara-se os alguidares para aparar o sangue e {fp} a gente vai matar os bezerros. E depois de os matar, já estão pessoas – umas senhoras preparadas – a cozer o sangue. Quando se acaba de pendurar a carne, – não é? – a gente tem sangue cozido e pão {pp} e vinho para beberem à vontade.

*INQ O sangue cozido é comido?*

INF É, sim senhor.

*INQ Come-se.*



<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC13-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Bráulio <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03a <b>min:</b> 41:50-45:03	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 13	

INF1 No sábado, quando é aí quatro horas da manhã, eu estou em casa [ABldo] do imperador. Quando eu chego, o imperador dá um bombão grande – que é um foguete grande. Os seus convidados já sabem que o marchante que chegou. E correm logo para ir ajudar, está a perceber?

*INQ ... Dizem, falou aqui de marchante...*

INF1 Sim, marchante, sou eu.

*INQ Pois, portanto, marchante e mestre é o mesmo?*

INF1 Marchante é o homem que mata reses, é o homem que corta carne, é o homem... {IP|ta=Está} a perceber?

*INQ Mas portanto, quer dizer, falar de marchante ou de mestre é a mesma coisa?*

INF1 Sim. Quer dizer, o mestre é um homem que sabe, não é?

*INQ Pois.*

INF1 E como também o marchante é um homem que saiba, porque se {PH|nẽ=não} soubesse

{PH|nẽw̃nu=não o} fazia, não é?

*INQ Pois, não fazia isso.*

INF1 Mas, quer dizer, eu sempre ouvi dizer: "Olha, é o marchante". É o homem que mata as reses, o homem que corta a carne, não é?

*INQ Pois.*

INF1 É o marchante.

INF2 Mas é tudo o mesmo.

INF1 É tudo o mesmo. Ser o mestre ou ser o marchante...

*INQ Portanto, a altura em que o senhor vai chegando a casa do imperador, entra...*

INF1 Eu chego e ele dá um foguete grande.

*INQ Dá um foguete grande.*

INF1 Quando dá um foguete grande, eu já vejo os vizinhos sairem e virem para ajudar porque já sabem que eu que cheguei.

*INQ Pois.*

INF1 Depois quando esses homens chegam, pois há ali uma distribuição, {pp} da manhã, de um bocadinho de massa doce – não é? –, um calicezinho de aguardente, porque aquele ar é frio, da manhã cedo, e depois a gente pega a cortar carne. Ora{fp}, cortar carne, aquilo ele tem várias divisões: eu vou dividindo carne para alcatra, vou dividindo carne para sopa, vou dividindo carne para esmolos. Porque depois há umas esmolos dadas {PH|o|=aos} convidados: um quilo e meio de carne a cada casa. A quem ele convidou, {IP|ta=está} a perceber? Portanto, eu vou cortando: a carne que é própria para sopa, eu vou apartando para sopa; a carne que é própria para alcatra eu vou apartando para alcatra; a carne que é própria para fazer um presente bonito para dar a este ou àquele, pois eu vou-a cortando. E continuo [AB|{PH|o|=ao} domingo, até acabar] {PH|o|=ao} sábado, até acabar a carne, sempre desta forma. À maneira em que eu vou partindo, ele já vai distribuindo; são crianças que vão distribuindo por casa dos convidados a quem ele convidou. Aí por volta das dez horas, pois a gente resolve um almoço – não é? –, com bifos. Às vezes, bifos grelhados que eu faço mesmo na ocasião. Até que já se deu de eu {IP|tar=estar} a partir a carne – não é? –, e mais colegas meus a ajudar e, para não dar o trabalho às mulheres, a gente amanha uma grelha e {fp} a gente faz ali um braseal e ali a gente grelha os bifos – não é? –, e a gente come mesmo ali, quer dizer {pp}, uma coisa de risada – não é? –, uma festa que a gente faz ali, a beber uns copos, até acabar as carnes. E {fp} quando se acaba de partir as carnes, eu então, nessa altura, tenho as alcatras para fazer. Faço as alcatras {pp} e salgo a carne que é {CT|pra=para a} sopa. Quer dizer, preparar tudo {CT|pr=para o} dia seguinte – que é no domingo – estar tudo em ordem: estão as alcatras feitas, {fp} a carne da sopa salgadinha, do sábado, que é para no domingo de manhã então é que a gente prepará-la {CT|pa=para a} sopa.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC14-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03a <b>min:</b> 45:08-45:35	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 14	<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04

INF Para fazer uma alcatra eu tenho de botar uma média de três quilos de carne dentro num alguidar.  
 {pp} Eu tenho que deitar um bocado de banha – ou seja gordura, como queiram chamar –, {fp} meia barra de manteiga, uns{fp} três, quatro dentes de alho –, quer dizer, isto são moídos –, cebola picada miudinha...

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC15-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Bráulio <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03b <b>min:</b> 00:00-01:10	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 15	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF1 Feitas com vinho de cheiro. {pp} Não leva água; só o vinho. O molho que ela leva é só de vinho, a {PH|nẽ=não} ser que tenha banha e tenha manteiga – não é? –, que se derrete depois de ela ir {CT|pɔ=para o} forno.

*INQ Portanto, nesta, neste, nestes temperos... Pois, portanto, leva o vinho de cheiro para ter...*

INF1 Leva o vinho de cheiro. Depois de ter os temperos todos, a gente enche-a de vinho.

*INQ Sim, sim.*

INF1 Sim senhor. E depois é coberta com papel de prata, que a gente chama. Um papel americano que eles têm aí em rolo. Nem sei se há português já, se não.

INF2 Pois, um papel...

INF1 É, um...

*INQ Ora bem, esse papel que usam é um papel de estanho, é um papel assim?...*

INF1 Exactamente. É um papel brilhante que o lume não pega. A gente {PH|'kɔβrilez=cobre-as} bem cobertinhas, e depois pica com um garfo, por causa de o calor absorver dentro, e ela coze e {PH|nẽ=não} chupa aquele molho. Quer dizer, fica muito cheinha de molho e muito bem cozida. Fica muito saborosa. Muito mesmo. No forno de lenha e não a gás!

*INQ Mas este cozer da alcatra já é feito no domingo?*

INF1 É no sábado.

*INQ No sá... Ah, no sábado!*

INF1 É do sábado {CT|pɔ=para o} domingo.

*INQ De sábado para domingo, pois.*

INF1 É do sábado {CT|pɔ=para o} domingo. É, sim senhor.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC16-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03b <b>min:</b> 02:06-03:33	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 16	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF No domingo da manhã, eu vou-me lá ter. Quando é à volta das seis horas da manhã, eu estou em casa do imperador. Há um bombão grande; quando há o bombão grande, toda a gente sabe que eu que cheguei. Pois toda a gente se chega para ajudar. E então há aquela distribuiçãozinha de {fp} massa doce – não é? –, um calicezinho de aguardente, e depois então uns vão buscar as panelas {CT|p=para o} pé de mim – eu armo as panelas –, outros vão buscar uma mesa, outros vão buscar a carne, deitam em cima da mesa e uns alguidares grandes – destes alguidares que é de amassar – [Able{fp}] para lavarem a carne. Vão buscar água, deitam a carne dentro nos alguidares e é lavada duas vezes, com duas águas.

*INQ Portanto, essa é a água da sopa, é a carne da sopa?*

INF A carne da sopa.

*INQ Pois, pois.*

INF É lavada duas vezes. E depois eu vou-me então deitando nas panelas. Quer dizer que vou distribuindo a carne por qualidade, botando peito e rabadilha, {fp} quer dizer, nas panelas todas, para uma não levar só peito, a outra não levar só rabadilha, a outra não levar só da parte da perna mais seca – não é? –, para ficar toda dividida por igual, para dar toda o mesmo paladar. {fp} Depois de pôr a carne nas panelas, pois deito os temperos {pp} e {fp} a manteiga, quer dizer, são os temperos todos que nós já nomeámos.

*INQ Pois, pois, pois, sim, sim senhor.*

INF Quer dizer que parece que {IPltẽw̃=estão} todos nomeados já esses.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC17-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03b <b>min:</b> 04:06-04:26	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 17	<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04

INF E as pessoas então, enquanto isso se {IP|ta=está} a cozer, as pessoas estão já a picar sopas. E há um homem encarregado a deitar uma folha de hortelã em cada uma terrina de sopa. Ali debaixo das sopas. Como também se deita nas panelas um galhinho de hortelã em cada uma panela.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC18-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03b <b>min:</b> 07:06-10:29	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 18	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF Dez e meia, onze horas, [ABlo{fp}] o Senhor Espírito Santo segue {CTlpa=para a} igreja –  
{IPlta=está} a perceber? –, acompanhado com a filarmónica.

*INQ Pois.*

INF Antes de ele seguir {CTlpa=para a} igreja, há uma distribuição de massa doce e vinho a essas  
pessoas que vão {CTlpa=para a} igreja {pp} acompanhar. {pp}

*INQ E...*

INF Vai {CTlpa=para a} igreja, quando chega à igreja, o senhor padre coroa. Quando o senhor padre  
coroa as três coroas, há três 'bombões' daqueles muito grandes.

*INQ Quem é que ia coroar? São crianças ou?...*

INF São três crianças que vão convidadas para ser coroadas. {pp} E depois da coroação há a missa.  
{pp} De seguida à missa, o cortejo segue com destino a casa do mesmo imperador donde veio. {pp}

*INQ Nessa altura já está tudo preparado?...*

INF {IPlta=Está} tudo preparado quando chegam. Assim que chegam, senta-se as crianças todas que lá  
{IPltẽw=estão}. Porque as crianças que lá {IPltẽw=estão}, quando o Senhor Espírito Santo vai daqui  
para casa do imperador, eu, que estou lá, junto as crianças todas num cortejo. Quer dizer, com o seu  
cestinho na mão, [ABlaqueles] mesmo aquelas senhoras que vão com um bebé {PHlõ=ao} colo buscar  
a sua esmola – não é? –, e {IPlta=está} com um cestinho ou um {PHlsø'fati=açafate}, ou qualquer  
coisa, mas põe-se tudo em cortejo, para um lado e outro. E eu ponho-me à frente e mais um outro  
homem e a gente vem esperar o Senhor Espírito Santo. E aquelas pessoas trazem flores nuns pires –  
não é? – e deitam para cima das coroas. E quando a gente chega lá a casa do imperador, pois primeiro  
que tudo senta-se as crianças todas a comer. Quando as crianças acabam de comer, formam todas, cá  
fora, e há a distribuição das tais ditas tigelinhas de sopa e as {PHlbĩ'dejrẽ3=brindeiras} – {IPlta=está} a  
perceber? –, e a filarmónica a tocar. Depois dessa distribuição, então há o jantar das pessoas adultas,

{pp} todas. {pp} E{fp} depois desse jantar das pessoas adultas, há então outra vez a mudança da coroa para casa do outro novo imperador que já está à espera.

*INQ Pois, são essas pessoas... É o imperador e os convidados que levam a coroa?...*

INF Vão levar a casa do outro. Isso já é {CT|pra=para a} outra semana. Vai levar a casa do outro; quando chega a casa do outro, o outro lá está a esperá-lo com muitos foguetes, {IP|ta=está} a perceber? {pp} Quando recebe, toda a gente espera, ele faz uma distribuição de massa e vinho por aquelas pessoas todas. E depois agradece e a filarmónica faz-lhe uma tocada também a agradecer e viram todos cada qual {CT|pa=para a} sua casa. Essa semana acabou por completo.

*INQ Acabou.*

INF Acabou. Na segunda-feira, este homem que deu esta função, na segunda-feira tem lá os seus convidados para lavar as louças – não é? – e preparar tudo para vir fazer a entrega aqui de tudo quanto... Também tenho muitas pessoas lá a trabalhar na segunda-feira.



<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC19-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Bráulio <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03b <b>min:</b> 10:40-16:33	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 19	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF1 São seis semanas seguidas, tal e qual como isto é. Seis semanas seguidas. Ou seja, oito seguidas, que são [ABloito] oito semanas.

*INQ Pois, porque são as seis domingos a seguir à Páscoa, mais o Espírito Santo, mais a Trindade?*

INF1 Exactamente. {pp} [ABlExa-] {pp} Exactamente.

*INQ E as domingos do Espírito Santo e da Trindade são iguais a estas?*

INF1 São, são, são. Quer dizer...

INF2 Não são, não. (Ele tem a distribuição) do compromisso, não é?

INF1 É exactamente. É a distribuição do bodo, é as tais...

*INQ Pois. Mas a do Espírito Santo é igual à da Trindade?*

INF1 É exactamente.

*INQ Pois. E qual é a única, o que é que tem de diferente? O que é que se faz de diferente?*

INF1 Não. É não haver o bodo. [ABlOs úl-] Os primeiros seis, não há bodo aqui {pp} no arraial; só há aquela festa em casa do imperador {pp} que prometeu isso, não é?

*INQ Do imperador, pois.*

INF1 E aqui há o bodo dos irmãos todos da freguesia.

*INQ Então, conte como é que é esse bodo da?...*

INF1 O bodo [ABl é o {fp}] é no {fp} domingo da Trindade, não é? É.

*INQ No domingo do Espírito Santo não fazem?*

INF1 É. São dois domingos.

*INQ Dois domingos.*

INF1 É.

*INQ Um que se chama do Espírito Santo e o outro que se chama da Trindade?*

INF1 Um Espírito Santo e o outro {pp} da Trindade. São os dois.

*INQ E em qualquer deles há bodo?*

INF1 Sim senhor.

*INQ E o bodo então faz-se?...*

INF1 [ABIO bodo] No dia do bodo, então, o Senhor Espírito Santo quando sai daqui da igreja, que vem de casa do imperador

*INQ Pois.*

INF1 coroadado, vem acompanhado com o senhor padre e a filarmónica e vêm, entra tudo aqui dentro, na despensa. Vem benzer o pão. Depois de benzer o pão, o Senhor Espírito Santo vem para aqui. E o senhor padre recebe ali [ABluma] uma rosquilha e um pão de bodo, que vem a ser um pão de água. E vai-se embora. Os mordomos, depois então, e mais as pessoas que convidam {fp} fazem uma distribuição aqui neste largo a toda a gente que aparece aqui. E há dois homens no caminho: um naquela ponta, outro nesta; todas as pessoas que passarem, de fora da freguesia, quer seja de carro, quer seja de camioneta – não é? –, toda a gente tem que parar e entrar aqui dentro. Entram aqui, {fp} comem massa, bebem vinho. Não entram cá... Ninguém {PHli|=lhes} chama para dar nada, não é? Esse que quer dar alguma coisa, dá; dá porque quer. E {fp} há a distribuição em geral, para toda a gente. Depois de essa distribuição feita, há uns foguetes, muitos foguetes, que se acabou o bodo. As pessoas cada qual vai para sua casa. {fp} [ABIO{fp}] O imperador tem os seus convidados todos e segue com o cortejo, com o império, {CTlpa=para a} sua casa; e lá vai dar o mesmo jantar que se deu nas semanas de anterior, {IPlta=está} a perceber? Quando dá o jantar, volta para aqui {pp} da parte da tarde. Vem para aqui e então aqui ele traz umas rodas de carne, traz {fp} {PHlsə'fati=açafate} com laranjas, traz duas latas de queijadas, traz duas latas de suspiros, ou seja, um cento de cada: um cento de laranjas, um cento [ABlde{fp}] de suspiros e um cento de queijadas. {pp} Quando ele chega aqui, àquelas pessoas que foram na vereança – que a gente chama àquele que foi coroadado, e ao que leva aquela insígnia, ao outro que leva a bandeira, e que vem a ser trinta pessoas –, ele dá um serviço a cada pessoa. Serviço esse que a gente chama que é: uma laranja, uma lima e uma queijada, {pp} e um suspiro – uma laranja, {pp} uma queijada e um suspiro! – {pp} que ele oferece a cada um. E oferece o mesmo aos mordomos que estão ali, que são aqueles que tomam conta do pão e do vinho, {IPlta=está} a perceber? E depois disso, saem os rapazes... Ele, nessa altura, a filarmónica está a tocar ali no adro, toda a tarde, toca ali. {fp} Saem uns rapazes com esses serviços – que a gente lhe chama, não é? – nuns pirezinhos, e vão aí por esses rapazes que estão namorados, distribuírem um; e depois o rapaz fica com aquele serviço – não é? –, dá dois escudos e meio ou cinco escudos na bandejinha, e depois, pega, lá vai oferecer à sua namorada aquilo, como foram oferecer a ele.

*INQ Pois é.*

INF Uma coisa [ABlque vem] que eu sempre me lembra de isso se fazer. E {fp} o bodo continua assim durante a tarde. Quando é ali à tardinha, há muitas pessoas que oferecem uma galinha ao Senhor Espírito Santo e, às vezes, junta-se aqui umas vinte, vinte cinco galinhas, não é? Há uma arrematação, {pp} aqui, onde essas pessoas que estão aqui presentes – que isto tem aqui muita gente, não é? – [ABle{fp}] dão em picar e arremata-se as galinhas aqui.

*INQ Portanto, essas galinhas foram oferecidas em promessas, pois?*

INF Foram oferecidas em promessa, não é?

*INQ Pois, pois.*

INF [AB|Depois{fp}] Como também há pessoas que oferecem um leitão. Vêm aqui {pp} à porta e a gente arremata-o aqui, toda a gente está aqui, e o que mais dá é que fica. Como também há muitos que oferecem um bezerro; também há muitas pessoas que oferecem um bezerro.

*INQ Tudo isso é arrematado nessa altura?*

INF Tudo isso é arrematado nessa altura. É os rendimentos que esta casa tem são esses, não tem mais.

Depois a gente aí faz contas {PHl=ao} dinheiro. Se a gente diz: "Olha, pois então este ano temos dinheiro que a gente talvez pudesse compensar aquilo que a gente tem em falta" – não é? –, lá a gente utiliza o dinheiro logo naquela falta que temos, {IP|ta=está} a perceber? A gente praticamente {IP|temu|=estamos} sempre em dívida. A gente entrega sempre dívida de um procurador {PHl=ao} outro. Nunca {IP|tri'gemu|=entregamos} dinheiro. Porque{fp} – o senhor sabe? – {pp} eu estou, quero fazer o mais e o melhor possível – não é? –, pois trato de fazer tudo por tudo, ele chego {PHl=ao} fim não tenho dinheiro, pois gasto algum da minha algibeira e tomo nota e apresento facturas – não é? –, e{fp} {CT|pr=para o} ano que vem nomeio aquele. Depois digo: "Olha, tem paciência, eu dinheiro {PH|nẽ=não} tenho! Entrego-te a dívida"! E ele vê por qual é a razão que eu entrego dívida – não é? – e procura trabalhar durante o ano, compensar algumas coisas que faltam – não é? –, e no fim do ano, coitado, também vê-se à rasca, não entrega dinheiro, entrega dívida.

*INQ Dívida também.*

INF Pois é, porque também vai fazer mais do que aquilo que (ele) pode.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC20-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALE <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03b <b>min:</b> 16:59-18:57	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 20	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF Quando se tira os pelouros, acaba-se o bodo,

*INQ Acabou-se.*

INF acabou-se a festa.

*INQ Como é que é isso de tirar os pelouros, como é que é?*

INF Os pelouros, vamos lá, {fp} colocam-se num boné – não é? –, e{fp} a gente faz, por exemplo, oito bilhetinhos. Por exemplo, o senhor tem uma promessa, diz: "Olha, eu daqui a um ano quero ir tirar um pelouro". Aquele também quer ir junto tirar um pelouro. Ele são oito domingos. Mas vamos lá que tenha dez ou doze, não é? E a gente faz dez ou doze, tal e qual os que tem.

*INQ Com quantos querem pedir, não é?*

INF Sim senhor. Com o nome deles todos. E a gente torce aquilo bem torcido e deita-se aqui dentro no chapéu – não é? –, {IP|ta=está} aqui. As pessoas são todas chamadas para aqui; e depois de estarem aqui, a gente revira isto – não é? – de trás para diante e depois abre aquilo {pp} e cada qual tira por sua vez. Por exemplo, eu tiro e o senhor abre. E o senhor diz: "Olha, o primeiro domingo". E aquele {IP|ta=está} à porta e diz: "Olhe, fulano tal, Brás Elias, tirou o primeiro domingo, para todo o ano"... E eu levo o Senhor Espírito Santo todo o ano para minha casa, porque tirei o primeiro domingo. Levo até {PH|o3=aos} domingos em que se começa as funções.

*INQ Ah, portanto, o imperador do primeiro domingo tem a coroa do Senhor Espírito Santo em casa?*

INF [AB|Todo] Todo o ano. [AB|E ele também]

*INQ Uma das coroas?*

INF Uma coroa.

*INQ Uma ou tem duas?*

INF Não. Uma, durante o ano anda em casa de pessoas a pagar promessas, oito dias.

*INQ Ah, pois.*

INF Pessoas que querem rezar, que {PHInã=não} têm possibilidades de dar a função – não é? –, pois levam o Senhor Espírito Santo oito dias para rezar o terço. Depois lá tem um outro pobre que também pede o Senhor Espírito Santo oito dias para sua casa para rezar o terço... É, assim, destas pessoas que são devotas mas que não tem possibilidades de poder dar uma função, {IPIta=está} a perceber?

*INQ Pois.*

INF Que ainda mesmo assim, todos esses que dão funções, {fp} muitos são ajudados. Há um, dá uma saca de farinha, o outro {fp} dá um bezerro, o outro dá gordura. Quer dizer, há muitas pessoas que oferecem muitas coisas mesmo. Muitas!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC21-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Brás <b>Idade:</b> 53	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER03_1979 <b>faixa:</b> 1acter03b <b>min:</b> 19:12-20:13	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 21	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF Tirando os pelouros, acabou.

*INQ Acabou-se.*

INF {fp} Já se sabe quem é que vai ter todo o ano, não é? Quando se sai daqui com o Senhor Espírito Santo à noite, vai-se levar a casa daquela pessoa que está de parabéns porque teve o Senhor Espírito Santo todo o ano. A gente vai-{PHlli=lhe} lá levar o Senhor Espírito Santo e ele lá faz uma distribuição – muito satisfeito porque (o) recebeu – com massa e {fp} vinho e cada qual segue {CTlpa=para a} sua casa durante o ano.

*INQ Portanto, esse, da pri-, da primeira domingo? Esse...*

INF Esse que vai ter a primeira domingo. Sim senhor.

*INQ Pois. E essa primeira domingo faz distribuição?...*

INF Faz porque ele {pp} tira aqui o pelouro no primeiro bodo. Há dois bodos: o primeiro e o segundo bodo.

*INQ Pois.*

INF Ele tira no primeiro bodo. Já sabe que de hoje a oito dias que o Senhor Espírito Santo que vai para sua casa à noite. Depois de o outro dar o seu jantar e de terminar o bodo, já sabe que ele que vai para sua casa. Nessa altura já vai enfeitar a sua casa e vai cozer a sua massa para esperar as pessoas que vão lá levar o Senhor Espírito Santo.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC22-C	
<b>Localidade:</b> Bicoitos <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Angra do Heroísmo <b>Data:</b> 1981
<b>Informante1:</b> Cadmo <b>Idade:</b> 59	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC1101_1981 <b>faixa:</b> 1AC1101a <b>min:</b> 13:13-13:44	
<b>Assunto:</b> A vinha	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 22	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ1 Portanto, este, e depois quando cresce, como é que se chama a isto?*

INF É a vara [AB]da, do] de o mexer.

*INQ1 Que é igual a esta vara anterior?*

INF Não senhor. [AB]Esta] Esta vara é cortada aqui. Esta vara até está grande, esta vara é cortada aqui.

E esta é que segue. Esta é que... Este olho que sai daqui é que é o pé. {pp} Isto {PH}nẽ=não} tem...

Isto aqui para baixo {PH}nẽ=não} tem mais arrebento, nem tem mais nada. [AB]Aqui] Daqui é que

nasce o pé. {pp} Rebenta, é um enxerto como a gente diz, ainda é um enxerto,

*INQ1 Pois.*

INF no outro ano, a gente {PH}põdiu=poda-o}. É a primeira poda, segunda poda, terceira poda e dali é

que cresce o pé de vinha.

*INQ2 Pois.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC23-C	
<b>Localidade:</b> Biscoitos <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Angra do Heroísmo <b>Data:</b> 1981
<b>Informante1:</b> Cadmo <b>Idade:</b> 59	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1AC1101_1981 <b>faixa:</b> 1AC1101a <b>min:</b> 18:54-21:37	
<b>Assunto:</b> A vinha e o vinho	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 23	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ Olhe, eu... Importa-se de dizer então como é que se costumava fazer a vindi-, como é que costuma fazer a vindima aqui?*

INF A gente aqui costuma fazer a vindima: {IP|'təmuz=estamos} [AB|a] a apanhar as uvas, ele os bagos que estão verdes, a gente tira e deixa os maduros.

*INQ2 E põe-se para dentro de quê?*

INF [AB|Os] Os verdes vão para fora e o maduro {CT|pɔ=para o} cesto de asa, que {fp} a gente vindima com uns cestos que têm uma asa, que a gente anda todo o dia com aquele cesto, quando aquele (...) está cheio, despeja-se.

*INQ1 Para dentro do cesto?*

INF Para dentro de um outro cesto de duas asas.

*INQ2 Grande já?*

INF Grande.

*INQ1 E depois, desse cesto é que, é que se...*

INF Desse cesto, a gente, então, ou acartamos {fp} às costas {CT|pa=para a} adega, ou acartamos num carro, ou acartamos num balseiro, como a gente tratam – que a gente tratava aqui um balseiro. Já hoje [AB|já to-] já toda a gente acarta só em cestos, mas nalgum tempo era... Levavam balseiros uns grandes, que levavam vinte{fp} e dez e{fp}...

*INQ2 Mas era, o balseiro era de madeira?*

INF É de madeira.

*INQ1 Era assim... Era aberto em cima e era sobre o comprido, redondo?*

INF Era, sim senhor, sim senhor. Redondo, largo, que a gente despejavam o cesto.

*INQ1 E era mais largo em baixo e mais estreitinho em cima? Era...*

INF Mais estreito em baixo e mais largo em cima.

*INQ1 Rhum-rhum.*



INF Levavam em carros de bois, é que acartavam. Naquele tempo usava-se muito.

*INQ2 Um carro de bois levava um balseiro, não?*

INF Levava dois.

*INQ2 Dois balseiros?*

INF Dois balseiros.

*INQ1 Olhe, mas quando se estava, quando se fazia a vindima num sítio, às vezes voltava-se atrás para ver se ainda havia...*

INF {fp} Fazer o rabusco. Isso é que era rir.

*INQ1 Isso é que era rir?*

INF Isso é que era rir, irem fazer o rabusco, que eles dizem que era o rabusco.

*INQ2 Mas era os, os homens que andavam na vindima é que iam, voltavam atrás ou eram os miúdos?*

INF Pois, voltavam atrás porque (ele) pagava para isso. Pagava para isso. Chegou-se a fazer duas e três pipas de vinho.

*INQ1 Com o rabusco.*

*INQ2 Só com o rabusco?*

INF Com o rabusco. Há anos que eu tenho enchido... Ah senhor, ele teve aqui cerrados, [ABlaqui n-] aqui nesta lomba, que uma quarta de chão dá mais duas – o tio Elmano vai dizer que é três –, três pipas de vinho, uma quarta de chão. ("Oh, é um nabo")! Aquilo para encher um cesto de duas asas, para encher um cesto de duas asas era [ABlnu-] numa vara. Eu cheguei a ver, ainda era acolá em baixo, num cerrado que era do meu pai, naquele cerrado de baixo, era uma haste {pp} que estava ali. [ABIUm ce-] A gente nem sequer usava [ABlo ce-] os cestos de vindima – como a gente dizem o mais pequenino – a gente nem sequer usava o cesto de vindima. {pp} Aquilo era um instante para encher um cesto! Mas também aqui para baixo um homem passa um alqueire de chão {pp} para encher, às vezes, um cesto, porque {PHlnẽ=não} tem vinha, também já {PHlnẽ=não} tem vinha, que isto aqui para baixo está tudo despachado. Eu cá das vinhas que eu trabalho hoje... Eu faço é muitas vinhas, mas das vinhas que eu trabalho hoje, aquilo é tudo para mim {pp} e {PHlnẽ=não} ganho nada. {pp} A gente passa um alqueire de chão [AB|para dar] para dar o barril de vinho e há-de ter algum de menos! Aqui para baixo {IP|ta=está} tudo despachado. É onde fazia o vinho melhor.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC24-C	
<b>Localidade:</b> Bicoitos <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Angra do Heroísmo <b>Data:</b> 1981
<b>Informante1:</b> Cadmo <b>Idade:</b> 59	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC1101_1981 <b>faixa:</b> 1AC1101a <b>min:</b> 34:00-34:52	
<b>Assunto:</b> A vinha e o vinho	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 24	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ* A partir de quanto é que se trata por tonel? A partir de quantos, quantos potes ou quantas pipas?

INF Então pois, isso então é... {fp} Quatro, cinco, seis, sete, oito, até dez, onze, doze, há {fp} pipas aí grandes. Há pipas muito grandes. O senhor reparou: [ABlesta] isto {fp} {PHlnẽ=não} é posta cá, não há disto. Isto é em ferro. (Ele) não é posta cá. {fp} A viga do lagar, a viga do tal dito lagar era mais apertadinha uma coisinha do que isto. Mas é justamente isto. A gente rolhava era com uns panos. Com uns panos é que a gente rolhava, para rolhar por dentro e rolhar por fora. Quando queria tirar o vinho, a gente arregaçava-se, ia lá baixo, arrancava os panos e aquilo [ABlca-] corria nesta calha, {CTlɔʃ=para os} tais ditos, {CTlɔʃ=para os} tais... Não era para um balseiro tanto alto como aquele, podia ser era mais largo, mais baixo, porque não cabe debaixo [ABldo] da bica do lagar.

*INQ* Pois, pois.

INF {PHlnẽ=Não} cabia bem debaixo da bica do lagar.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC25-C	
<b>Localidade:</b> S. Brás <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Caetano <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1ACTER01_02_1979 <b>faixa:</b> 1acter01b <b>min:</b> 00:40-04:24	
<b>Assunto:</b> A vinha e o vinho	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 25	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF Os alambiques antigos, [ABlo, o] o lume, o lume... Os alambiques antigos, {fp} que ainda hoje há, e lá fora também ainda usam alguns, o vinho, por exemplo, andava debaixo das borras (...). E era ali [ABlo ca-] o que chamavam o capacete, havia um tubo {pp} que saía, um tanque de água onde havia uma serpentina [AB|para, para, para] {CT|pa=para a} condensação do{fp} vapor da aguardente, {pp} e saía.

*INQ Pois, pois.*

INF Mas esse alambique [RPlesse alambique] tinha que ser queimado e restilado ou destilado como {PH|li=lhe} chamavam. Este não. Este automaticamente a aguardente sai pronta. Automaticamente sai pronta. Visto que a primeira coisa é dois arrefecimentos e é o vapor de água [AB|que vai aquecer] é que vai aquecer a borra, ou o vinho que está... Ou o bagaço! Enquanto que no vinho ou borra, eu não posso pôr aqui mais do que um terço [AB|de {fp}] de capacidade, até esta curva. De bagaço {pp}, posso enchê-lo. Porque o vinho ou a borra aumenta de volume; parece que não, às tantas, saía lá (de) fora a{fp} borra ou o vinho. É. Isto é simplesmente o{fp} vapor da água que vai por aqui – não é? –, {fp} entra assim aqui; esta torneira é que regula o vapor {PH|o=ao} fundo, {PH|o=ao} fundo aqui da caixa; {pp} há um (cano) que leva o vapor {PH|o=ao} tubo – [ABlo va-] o vapor {PH|o=ao} tubo –, de maneira que {pp} quando [RP|quando] chega à temperatura, que é uma alta temperatura, começa a evaporar (como o) álcool – não é? –, sobe ali; sobe [AB|naquela, na] para aquela lentilha, ali há um pequeno arrefecimento, depois torna a subir e vai sair ali a aguardente. Ali, ali é que não é serpentina mas sim tubagem. Tem ali vinte e cinco tubos, e como estão [AB|vinte ci-] vinte cinco pingos constantemente a pingar, fazem uma bica de aguardente.

*INQ Pois, pois, pois.*

INF Porque é como lhe digo: ele aqui entra a água fria... Eu abro a torneira, {IP|ta=está} a entrar aqui água fria, e automaticamente está sempre quente {pp} daqui para cima. É porque há a condensação e sai aguardente ali.

*INQ Pois.*

INF É um alambique que eu fui comprar {PH|o=ao} Porto, [AB|em] em 1963, à Rua dos Caldeireiros.

Há mais...

*INQ Mas antes disso fazia, fazia por aquele processo antigo, antes de comprar este alambique, fazia...*

INF Não, não tinha.

*INQ Não tinha?*

INF Não tinha. Não tinha. Havia aqui na altura dois alambiques antigos mas acabaram [AB|por] por fechar porque estas máquinas dão mais...

*INQ Mais produção, não é?*

INF Exacto. Mas, mas havia... E não há tanto [RP|tanto] desperdício. Não há tanto desperdício. Quer dizer, (é para) mais aproveitamento das aguardentes.

*INQ Pois. O que é que fazem ao bagaço depois de ser utilizado aqui assim para fazer a aguardente? O que é que fazem àquilo, aos restos?*

INF O resto [AB|é um, {fp} é um, é] nem para estrume serve. É muito (fraco). É muito pobre.

*INQ Não serve para nada?*

INF Não, não serve para nada. É muito pobre. É um estrume muito pobre, muito fraco! É um estrume até que tem muita acidez, não é próprio para [RP|para] deitar nas terras, até que pode [RP|pode] prejudicá-las visto ter muita acidez. [AB|É um] É engraçado, há uma coisa que se dá muito bem [AB|com] com aquele estrume, é a cebola. Será porque a cebola é também uma coisa ácida [AB|e, e, e, e, e, e]?

*INQ Pois.*

INF É curioso, porque a gente deita na terra [AB|aquele] o{fp} bagaço,

*INQ Nas cebolas. Pois.*

INF mistura-o na terra, plantamos as cebolas, ou o cebolinho, e{fp} a cebola gosta muito daquilo. Será? Não sei.

*INQ Pois, há alguma, há com certeza alguma razão para, para se dar bem...*

INF Cientificamente, não sei dizer. De resto, há muitas plantas que não gostam mesmo. [AB|Até que{fp}] Até que prejudica as plantas.

*INQ Pois, pois, pois.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC26-C	
<b>Localidade:</b> S. Brás <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Caetano <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1ACTER01_02_1979 <b>faixa:</b> 1acter01b <b>min:</b> 05:22-06:22	
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 26	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ1 Essas botijas também são para servir de vasilhame?*

INF Não. Eu tenho essas botijas para aí mas não [RPInão, não]... Eu já fiz uma de lata (...). {fp} De maneira que eu tinha isto mais ou menos bem arranjadinho; tinha sempre [ABlas] as aguardentes e os licores aqui...

*INQ2 Pois, pois.*

INF Tinha um alvarazito [ABlde, de] para poder fazer licores. {pp}

*INQ2 Os garrações são tão bonitos.*

*INQ3 São. Isso também vem lá de fora, claro?*

INF Como?

*INQ3 Esses garrações vieram do continente também? Ou...*

INF Vêm. Pois [ABleu encont-] eu comprei isto {fp}... Já me ofereceram a mil escudos por cada garração. Os americanos são uns doidos para levar isto, para lhe deitar não sei quê e não sei que mais. Deitam [ABluma flo-] uma flor seca...

*INQ2 Pois, pois.*

INF Uma flor seca nos topos das escadas e não sei que mais... Não, mas eu não... Não, {PHInẽ=não} vendo. Pode ver, estas comprámos a cinquenta escudos; quatro contos que me dessem agora, eu não vendo. [ABlPrimeiro] E vinha [ABlcom] com água destilada e mais não sei quê que vinha de...

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC27-C	
<b>Localidade:</b> S. Mateus <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Angra do Heroísmo <b>Data:</b> 1981
<b>Informante1:</b> Caio <b>Idade:</b> 47	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1ACTER01_1981 <b>faixa:</b> 1acter01a <b>min:</b> 01:26-02:38	
<b>Assunto:</b> A pesca	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 27	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ1 E depois os anzóis levam isco ou não?*

INF Não. [AB|Le-] Leva a isca. Leva chicharro miúdo.

*INQ1 Ah!*

INF A gente tira a polpazinha do chicharro e deita aqui.

*INQ1 Quando está a pôr a polpa do chicharro, o que é que diz que se faz, que está a fazer?*

INF A gente, a gente deita dentro numa caixinha... {pp} A gente deita [AB|do] dentro numa caixinha, e depois a gente vai {CT|pa=para a} pesca, quando chega {PH|o=ao} lugar da pesca, a gente {fp} amarra uma pedra, {pp} que a gente chama, que é o calhau, amarra aquele calhau na gorazeira e a gente vai arreando anzol por anzol, pela água abaixo; e depois quando acaba o último anzol, a gente [AB|deita] amarra [AB|numa, nu-] numa linha e depois é que corre.

*INQ1 Ah, sim senhor.*

INF Quando se chega {PH|o=ao} fundo, a gente sente... Porque a gente sente o peixe a bater, {pp} e quando a gente diz {PH|o=ao} nosso colega: "Olha, {IP|'tami=está-me} a pegar a peixe", o nosso colega {PH|e'riê=arreia} atrás de mim. Depois, eu puxo... Depois ele de chegar {PH|o=ao} fundo, eu volto para cima. Chego com o meu cá acima {fp}, tiro-{PH|li=lhe} os anzóis para fora, {fp} {PH|e'riú=arreio} outra; quando chego {PH|o=ao} fundo, o meu colega vem para cima. É assim, vai um para baixo, e outro para cima.

*INQ2 Mas é com o barco parado ou com o barco a andar?*

INF É com o barco parado.

*INQ2 E aqui...*

INF [AB|O bar-] Com o barco parado, com a poita {PH|o=ao} mar.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC28-C	
<b>Localidade:</b> S. Mateus <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Angra do Heroísmo <b>Data:</b> 1981
<b>Informante1:</b> Caio <b>Idade:</b> 47	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1ACTER01_1981 <b>faixa:</b> 1acter01a <b>min:</b> 16:06-16:36	
<b>Assunto:</b> Os barcos e a pesca	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 28	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ* Não havia uma coisa que quando era para puxar os barcos que se andava assim à volta, metiam-se quatro ou cinco paus e aquilo era uma coisa assim e as pessoas iam andando e o, e o cabo ia and-...

INF Isso é... Eu sei o que é. Isto [ABlele] eu parece-me que se isso esteve aqui que eu {PHlnẽ=não} me lembro. Eu sei que houve foi lá [ABlno] no Negrito – [ABlde pux-] de puxar as baleias.

*INQ* Pois.

INF Isto houve lá fora. Aqui que eu não me lembro. Aqui, eu lembro aqui [ABlé, é] foi esses guinchos que {PH|f'garẽ=chegaram}, que tem ali. Tem ali aquela máquina [ABlali de-] ali dentro e tem outra ali {PHl=ao} lado, que é a de a gente virar assim – quando falta a luz!

*INQ* Pois.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC29-C	
<b>Localidade:</b> S. Mateus <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Angra do Heroísmo <b>Data:</b> 1981
<b>Informante1:</b> Caio <b>Idade:</b> 47	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1ACTER01_1981 <b>faixa:</b> 1acter01a <b>min:</b> 21:19-21:40	
<b>Assunto:</b> Os barcos e a pesca	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 29	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ Olhe, e então, e às vezes quando não havia vento ficava assim?*

INF Pois, ficava em balanço, pois. {fp} A pessoa asperge o pano.

*INQ Mas como é que dizia que o barco ficava? Portanto, quando deixava de poder andar, ficava ali parado assim um bocado...*

INF [AB|(Ele) a gente] A gente, a gente nem sequer ficava parados vez nenhuma. Quem fica parados é esses que {PH|'ẽdẽj}=andam} a passear! A passear. A gente, a gente quando via que {PH|nẽ=não} havia vento, a gente arreava o pano para baixo e toca a remar.



<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC30-C	
<b>Localidade:</b> S. Mateus <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Angra do Heroísmo <b>Data:</b> 1981
<b>Informante1:</b> Caio <b>Idade:</b> 47	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1ACTER01_1981 <b>faixa:</b> 1acter01a <b>min:</b> 24:16-25:49	
<b>Assunto:</b> Os barcos e a pesca	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 30	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ1 Aquele que é o dono do barco, portanto, quem é que manda no barco como é que se chama?*

INF A gente, ele [AB|{fp}] à moda da Madeira é o arrais e aqui é o mestre.

*INQ1 O senhor também andou à pesca na Madeira, foi?*

INF Não senhor. Eu já {fp} andei à alvacora mas já foi há muito tempo.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF [AB|Aquela] Aquela pesca dava tanto como essa.

*INQ1 Dava quê?*

INF Dava tanto como essa. Nenhuma delas dá nada! {pp} Eu já experimentei tanta vida {pp} e o dinheiro [AB|é] é cada vez menos. Já {IP|'tivi=estive} na baleia que nem sequer um par de calças me deu!

*INQ1 Mas era, onde é que arreavam aqui?*

INF Ora, se fosse preciso era aqui mesmo.

*INQ1 Era mesmo aqui?*

INF Olha aqui as lanchas a cair, oh! Esses cães, esses donos desses cães [AB|é que] é que (criam) dores à gente. [AB|E aq-, e a] E aquele balcão grande que {IP|ta=está} ali em cima... O senhor {IP|ta=está} a ver aquela casa azul?

*INQ1 Azul? Estou. Mais abaixo...*

INF [AB|Onde, onde {IP|ta=está}] Onde {IP|ta=está} aquele mastro, assim para cima?

*INQ1 Sim, sim.*

INF Aquilo é que era a {fp} companhia ali.

*INQ2 Mas já há muito tempo que deixou de?...*

INF Sim senhor. [AB|E eu] E eu agora é que me {IP|'to=estou} a queixar dos braços – [AB|é, é] (e) é das pernas – da água que eu apanhei!

*INQ1 Mas depois... Mas rebocavam as baleias para aqui ou tinham que levar para outra ilha?*

INF {CT|pɔ=Para o} Pico. A gente, a gente tinha muita vez que vinha aqui para o Negrito, {pp} a remos. A gente [AB|a gente, a ge-, aí pe-] aí penava muito. A remos! {fp} E depois a gente demos em cramar que o trabalho que era muito, {pp} depois é que deu em botar {CT|pɔ=para o} Pico. O Pico ainda foi pior, que eles [RP|eles, eles] {PH|'davĩ=davam} a conta de todo o azeite à gente o que queriam. {PH|ro'bavĩ=Roubavam} à gente!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC31-C	
<b>Localidade:</b> S. Mateus <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Angra do Heroísmo <b>Data:</b> 1981
<b>Informante1:</b> Caio <b>Idade:</b> 47	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1ACTER01_1981 <b>faixa:</b> 1acter01a <b>min:</b> 29:19-29:49	
<b>Assunto:</b> Os barcos e a pesca	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 31	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ Qual é a diferença entre o bater e o ameijoar?*

INF A diferença que é é, por exemplo: (ele) vai-se com a maré cheia bater a rede,

{PHlɛ̃gĩ'dar=guindar} com pedras... Por exemplo, bota-se a rede, encostada às pedras, e

{PHlɛ̃'gĩdesi=guinda-se} com umas pedras para ver se o peixe dá na rede, que é para ficar malhado.

[ABIE de] E de 'amejoar', é – por exemplo –, é, por esta hora, eles {PHl'dejĩ=deitam} as redes agora dentro do barco e vão 'amejoá-las'. {PHl'dejĩ=Deitam} assim a rede [RPla rede] encostada às pedras, esticadinho assim, com uma para fora, um bocadinho, e amanhã é que vão alevantá-las. Amanhã ou à meia-noite, é assim, conforme.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC32-C	
<b>Localidade:</b> S. Mateus <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Angra do Heroísmo <b>Data:</b> 1981
<b>Informante1:</b> Caio <b>Idade:</b> 47	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1ACTER01_1981 <b>faixa:</b> 1acter01a <b>min:</b> 32:20-33:10	
<b>Assunto:</b> Os barcos e a pesca	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 32	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ1 Mas há, não há umas assim que tinham um aro em ferro, assim pequenino?*

INF Ah, [ABlé um] isso é um enxalavar.

*INQ1 E, e, é, serve para apanhar o?...*

INF Isso, isso já acabou, senhor.

*INQ1 Isso já acabou?*

INF Esses pescadores já não podem pescar!

*INQ2 Porquê?*

INF Porque veio agora essas redes [ABle] e {PHldɛj}jɛmuɜ=deixámos} mesmo de ir ao peixe – o chicharrinho novo – [ABlde] de manhã... O pescador foi-se acabando. Como já não há remadores, porque agora há [ABlm-] tudo a motor, não há baleeiros [ABI{CTlpa=para a}] {CTlpa=para a} gente remar... Por exemplo: ("O que é que tu fazes"?). E já ninguém se interessava por aquela vida!

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Mas os remadores, também, isto vai-se acabando. A gente aparta aí uns quatro ou cinco rapazes [ABlpara ir] para ir à {PHlriz'gatɐ=regata}, [ABln-] numa festa que a gente faz aqui, que a gente chama que é a festa de Santo António.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF Para ir à {PHlriz'gatɐ=regata}, a gente topa aí dois ou três rapazes que queiram fazer aquilo mas nem já para eles saberem remar também, {pp} porque eles já {PHlnẽ=não} sabem.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC33-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1981
<b>Informante1:</b> Cílias <b>Idade:</b> 29	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Calígula <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> Calvino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1ACTER03_04_1981 <b>faixa:</b> 1acte04b <b>min:</b> 20:17-21:59	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 33	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ1 Normalmente cada freguesia tem uma mestre?*

INF1 É. [AB|To-] Não, não, não.

INF2 Até há freguesias em que tem duas.

INF1 (E o mais difícil é)...

INF2 E há freguesias que {PH|nẽ=não} tem nenhuma.

INF1 Há freguesias que {PH|nẽ=não} têm nenhuma, sim.

INF3 Tem-se que ir buscar (a outra freguesia).

INF2 Que vai buscar a outra freguesia.

INF1 Mas {fp} isto vem...

INF2 Por acaso, a minha mestra é uma senhora, uma senhora com a pouca idade de oitenta e oito anos!

INF1 {fp} Está lá em cima! Está ela lá em cima desde domingo, às duas da tarde.

INF2 Passou esse dia...

INF1 Passou [AB|toda a noite] a noite toda em pé.

INF2 A segunda...

INF1 Segunda, todo o dia e toda a noite em pé. Terça, até às dez da noite em pé...

INF2 Até à meia-noite! Depois descansou até às duas...

INF1 Descansou até às duas, levantou-se às duas...

INF2 Levantou-se às duas...

INF1 E nunca mais foi à cama.

INF2 Com oitenta e oito anos.

INF1 Com oitenta e oito anos. [AB|Mas] Mas é a tal [RPlé a tal] coisa: portanto {fp}, neste caso, desta senhora, prática.

*INQ2 Pois.*

INF1 Portanto, aí é a prática. Mas há outras mais novas que já {PHInũ=não} têm a prática que esta senhora tem; mas, no entanto, fazem a mesma coisa. Portanto, a preocupação está precisamente... É [ABlo] o que faz uma função possível é essa senhora.

INQ2 *Pois, é essa mestra.*

INF1 O marchante, pois, o marchante faz parte... {fp} [ABITem muita] Tem muita vontade, mas já não pode ser uma mestra. Porque a mestra faz a função, o marchante simplesmente se encarrega de partir carne. Portanto, é: o que pertence a carne, ele é que faz.

INF2 E divisões, depois distribuições dessa mesma carne para pôr na sopa [ABle]...

INF1 Pois. Mas já expliquei.

INF2 Isso já é tudo...

INF1 Isso é ele!

INF2 Ele que se encarrega de deitar sopa nas mesas, de deitar a carne fora quando queira, de deitar o vinho, {fp} o pão. A outra senhora prepara tudo, e ele encarrega-se [ABIde] de tudo. É ele que vai dividir na mesa, tudo isso.

INF1 Ele é que se encarrega da carne. {pp} A outra senhora está encarregue... Portanto, é: a gente parte de um princípio, a base é ali. Portanto, é{fp} muito interessante isso. {fp}

INF2 É muito interessante!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC34-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1981
<b>Informante1:</b> Cílias <b>Idade:</b> 29	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Calígula <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> Calvino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1ACTER03_04_1981 <b>faixa:</b> 1acte04b <b>min:</b> 22:22-27:18	
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 34	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF1 Os bailaricos folclóricos, {pp} nós também os temos cá. E isso é tradição do continente. Embora a gente saiba que é do continente, pois a gente – não é? –, a gente é a nossa tradição. Já não é o mesmo bailarico que é lá feito,

*INQ1 Claro.*

INF1 mas é idêntico.

INF2 É. [ABLe{fp}]

INF1 Portanto, herdámos de lá.

*INQ Pois.*

INF1 Mas depois foi adaptado {fp} {PHl=ao} meio açoreano. {pp} Isto não é tentar diferenciar uns dos outros. O que eu estou a dizer é que...

*INQ1 Não. Mas diferença há lá também entre uns sítios e outros. Lá também há a diferença...*

INF1 [ABlEntre{fp}] É que o{fp} açoreano{fp} realmente é um povo pacato. Gosta de estar muito entre si. É, é. Gosta de ficar na casca. São coisas...

*INQ2 Mas costumava haver bailaricos aqui depois do terço ou antes do terço?*

INF1 {fp} Antes do terço, é, o bailarico.

INF2 Antes do terço.

INF1 Mesmo agora há muito.

INF2 {fp} Agora, agora é muito diferente daquilo que a gente...

INF1 É, (ele) é. Eu costumava ver.

INF2 [ABINesse, nesse] Nesse ponto, nesse aspecto, então, está-se morrendo a tradição.

INF1 {fp} E morre.

INF2 {fp} Em que{fp} havia aquele género de baile que a gente chama cá o baile à antiga, que é um baile folclórico, mas sem preparação de ninguém, sem ensaios.

INF1 Chegava ali...

INF2 (Porque nos grupos) folclóricos, ensaiam-se; eles não. Ele chegava-se aqui e deitava-se a mão a quatro rapazes, quatro raparigas, ou oito raparigas, senão oito rapazes, não interessava, faziam aquela rodazita, iam andando, depois começava lá um, mandava: desmancha, (ou ele) quebra o baile, vira para aqui, vai {CT|pa=para a} direita, e não sei quantos; depois um cantava, depois o outro cantava, depois faziam coro, não é?

INF1 [ABI|Pois is-] Isso está...

INF2 Isso praticamente está acabado. Isso está acabado porque {fp} a juventude está toda dedicada a discos, gravações, cassetes {fp}...

INF1 Não. [ABI|Graças] Graças à música pop.

INF2 É música moderna.

INF1 Sim, é graças à música pop. {IP|ta=Está} tudo a virar para a música pop. A música pop, pois, isso é bom é para eles.

INF2 Faz barulho.

INF1 Lá nada, homem! Lá para Moçambique, Angola, para esses lados, os gajos não fazem outra coisa: batucam, não é? Mas é, no entanto, é, infelizmente... Infelizmente para nós, a tradição nesse caso está morrendo.

INF2 Está morrendo. Há muito pouquinho, muito pouquinho!

INF1 E morre! E vai mesmo.

INF2 [ABI|Ainda] Ainda se vê ele é fazer [AB|las] umas rodazitas, (muito pouco)...

*INQ2 Os cantadores, os cantadores não sei se aguentam.*

INF1 Os cantadores aguentam-se mas [AB|lsto] isto mais dia, menos dia, talvez daqui a dois, três anos já não há.

INF2 Bem, os cantadores aguentam-se mas a gente não pode garantir que se aguentem.

INF1 Nunca mais (é o mesmo).

INF2 {fp} Vamos lá. {fp} Ora, ontem as provas foram dadas aqui e é uma coisa que pode ser bem analisada através da gravação, em que nós os mais novos tentámos fazer o nosso possível, enquanto os outros, com a maior facilidade, com a maior naturalidade, fizeram o que quiseram e restou- {PH|li=lhe} tempo para fazer mais ainda. Portanto, além da grande prática que têm, têm um dom muito especial mesmo.

INF1 Ora, aquilo nasce com a pessoa!

INF2 Provavelmente os cantadores se vão manter. Eu não digo que não. Mas esses cantadores vão-se manter já mais {fp} a morrer [AB|mais um, um]... Quer dizer, nunca mais tivemos um {pp} Luís de Camões, {pp} nunca mais tivemos um Guerra Junqueiro, {pp} não é isso? {pp} Nunca mais tivemos um Bocage. Vamos tendo, vamos tendo uns certos poetas por aí abaixo, aparecem muitos, mas esses são simples (Régios). {pp} Assim sucede com o improviso.

INF1 Eh, não! Vão mudando [AB|vão]... Aí, aí tem que meter uma coisa: menciona o Vitorino Nemésio, não é?

INF2 (... ) O Vitorino Nemésio?...

INF1 Ah, não?! O Vitorino Nemésio! Menciona-o, menciona-o lá.

INF2 Sim senhor. Sim senhor.



INF1 Está lá, na nossa época.

INF2 E menciona o Antero de Quental!

INF1 Não, não. Na nossa época... Não.

INF2 E então agora vou pondo, vamos mencionar por aí abaixo os nomes de todos os poetas.

INF1 Não, não. Na nossa época, tu vais-me mencionar o Vitorino Nemésio. Ele é do nosso tempo.

Ah {fp}, o Antero de Quental já não!...

INF2 Eu também te posso mencionar até o Álamo de Oliveira que estava em (.../NPR). (...)

INF1 Ah, isso! ... [ABIEs-] Esse já é outra coisa, Esse já é outra coisa.

INF2 [ABIEu posso-te di-, eu posso dizer] Eu posso-te mencionar o {fp} Reverendo Coelho de Sousa, que é poeta completo, sem dúvidas.

INF1 Esse é um poeta (completo).

INF2 Se for um gajo a isso, eu tenho tantos para te nomear.

INF1 Isso é um poeta (completo).

INF2 Não, mas o que eu quis-te fazer foi uma imitação do que vai ser o improviso. {pp} Vai descendo, vai descendo...

*INQ2 Pois. Mas esse, esse, esse Ferreirinha que cantou era o Ferreirinha filho?*

INF2 É o Ferreirinha filho. É o Ferreirinha filho que nunca é o que foi o Ferreirinha pai. {pp} É a tal coisa {pp} das tais tradições.

INF3 Pois. Por acaso até que o conhecia, já do tempo do Trulu também e do Charrua...

*INQ2 Sim, o Charrua...*

INF2 Bem, esses então!... {pp} Esses não se fala neles! Isso é de um centenário só. Faleceram aqueles, pronto.

INF1 [ABIEsses, isso é] Em cantar, em cantar, pois, [ABInem lhe] nem comparo {PHl=ao} Camões. A cantar! Mesmo o Camões foi um poeta [ABl à sua m-]... Actuou à sua maneira. (Nem conheceu) a outra maneira.

INF2 [ABl(Repare você), a poesia] Aí há uma explicação que se pode dar: a poesia é mais fácil de escrever um poema do que fazer uma cantiga.

INF1 Uma cantiga! (...)

INF2 [ABlPorque o senhor está a c-] Vamos lá a ver, estamos aqui a cantar os dois, aquele vai-me falar naquela guerra, vamos dizer que eu não sei que ele vai falar naquela guerra (...), e eu tenho que responder, tenho que procurar responder dentro do assunto que ele me pergunta. Ora, enquanto nós se escrevemos poesia, eu hoje escrevo aqui uma frase, por aqui abaixo: "Este quadro é"... Um quadro. E penso, penso, penso, mas não arranjei; fica para amanhã! E amanhã levanto-me, vou lá e ra-ra, ra-ra!, e vou pensando até que escrevo esse poema. No improviso não pode suceder isso. Assim que o outro acabar, eu tenho que responder.

INF1 Obrigado!

*INQ1 Claro.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC35-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1981
<b>Informante1:</b> Cárias <b>Idade:</b> 29	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Calígula <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> <b>CD nº:</b> 1ACTER03_04_1981 <b>faixa:</b> 1acte04b <b>min:</b> 27:48-28:33	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> As festas profanas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 35	<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04

INF1 A cantoria eram dois indivíduos. Saltam para cima dum palco, portanto, nas festas tradicionais da ilha Terceira, portanto, que se passam na ilha toda. Cada freguesia tem a sua época de festas tradicionais, onde há a procissão, há touros, há bolos de leite, dessas coisas todas... E então há uma surpresa. Neste caso, muitas vezes, é um bailarico, mas que muitas vezes é uma cantoria. Aí, essa cantoria, portanto, já são cantores pagos – eles vão cantar pagos.

INF2 [ABIE aqui] É, é. E até se diz [AB]que o ca-] que ele vende poesia.

INF1 Sim. Não.

INF2 É que isto é pago da mesma forma.

INF1 Não, não, não. Deixa-me chegar {PH|o=ao} que eu quero chegar, homem! Portanto, esses indivíduos vão pagos. O senhor chega lá e diz... [ABIE o] Os indivíduos que estão encarregues de fazer a cantoria dizem: "[AB]Vais] Tu vais cantar com fulano"!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC36-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1981
<b>Informante1:</b> Cárias <b>Idade:</b> 29	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1ACTER03_04_1981 <b>faixa:</b> 1acte04b <b>min:</b> 29:01-29:34	
<b>Assunto:</b>	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 36	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF E eu{fp}, eu tenho vinte e nove anos e [AB]só, só estive] só assisti a uma cantoria em que um indivíduo se calou. Geralmente, nunca se cala. Quer dizer, aquilo ele continua sempre.

*INQ1 E como é que acaba?*

INF Oh, depois acabam {pp} [AB]como] como vê que nem um nem outro vence. {fp} Pedem desculpa um {PH}lo=ao} outro, dão logo um aperto de mão e acabou. Pedem desculpa {PH}lo=ao} pessoal. Mas {fp} isso, isso é que era muito engraçado!

*INQ2 Não, mas algumas vezes, eu sei que eles chegam até, assim a chamar nomes valentes.*

INF Ah, não! É a chamar mesmo nomes, quer dizer [AB]le]... Embora não sejam nomes... Mas chamam nomes –

*INQ2 Sim.*

INF ah, sim – [AB]na can-] ali na cantoria. [AB]É mui-] Isso é muito engraçado!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC37-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1981
<b>Informante1:</b> Cílias <b>Idade:</b> 29	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1ACTER03_04_1981 <b>faixa:</b> 1acte04b <b>min:</b> 30:21-31:34	
<b>Assunto:</b> As festas religiosas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 37	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF1 Mas aí o marchante tem que saber o que é que vai partir também. Por isso é que a gente chama marchante. Portanto, vem de marechal, {pp} {IP|ta=está} a perceber?

*INQ Hum-hum. Pois.*

INF1 Chamam marchante. Mas para mim, {pp} no meu entender, era marechal {pp} que eles queriam dizer, mas como falamos o calão, há muitas palavras [AB|que] {pp} que não são aquilo que [AB|que]... Quer dizer, que não são pronunciadas como são escritas. Ainda hoje, {pp} para lhe dizer a verdade, ainda hoje na nossa freguesia [AB|há] há pessoas, quando falam {pp}, que falam mas falam à antigamente e [AB|em] em vez [AB|de dizerem] de dizerem "janela" dizem 'jinela'.

INF2 Ah, isso então!...

INF1 Não, mas isto é... {IP|ta=Está} a perceber? Escreve...

*INQ O José da Lata também cantava à 'jinela'.*

INF1 Não, não.

INF2 Ele escreve...

INF1 Ele escreve "janela" mas quando pronunciar diz 'jinela'.

*INQ Claro.*

INF1 [AB|Portanto, é ele] Por isso é que eu lhe estou a dizer: o marchante é possível que se refira a marechal, sei lá! E no entanto, a gente chama-lhe marchante. [AB|É o] É a forma de pronunciar. De escrever não sei, porque até nunca escrevi, eu. Quer dizer, [AB|nunca] nunca precisei de escrever! {pp} Se eu precisasse de escrever, isso eu tinha que ir... Tinha que ir ao dicionário procurar essa palavra. Tinha que eu [AB|mal] mal sabia escrever.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC38-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1981
<b>Informante1:</b> Cílias <b>Idade:</b> 29	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1ACTER03_04_1981 <b>faixa:</b> 1acte04b <b>min:</b> 38:31-39:37	
<b>Assunto:</b> Profissões - generalidades	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 38	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ* Têm as mesmas regalias que os trabalhadores portugueses têm, sei lá, direito à aposentação, descontam? Não?

INF Sim.

*INQ* É isso?

INF Nós descontamos, nós temos coisa; só que temos no regulamento em que não podemos dizer que estamos... Temos que estar satisfeitos. {fp} Os americanos usam, {fp} portanto, assumem a nossa lei. Fazem regulamentos entre a sua e a nossa. Pois quando {PHlli=lhe} dá certo a deles, eles empregam; quando a nossa {PHlli=lhe} dá prejuízo já será uma complicação escolher entre as duas, qual é que vai dar certo. {fp}E o sindicato nada faz ali dentro, {pp} que talvez não fosse os meios de salvação. Até porque eu acho que o sindicato está a trabalhar muito mal ultimamente. Por tudo e por nada, levam logo o pessoal à greve. Mas eu não vejo razões para isso. Acção de quê?!...

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC39-C	
<b>Localidade:</b> Praia da Vitória <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Camilo <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1ACTER01_02_1979 <b>faixa:</b> 1acter01a <b>min:</b> 14:32-15:36	
<b>Assunto:</b> As condições climatéricas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 39	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ Olhe, e o senhor, sei lá, como é que adivinha que vai fazer bom tempo ou mau tempo? Como é que isso se vê?*

INF {fp} A gente hoje {IP|'temuz=estamos} [AB|mais {fp}] mais descansados, [AB|que as] que as meteorologias {pp} avisam e tudo.

*INQ Pois.*

INF Mas a gente não vai muito pelas meteorologias, a gente não vai... Eu não acredito [AB|na] na meteorologia.

*INQ Pois.*

INF Quer dizer que batem certas; mas, pelos nossos olhos, é pelos astros.

*INQ Mas como é que o senhor, portanto, se, se?...*

INF [AB|Quando, olhe, olhe] Olhe, já ontem sabia que ia vento.

*INQ Sabia que ia vento. O senhor, o senhor é melhor de se abrigar porque também está aí... Isso faz-lhe mal à vista.*

INF Não, nada. Não, não faz. Eu ontem sabia que hoje que ia cair vento, porque os ares estavam muito esgazeados e as nuvens quando andam, é vento.

*INQ Quando andam muito é porque estão... Pois. É sinal de vento.*

INF [AB|E, e {fp}] E às vezes [AB|não é] as nuvens [AB|{PH|nẽ=não}, {PH|nẽ=não} co-]

{PH|nẽ=não} andam mas os ares dão {fp} os céus muito esgazeados e a gente diz: "Olha, amanhã vamos ter tempo ruim"! E é certo: ou chuva, vento...

*INQ Pois. Sabe quando, quando muda?*

INF Sim senhor. (...)

*INQ É só olhando assim para como as nuvens estão...*

INF E {CT|pɔ=para o} sol, mesmo {CT|pɔ=para o} sol, ou [AB|ao pôr] ao pôr [AB|da] da lua, [AB|a gente s-] a gente sabe!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC40-C	
<b>Localidade:</b> Praia da Vitória <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Camilo <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALE <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1ACTER01_02_1979 <b>faixa:</b> 1acter01a <b>min:</b> 19:56-21:42	
<b>Assunto:</b> Os peixes	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 40	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ Olhe, aqueles, aqueles que saltam assim muito no mar?*

INF Toninhas.

*INQ E...*

INF Há a toninha.

*INQ Pois, vá-me dizendo os peixes, que é muito melhor.*

INF Há o caiado, que é um peixe parecido com [RP]com a toninha. Há um peixe-agulha, que isso ele é o melhor peixe que nem é a carne de vaca {fp} – nem a albacora, nem nada! A gente quando apanha um peixe daqueles, a gente para aqui para apanhar um peixe daqueles [AB]emb-] é embrulhado [AB]no, no] {fp} naqueles aparelhos. [AB]Se pegar] Se pegar [AB]num] num anzol daqueles, arrebeta tudo. E depois é que eles enriçam naquilo tudo e [AB]le] {pp} (eles coiso, assim).

*INQ Ficam seguros.*

INF No outro dia, houve aí um rapaz apanhou um, vendeu por três contos e oitocentos. É um peixe grande, então! Há o peixe-agulha; {pp} há o tintureira, esse {PH}nẽ=não} presta para comer.

*INQ Pois.*

INF Há o marracho. Esse é bom, mas [AB]lé] é ruim. É mau, mas a gente mata, {fp} não faz mal {PH}o=ao} barco.

*INQ Rhum-rhum. ...*

INF Porque ele se apanhar um homem na água, come-{PH}li=lhe} inteiro, mas não faz mal {PH}o=ao} barco. A gente também apanha muitos deles. (Ele) há o marracho, há o (.../N) bravo, que eu {fp} [AB]nu-] nunca vi... Mas há [RP]há] meros que já apanhei centos deles, meros. Baleia também já [RP]já] vi, em Vila Franca já [RP]já] vi... Ainda há pouco tempo vimos algumas cinco a passar por aí. Já vimos elas ir daqui para ali – assim cinco seguidas! Mas então [AB]eu não] eu não fiquei muito contente, porque ainda [AB]lera] era meio escuro, a gente íamos {CT}pa=para a} pescaria quando eu senti: "Pschiii"! E eu disse {PH}o=ao} meu pequeno do meio, mais do meio: "Ó Cecílio, isso é baleia.

Repara na vaga". "Isso é é toninha"! "Isso é baleia que vem aqui [ABIdo, do] que o bufar é de baleia".  
Cinco! Muito grandes! Isso é os nomes que eu... Ai, o 'crongo'...



<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC41-C	
<b>Localidade:</b> Praia da Vitória <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Camilo <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1ACTER01_02_1979 <b>faixa:</b> 1acter01a <b>min:</b> 24:32-25:10	
<b>Assunto:</b> Os peixes	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 41	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ E não há um?...*

INF Há. Há e há um bichinho na areia que a gente apanha na rede, uns bichinhos assim deste tamanhinho, {fp} que a gente trata aranhas. {pp} É que {fp} [ABltêm] têm espinha aí pela cabecinha. Aquela espinha pretinha, se a gente se trancar naquela espinha, [ABlnaquela] e então se for no mês de Maio, {fp} é de uma pessoa... Grita todo o dia e toda a noite {fp} e tem que ir levar 'injecções' {PHl=ao} hospital e a mão fica parece um pão de massa sovada. É uma coisa (terrível). E coisa [RP|coisa, coisa] mais [RP|mais] terrível como aquilo eu nunca vi! E já me tranquei, {fp} muita vez até, é dores que... Agora, quando há mesmo... {fp} [ABIO pio-] O pior sítio é o mês de [RP|é o mês de] Maio.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC42-C	
<b>Localidade:</b> Praia da Vitória <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Camilo <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1ACTER01_02_1979 <b>faixa:</b> 1acter01a <b>min:</b> 25:23-26:37	
<b>Assunto:</b> Os peixes	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23A <b>faixa:</b> 42	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ E depois há a boga... Mas esse é mais alto do que a boga.*

INF Pois.

*INQ Portanto, é assim dessa altura e é espalmadinho.*

INF Pois.

*INQ É assim dessa largura só. Este aqui chamam-lhe cabra.*

INF A gente aqui chama...

*INQ Ou prombeta...*

INF Há a {PH|põ'betẽ=prombeta}, sim. {fp}{PH|põ'betẽ}=Prombetas}, {PH|põ'betẽ}=prombetas}.

Cabra é... É os de São Mateus é que dizem {fp} cabras.

*INQ Aonde? Em São Mateus?*

INF É em São Mateus que ele dizem que a {PH|põ'betẽ=prombeta} [AB|que é] que é cabra, mas a gente aqui é {PH|põ'betẽ=prombeta}.

*INQ Rhum-rhum.*

INF Até ele bem dito não é {PH|põ'betẽ}=prombeta}; trombetas! Porque o meu pai [RP|o meu pai] era da Madeira, [AB|e o {fp}] e o meu pai também foi... Quer dizer, o meu pai não era pescador, [AB|era] era lavrador. O meu pai tinha {fp}... Era um homem de gente que podia, depois veio para aqui, casou aqui, no tempo da guerra, casou aqui, depois meteu-se à lavoira e depois mais tarde deixou a lavoira e meteu-se [AB|{PH|o=ao}] {PH|o=ao} mar. E o meu pai dizia assim: "Trombeta"! E eles faziam escarne do meu pai. Um dia apanharam aqui em cima um senhor doutor, o dito médico {fp} que morreu agora há pouco tempo, e perguntou-lhe a {fp} ele (...) como é que se tratava {fp} a prombeta. E ele veio e disse assim – que ele andava assim com uns papelinhos... E ele disse: "É não {PH|põ'betẽ=prombeta}, trombeta"! Depois toda a gente {fp} calou-se. Meu pai é que estava certo.

*INQ Pois.*

INF Depois a gente dizia... Toda a gente dizia: "a trombeta".

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC43-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Camolino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1AC12b01ab <b>faixa:</b> 1ac12b01a <b>min:</b> 14:13-16:33	
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 01	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF1(...). É {fp} militar.

INF2 É militar.

*INQ1 ...*

INF2 [ABlSe-, ele] Ele é de lá de Lisboa também.

INF1 {IPlta=Está} na base.

INF2 {IPlta=Está} na base, é militar. Ele não sei [ABlse é{fp}] se é sargento, se que é.

INF1 Também é um bom rapazinho! Parece-me a ser sargento... Ele tem {pp} assim aqui no braço três riscos.

INF2 Três divisas.

*INQ Tem as riscas assim, não tem?*

INF2 Três divisas.

INF1 (...) Três divisas assim aqui no braço.

*INQ Assim no, na... Isso é de ser sargento.*

INF2 Na blusa, três divisas.

INF1 Para mim, ele é sargento.

*INQ Acho que é sargento, também.*

INF2 Eu também nunca lhe perguntei, mas ele {PHl'ide=ainda} ontem veio mais eu.

{IPl'tivemiz=Estivemos} em casa da minha neta – que foi {PHl=ao} telefone –, e a gente já estava para vir para cima, quando ele a chamar.

*INQ Rhum-rhum.*

INF2 E depois eu fui, abri a porta e ele disse: "Era para mor de telefonar". "Sim senhora". A gente já estava quase a sair. Mas é bom rapaz!

INF1 É. Ele é bom rapazinho.

INF2 Mas bem ensinado como é dado! Branquinho, não é mulato, lavadinho, {pp} fala muito baixinho...

INF1 É muito bom rapazinho.

INQ *Não, ali há muita gente do continente, ali na Força Aérea.*

INF2 Ah, ele não. Há muita gente!

INF1 Há lá muita gente! [ABIEssas] Essas famílias do continente estão muito espalhadas por aí por todo o lado.

INF2 Tem muito espalhadas aqui pela nossa Terceira mesmo!

INF1 É. Muita gente!

INF2 Muitas, muitas. Quando veio aqui a tropa há anos, ficou aqui muitos rapazes casados. {pp} Do continente! {pp} Muitos rapazes, então! E estão vivendo aí.

INQ *Rhum-rhum.*

INF2 Um que era Cândia também {IP|ta=está} vivendo aqui em cima... Ali não tem um chafariz? Não passam ali por um chafariz? Pois é [AB|no] naquela entrada para dentro, está ali um homem que também era de Lisboa. {pp} Há muitos aqui na nossa freguesia! E tem nas Lages...

INF1 Eu acho uma asneira... {pp} Um rapaz que venha na tropa, (já virão para passar nela)... Mas depois de sair da tropa, eu achava bem {pp} ir ter com a sua família, e depois então... Mas quando saísse da tropa, procurar a família! Não é agora ele vem {CT|pa=para a} tropa e da tropa fica cá e {PH|nẽ=não} procura mais a família nem nada, como esse Egas e outros parecidos, [AB|não v-] não voltam atrás ter com as famílias... Home, isto não é nada, home! Volta atrás ter com as tuas famílias, e depois então se resolveres a virar para te cá vir... Mas primeiro {PH|'vajø=vá} ter com a sua família. Mas não senhor!

INF2 Pois, coitados, pobres dos pais, (esperando) {CT|pøf=para os} ver e {PH|'nẽnuʒ=não os} vêem.

INF1 (É um tormento não ver os filhos).

INF2 Não! Eu acho mal aquilo! Acho mal aquilo.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC44-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Camolino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALE <b>Inquiridor1:</b> Pedro Prista Monteiro <b>CD nº:</b> 1AC12b01ab <b>faixa:</b> 1ac12b01a <b>min:</b> 18:14-19:03	
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 02	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF1 Agora vai casar um, agora domingo, {pp} que ainda casam na tropa...

*INQ Ainda na tropa?*

INF1 Sim senhor. É uma fraqueza de cabeça! É. {pp} Tanto dele como dela!

INF2 O pai é do Faial.

INF1 Há?

INF2 O pai é do Faial.

INF1 O pai é do Faial?

INF2 O Egberto é do Faial.

INF1 Ah, eu sei. {pp} Vai casar aí na tropa e fica na tropa até passar o seu tempo. {pp} Coisas tudo de canalha! {pp} Pois já se sabe que é canalha! Se ele não fosse canalha, deixava-se sair do castelo primeiro e depois é que se casava. Dava tempo! Mas {pp} vai-se casar. {pp} Deixa casar para baixo que Nosso Senhor há-de dar pão! É coma se costuma a dizer.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC45-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Camolino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> <b>CD nº:</b> 1AC12b01ab <b>faixa:</b> 1ac12b01a <b>min:</b> 37:00-37:48	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> O vestuário	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 03	<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04

INF A roupa vale uma grande coisa! A gente anda sempre quentes! A gente anda sempre quentes e quando a gente ia tirar... Eu cá sou assim. Quando a gente ia tirar da gente para fora, é preciso deixar arrefecer. Não é sair {CT|pa=para a} rua logo. Mesmo o calçado, deste calçado de canos, {pp} é preciso ele a gente deixar arrefecer porque aquilo está tudo num calor lá dentro que é medonho! E então aqui estas coisas!... Isto era de canos compridos. {pp} Marquei-lhas a mais, grandes a mais, para meter meias de lã {pp} por dentro, que ele só com estes 'meitos', isto (ele) /é é frio [AB|{CT|pɔ=para o}] {CT|pa=para a} gente. E eu cheguei-lha ... Comprei-lhas de mais para mor de calçar meias de lã em cima destes 'meitos' para ficar com o pé quente. A gente {IP|'temu|=estamos} quentes, se a gente descalçar aquilo dos pés para fora e andar {CT|pa=para a} rua, para apanhar uma 'aleijadura' [AB|nos] nas pernas é um instante! É então acautelar!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC46-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Camolino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1AC12b01ab <b>faixa:</b> 1ac12b01a <b>min:</b> 54:14-59:32	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 04	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ Olhe, não há, não há, aqui não há ribeira nenhuma que corra durante todo o ano?*

INF1 Não senhor.

INF2 Não senhor. Assim que chega o Verão, (aquilo) /ele\ seca-se.

INF1 [AB|Até{fp}] Até já há de anos para cá que esta ribeira corre assim por uma ocasião de chover e pronto. Agora há anos atrasados, ela chegava {PH|o=ao} mês de Maio e sempre a correr. Os Invernos vão [AB|mais] mais fracos, um pedaço muito grande.

*INQ Rhum-rhum.*

INF1 Mas naquele tempo era invernos rigorosos, {pp} piores um pedaço.

*INQ Olhe e essa água que, que se bebe vem de onde? Sabe?*

INF1 É fontes.

*INQ Nas fontes.*

INF1 É fontes.

*INQ E já viu uma fonte? E onde é que aparece a água?*

INF1 {fp} (Ele) aparece além nos matos. É nos matos é que essas águas vêm para aqui. Vêm...

Até{fp} [AB|uma água que há] uma fonte que há no mato, a água vai {CT|pra=para a} cidade, {CT|pra=para a} casa da luz. [AB|E{fp}] E há umas fontes aqui para este lado, [AB|que vem] que dá aqui para estas bandas, que dá aqui para estas bandas, para estes lados. Estas águas que a gente {IP|ta=está} gastando aqui é de Aqualva – umas fontes que há para cima nos matos. E ele essa água era gasta era nos moinhos – nos moinhos de água! E depois eles como queriam água para distribuírem pelas freguesias todas, deram {fp} preparos de eléctrico para eles tocarem {fp} os moinhos e para mor de a água servir para eles, que eles queriam era mamar dinheiro. E depois apanharam a água para distribuir, que é esta água que vem por aqui acima e que dá por vários lugares e duma banda {CT|pa=para a} outra, {IP|ta=está} o senhor a perceber?

*INQ Rhum-rhum. Pois, mas...*

INF1 Mas isso é duas fontes que há.

*INQ Pois. Mas já viu assim a água a aparecer? Como é que se chama o sítio onde, onde aparece a água na terra?*

INF1 {fp} Aparece. Às vezes é vê-la mesmo à saída da terra para cima. Até várias tem por lá disto, aí para trás nesses matos.

INF2 É fontes.

INF1 É as fontes. Mas é aí para trás nesses matos. Ela está ali a papejar assim para cima [AB]da da terra. Estes americanos, que {PH}vi'nerẽw̃=vieram} para aqui, que têm aqui, em vários lugares, aqui mais para baixo, que eles {fp} tinham preparados... Que a gente não sabia que havia água naquele lugar! Mas eles tinham preparados que foram 'refundiando' e 'refundiando' e 'refundiando' com aquilo até encontrar água. Eles têm aqui para baixo casas de água, {IP}ta=está} o senhor percebendo?

*INQ Rhum-rhum.*

INF1 Ora quem é que sabia lá aquilo onde é que estava?! Quem é que sabia?!

*INQ Pois.*

INF1 Há um lugar {pp} [AB]às vezes aí os, os} que tratavam por Carvão. {fp} Há lá uma fonte que eu labutei anos a limpar aquele mato [AB]para} para trás, {pp} e passava lá perto ouvia falar no Algar do Carvão, mas eu nunca lá tinha chegado a ir. Este ano, o meu filho – andava já até aborrecido também – e um dia vira-se para mim e diz: {fp} "O pai {PH}nẽ=não} quer ir {fp} dar um passeio {CT}põ=para o} mato"? Ele tem um carro seu. Digo eu: "Pois vamos". E fomos. Onde fui? A esse dito Algar do Carvão que eu ouvia falar nele. Eu {PH}nẽ=não} sei... O poder de Deus é que é muito grande! {pp} Lá fomos. Mas isso eles têm um recreio lá, que amanharam lá uma entrada para ir lá {PH}õ=ao} pé desse lugar, acimentado, uma coisa lá muito bem arranjada. E a gente vai um bocadinho, um bocadinho, um bocadinho mais distância do que daqui além (até) à porta daquela casa. Por debaixo do chão...

INF2 Com cimento por cima.

INF1 Para a gente ver [AB]aquela, aquela} aquela claridadezinha lá...

INF2 Cá no fundo, acho que não me deixaram. {pp} (Foi a pequenina. {pp} Sim).

INF1 E eu, pois eu levava qualquer coisa dentro, por debaixo do chão, chega lá, a gente assim que chega lá pega a reparar em ver, é mato para cima.

INF2 {fp}E a pingar água!

INF1 E uns degraus {pp} para descer para baixo. Mas eu cá não passei dali, que eu fiquei logo medo, foi fugir cá para fora.

INF2 [Risos]

INF1 Eu quando vinha para fora, no tal (.../N), enquanto passa por debaixo do chão, de maneira que comecei a reparar foi para aquelas paredes, mas [AB]está} está tudo em cimento. É.

INF2 Tudo em cimento.

INF1 Feito em arco, não é? Portanto, está tudo em cimento para aguentar aquilo.

*INQ Pois.*

INF1 Afinal é quem já foi... Mesmo gente aqui das Fontinhas já foram lá. Descem para baixo {pp} trezentos e sessenta degraus!



INF2 E sessenta degraus! Eu tinha gostado de ir ver. Mas (ele) a minha nora também {pp} chamava:

"{PHI'tragẽw̃nẽ=Tragam a} avó para cá! Anda avó para cá!"! [ABIE{fp}] {pp} E aquele também!...

INF1 [AB|Quem] Quem é que vai ver? Quem é?... Para uma criatura descer aqueles degraus todos, a descer para baixo, ele vai longíssimo! Ele é em milhares...

INF2 Ah, mas se for [AB|com um f-] com um {PHI'fõks=foco} na mão...

INF1 Ó mulher cala a boca!

INF2 Tinha...

INF1 Pareces uma pessoa entendida para isso.

INF2 Pois precisa...

INF1 Não sendo entendida para isso, fica mal.

INF2 (Cá apareci eu) que tinha ido.

INF1 Porque uma pessoa [AB|a] a descer trezentos e sessenta degraus, olha que é uma distância medonha!

INF2 É um caso sério! Diz que é...

INF1 E em baixo tem uma lagoa de água e tem lá em baixo um barco!

INF2 E tem lá em baixo um barco?!

INF1 Quem foi lá é que me disse. Eu cá não passei do tal lugar, que assim que começou os degraus – fshatáwa! – cá para fora.

INF2 Deu em ter medo e a rapariga também: "Anda, minha avó, cá para trás! Minha avó anda cá para trás, já"! Pronto. (...) "Tu vais-me é cair com o {PHI'fõks=foco} na mão!"!... Tinha ido ver aquilo que era! Era trezentos degraus. Trezentos e sessenta degraus é uma coisa séria! Agora eu cá vi os degraus por ali arriba! A descer para baixo, pois aquilo havia de ter uma coisa (aviada), com certeza.

INF1 Não! E a respeito de coisas que aparecem aqui na ilha... E quem diz aqui na ilha... E tem aí, não sei [AB|se é] {pp} se é no Pico, se é em São Jorge... Também tem um homem aqui das Fontinhas que também já lá esteve já. Também uma coisa imitante a esta, a descer para baixo.

*INQ Na, na Graciosa?*

INF1 Ou era na Graciosa! Ah, então é! Ele é para aí, para essas ilhas, para fora. Também que diz [AB|que vai] que desce para baixo uma distância que mete medo. Não sei. Eu cá não me amanho com aquilo. Eu cá amanho-me bem é arriba de terra! [AB|Cá deba-] Aqui por baixo...

INF2 Quando lá, assim que se viu debaixo daquilo, disse logo que não queria saber nada daquilo.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC47-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Camolino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> Celeste <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1AC12b01ab <b>faixa:</b> 1ac12b01b <b>min:</b> 45:48-48:08	<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino
<b>Assunto:</b> Ervas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 05	<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04

*INQ1 E o alecrim servia para fazer o quê?*

INF1 Chá.

*INQ1 Só chá?*

INF1 E para benzer quem tem coisas ruins consigo.

*INQ1 Diga, diga. Como é que é?*

*INQ2 Ai é?*

INF1 E para benzer quem tem coisas ruins consigo.

INF2 [Risos]

*INQ2 Benze com alecrim?*

*INQ1 Mas como é que se benze?*

INF1 É. Diz que sim.

INF2 Como é que se faz essa benzedura?

INF1 O alecrim, a benzedura {PHInẽ=não} sei então dizer {PH|o=ao} senhor.

*INQ1 Mas era só com?... Fazia-se alguma coisa com o alecrim ou só se benzia com o alecrim? Fazia-se um?...*

INF3 Aquilo era...

INF1 Era chás [ABle era] e era com o galhinho de alecrim. {fp} {pp} Benzia-se.

INF2 Para ver se espantava aquela coisa. [Risos]

INF1 A ver se espantava [ABlaquela] aquele ar [ABlque se] que se alguém tem... {fp} A gente ri-se mas tem muita gente que tem!

INF3 Ah, isso há tanto!

INF1 Sim, não penses tu que não.

*INQ1 Mas como é que se sabia que a pessoa tinha dessas coisas?*

INF1 É porque há gente que benze. Não sou eu, que {PHInẽ=não} sei.

*INQ1 Não, não é benzer, mas...*

INF1 Se soubesse ganhava bastante dinheiro!

INF2 [Risos]

INQ1 *Pois.*

INF1 Mas {PHInẽ=não} sei. Mas tem ali na cidade quem saiba!

INQ2 *Mas como é que se sabe que a pessoa está com algum mal? Como é que se vê?*

INF1 Como é?... É porque ele está doente.

INQ1 *...*

INQ2 *E não se cura?*

INF1 [ABIE no] Cura-se! Que o senhor doutor [RPlo senhor doutor] não ache tfulho, eles pegam em si e vão {CT|pɔʒ=para os} benzedores!

INQ1 *Na cidade há benzedores?*

INF1 Eles benzem... Eles benzem e eles dizem as coisas todas que a criatura tem. E eles são de fora da freguesia, {PHInẽ=não} sabem nada da freguesia. Nem sabem nem se uma... Uma comparação: não sabem nem se morreu alguém à senhora, nem se não morreu; nem em que tempo é que morreu; nem se foi novo, nem se foi velho. E eles dizem tudo! {pp} Eu {PHInẽ=não} quero nada com aquela gente.

INF2 [Risos]

INF3 [Risos]

INQ1 *Mas é só na cidade que há, é?*

INF1 É na cidade...

INF2 Não, ele é na cidade e sem ser na cidade.

INF1 E há na...

INF2 E é por estes montes também (...).

INF1 É por estes montes, sim, e há [RPIno{fp}] no Raminho, disse-me o Candelário. Há no Raminho e há{fp} em mais bandas. Ali na cidade, há em duas bandas ou três. E há no Raminho [ABle há] e há em mais bandas por aí. E há na Agualva um!

INQ1 *E só dão dessas coisas, desses chás e coisas, é?*

INF1 Estes chás, não... [AB|A gente, eles]

INQ1 *Só? As pessoas...*

INF1 As pessoas bebem desse chá se eles {PHI'mẽdũ=mandam}.

INQ1 *Rhum-rhum.*

INF1 Se eles {PHInẽ=não} {PHI'mẽdũ=mandam} {PHInẽ=não} bebem. {fp} Só se para uma constipação! Que o alecrim fervido em{fp}... O{fp} alecrim fervido em vinho, com açúcar, dá-se a uma criatura que apanhe uma constipação e ele {PHI'soẽ=sua}, fica bom.

INQ1 *Rhum-rhum.*

INQ2 *Deve ser bom!*

INF1 É, sim senhora.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC48-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Celeste <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALE <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1AC12b01ab <b>faixa:</b> 1ac12b01b <b>min:</b> 51:43-52:47	
<b>Assunto:</b> Ervas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 06	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ1 Olhe e uma outra que até se põe dentro da aguardente com açúcar e aquilo?...*

INF1 Funcho. É funcho. É o espigo de funcho. {pp} E é bom para chá!

*INQ1 Rhum-rhum. E o que é que?... Pois.*

*INQ2 Também é bom para chá?*

INF1 É, sim senhora.

*INQ2 O espigo ou o funcho?*

INF1 [ABIO{fp}] Só a sementezinha do funcho. Eu tenho além no palheiro, lá, um braçadinho dele, que é para quando fizer sol, deitá-lo {PHl=ao} sol, e tirar aquela...

*INQ2 E o chá é para quê? Para dores?*

INF1 O chá é para dores, e para má disposição que tenha por dentro em si {pp} também é bom. Olhe, é como aquele senhor, se tivesse bebido um chazinho daquilo, fazia-{PHli=lhe} bem.

INF2 [Risos]

*INQ1 Vês, Pedro, tens que te curar.*

INF1 É, sim senhor. [AB|A minha] A minha filha dá [AB|{PHl=aos} seus filhi-] {PHl=aos} seus filhos sempre. E eles gostam dele por a sua vida toda. Todos os dias eles bebem...

*INQ1 Chá de funcho é bom!*

INF1 Eles bebem aquele chazinho de funcho.

INF2 E são miúdos pequeninos!

*INQ2 Pois.*

INF1 São pequeninos, pois sabe que são. E tu também bebias!

INF2 Mas isso era...

INF1 Agora é que {PHln=não} queres!

INF2 [Risos]

INF1 Tu também bebias chazinho que tua mãe te dava! Mas eras pequenina. E gritavas: "Eu quero vir para casa da minha avó, não quero estar aqui"!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC49-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Camolino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALE <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC12b01ab <b>faixa:</b> 1ac12b01b <b>min:</b> 54:18-55:52	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Ervas	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 07	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ Olhe, mas não se usava aqui antigamente o musgão para, para o, para os colchões?*

INF1 Musgo.

*INQ Musgo?*

INF1 Cá só conheci musgo nos cabeçais. Eu, colchão de [RP]de] musgo nunca conheci, mas havia quem tinha.

INF2 Isso era {fp} nos pastos.

INF1 Agora, eu, cá {PH]nã=não} conheci, então, em casa da minha mãe.

INF2 Nos pastos é que há disso, muito.

INF1 Agora musgo nos cabeçais, digo eu à senhora que a gente ia mesmo... Ajuntavam-se um monte delas nuns pastos, às vezes, {fp}a quinze e a vinte mulheres.

INF2 Era mais naquelas serras, naquela Serra do Cume.

INF1 Naquelas serras! A apanhar musgo! Apanhávamos sacas de musgo... Cada uma trazia [AB]a sua] o seu saco ou a sua saca de musgo – [AB]ju-] uns sacos de seis alqueires.

*INQ E depois o que é que lhes fazia?*

INF1 Aquilo era {CT]pç]=para os} cabeçais. [AB]A gente]

*INQ Mas secavam?*

INF2 Secavam ao sol.

INF1 Secavam. Vinha a gente, escolhia-o todo da erva – se tinha alguma ervinha –, ficava só o musgo.

E secávamo-lo bem sequinho e botávamos nos cabeçais. Cheirava que consolava! Ele há que tempos...

[AB]IHá] Há mais de um ano ou há mais de dois que eu não tenho já semelhante coisa.

INF2 Há agora cá! Tu achas?!

INF1 Mas ainda gostava!

INF2 O que tem agora é coisas que custam dinheiro.

INF1 Agora é coisas tudo que custam dinheiro.

INF2 Aquilo [AB]lera, era] ele era dado, mas agora é por dinheiro, {pp} que é melhor.

INF1 Olha, pois [ABI já {PHInẽ=não}] ninguém dá! Já nem sequer há musgo como havia! Porque {fp} deram em lavar os pastos, deram em lavar tudo e já nem sequer há musgo como havia!

INF2 E o adubo, que o adubo deu em tirar o musgo.

INF1 E o adubo deu em acabar com aquilo. Eu, ainda, quando fui mais o meu filho a esses matos aí para cima, ainda vi lá na tal coisa donde fomos para ir para debaixo do chão,

*INQ Pois.*

INF1 ainda apanhei lá uma coisinha, para trazer, para ver... Cheirava que consolava! Ele é o costume que a gente tem. É.

*INQ Pois, pois.*

INF1 A gente gostava daquilo.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC50-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC12b02ab <b>faixa:</b> 1ac12b02a <b>min:</b> 06:05-06:30	
<b>Assunto:</b> Arbustos	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 08	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ A planta pica.*

INF {PHInã=Não} sei.

*INQ A silva?*

INF Ai, amoras?! É amoras! Isso é amoras! É silvas, é. É as silvas. E dá os cachos de amoras! É no tempo [ABlde] que dá as uvas!

*INQ Ah!*

INF Já sei o que é. É amoras. Que dá cachos de... {fp} Dá cachos com o sol. E ele então é bom! Ficam vermelhas e depois ficam pretas.

*INQ Pretas.*

INF Sim senhor. É verdade.



<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC51-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC12b02ab <b>faixa:</b> 1ac12b02a <b>min:</b> 09:29-10:41	
<b>Assunto:</b> Flores	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 09	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF É crisântemos, sim senhora. Enfeitam até as sepulturas... Ele {PH|vi'jnerẽw̃=vieram} aqui este ano buscar além para enfeitar as sepulturas, de famílias suas, claro. E ainda têm lá (disso)...

*INQ E mais? Uma que cheira muito bem?*

INF O quê?

*INQ Uma que cheira muito bem?*

INF Com flor? {pp} Que cheira muito bem? {PH|nẽ=Não} sei.

*INQ A rosa, não?*

INF A rosa de {fp} cheiro? Ah, as rosas de cheiro tem! Tem umas até, que são cor-de-rosas, [AB|que são] que a gente dizia que cheira a damasco até! E outras muito vermelhas, muito vermelhas, também são boas, então! Também cheiram que consola! Sim senhora.

*INQ Fazem alguma coisa com as rosas, chá ou, ou isso, não?*

INF Só chá com a rosa [AB|do] daquelas [RP|que che-] que cheiram como a damasco.

*INQ O chá para que é?*

INF Chá [AB|para] para beberem para dores ou para... [AB|Ou] Olha, era para dores de cara [AB|para dores de, de]. Inchava a cara e até lavavam a cara com essas rosas [AB|de]... (Ele) apanhavam na noite de São João {pp} e guardavam essas folhinhas e quando tinham dores de dentes e inchava-{PH|li=lhe} a cara, elas lavavam a cara com isso. Que eu também cheguei a lavar – sim senhora – para desinchar a cara.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC52-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1AC12b02ab <b>faixa:</b> 1ac12b02a <b>min:</b> 23:26-24:18	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> As árvores	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 10	<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04

*INQ* Que árvores é que há cá perto da ribeira, que crescem por aí abaixo?

INF Faias {pp} e canas {pp} [ABle{fp}] {pp} e {PHlkelipri'ziju}=eucaliptoziños), que os melrinhos vão comendo e sujando atrás sempre. Eles vêm atrás, apanham-nos e tiram-os dali para fora.

*INQ* Pois.

INF E é... Como é que é? {pp} Mostardas também!

*INQ* Fazia-se alguma coisa com essa, com a folha dessa?

INF Com a mostarda, é para quem tem dores ou não sei o quê, que bota em si. Aquece {PHl=ao} lume e bota em si.

*INQ* Rhum-rhum.

INF Faz bem. Diz que faz bem! Eu cá nunca botei então, nem quero saber lá disso! E às vezes também secam e mói-se, faz uma farinhinha [AB|para {pp}] para botar nas criaturas.

*INQ* Pois.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC53-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Camolino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC12b02ab <b>faixa:</b> 1ac12b02a <b>min:</b> 45:00-47:29	<b>Inquiridor2:</b> João Saramago
<b>Assunto:</b>	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 11	<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04

*INQ1 Olhe, e aquelas que andam nas couves?*

INF1 Lagartas. As borboletas é que punham. É que [ABlo seu] o seu fazer cocó é nas couves {fp} para fazerem lagartas. Põem, enchem tudo de lagartas.

INF2 Ah! Ele por o senhor {IPtar=estar} a falar nas borboletas, eu vou-{PHlli=lhe} contar outro.

Havia {pp} um cantador, {pp} era um Egídio e morava aqui {CTlpo=para o} lado da cidade.

INF1 Era ali na cidade que ele morava.

INF2 E agora já veio aí cantar cantorias...

INF1 Mas era ali no Lajedo!

INF2 Mas [ABle-] era de noite. As cantorias eram de noite.

INF1 Eram de noite.

INF2 E depois era de noite, a borboleta aplantava à lanterna. E depois ele virou-se [ABI{CTlpa=para a}] {CTlpa=para a} lanterna, diz: "A borboleta morre na luz, o soldado na batalha, Cristo na cruz e a gente onde calha". É uma cantiga de peso.

*INQ1 É verdade.*

INF2 Cristo morreu na cruz!

*INQ1 Pois.*

INF2 E a gente onde é que vai morrer?! O senhor sabe se morre aqui neste cantinho, se morre na cidade, se morre na sua... Não sabe.

*INQ1 Pois.*

INF1 É como calha. A gente morre por onde calha.

INF2 Porque é uma cantiga, mas é uma cantiga de peso.

*INQ1 Sim senhora.*

INF2 [ABIO tal co-] O gajo cantava bem! Cantava bem o gajo, (era) /ele\ . Nunca me esqueceu esta.

*INQ1 Olhe, e, a senhora diga-me lá aquele, aquela coisa que disse há bocado à sua neta da, da casa quanto...*

*INF1 Ah! [AB|Casa quanta vejas] Casa quanta mores e terra quanta vejas!*

*INQ1 E o que é que isso quer dizer?*

*INF1 Quer dizer que {fp} a casa, qualquer uma casa serve {CT|pa=para a} gente morar, não precisa de (tolices)! O que querem dizer é isto!*

*INQ1 Sim, sim.*

*INF1 Os antigos é que diziam. E a terra, eram muito esgalgados, queriam era comprar terras, queriam era muita terra para ter que comer, para ter muita terra, para ter muitos alqueires de terra.*

*INQ1 Claro!*

*INF1 Depois a casa, eles não [AB|se]... Era uma casa!*

*INQ2 Pois.*

*INF1 Era uma casa para morar! Logo que tivesse uma porta e janelas para eles se fecharem lá dentro, {pp} era o que eles queriam.*

*INQ1 Era o que interessava.*

*INF1 E agora terras, queriam era comprar terras que era para [RP|para] ser muito ricos. E as casas, não queriam fazer benefícios nenhuns.*

*INQ1 Sim senhora.*

*INF1 Estava modos de ele morar, pronto! Um senhor Cândido, que é do senhor Cantídio, da cidade – talvez o senhor conheça...*

*INQ2 Não.*

*INF2 Não!*

*INF1 (Não)? A sua filha casou com o tal (senhor Cândido), que mora aqui em baixo, casou com esse senhor, {fp} filho do senhor Cantídio... Isso era um homem rico que era medonho! {pp} Mas tinha uma casa que hoje não vale nada {PH|o=ao} pé dessas por aqui – {pp} destas casas que se fazem agora!*

*INF2 O filho era...*

*INQ1 Pois.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC54-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Camolino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC12b02ab <b>faixa:</b> 1ac12b02a <b>min:</b> 52:10-54:01	<b>Inquiridor2:</b> João Saramago
<b>Assunto:</b> Os insectos e outros invertebrados	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 12	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ1 Olhe, e aqueles que dantes as p-, os miúdos tinham na cabeça, dava muita comichão?*

INF1 Era piolhos. Ah, credo! Já não se (vê). Já não há sequer! {fp} Nalgumas cabeças de alguém há-de haver, mas cá na minha não há, nem em gente minha!

*INQ1 Olhe, e aquelas coisinhas brancas que os piolhos deixavam na cabeça?*

INF1 É lêndeadas, que a gente tratava por lêndeadas, sim senhor.

*INQ1 Olhe, e nas camas, às vezes, aparecia uma coisa assim?...*

INF1 Pulga! E o 'percebes'. E o 'percebes'...

*INQ1 E outra...*

INF2 E eu para já há anos que não vejo semelhante coisa. Já há anos...

INF1 Há anos que a gente não vê semelhante coisa!

*INQ2 Pois, o 'percebes' é só na...*

INF1 'Percebes' sim senhor, também havia. Tudo! Havia então 'percebes'!

INF2 Esta coisa, ele havia mais nesta questão dos frontais. (Que ele havia então)...

INF1 Esses frontais, quando eram velhos, é que aqueles 'percebes' criavam-se a modos naqueles frontais velhos.

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF2 Mas hoje em dia é tabiques como é esse que está aqui (...). Agora quando era em frontais, {fp} criava.

INF1 Eles (.../VB-D-3P) as criaturas, que a gente às vezes via criatura... Porque a gente cá tinha sempre coisa, um pó de deitar. A minha mãe tinha sempre um pó de deitar à pulga.

*INQ1 Pois.*

INF1 Porque {fp}elas cagavam os lençóis todos.

*INQ1 Pois.*

INF1 Era um nojo! [ABIE, e me-] E, já sabe, davam dentadas na gente!

*INQ1 Pois.*

INF1 E os 'percebes' [AB|da mesma] da mesma maneira. Mas a gente tinha sempre coisa de {PH|li=lhe} deitar. Pois, mas com uns frontais velhos que a gente tinha aqui – olha, aquele tirou-os...

Ficámos sem frontais, e foi só depois...

INQ1 Os frontais o que era?

INF1 Isto era de frontais de madeira. [AB|Mas e-]

INQ1 Ah! É aquelas paredes que só têm meia altura? Mu-...

INF1 Os frontais tinham esta altura, até mais para cima.

INQ1 Mas eram de madeira?

INQ2 Mas não chegavam até ao tecto?

INF1 Eram de madeira. Chegavam até...

INQ1 Não che-...

INQ2 Chegavam ao tecto?

INQ1 Ao telhado?

INF1 Fechavam no tecto, sim senhor. Depois a{fp} gente {fp} esticámos isto assim e botaram estes{fp} blocos para...

INF2 Em bloco, em tabique.

INQ1 Pois.

INF1 [AB|Em tabi-] Em tabiques, para mor de [AB|{PH|nẽ=não}] {PH|nẽ=não} ter os 'percebes'. Que esta casa era muito, quando... Era muito atreita a isso, quando a gente {PH|vi'jɛmuʃ=viemos} para aqui. Quem morava aqui nela...

INQ1 Pois.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC55-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Camolino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> Cesaltina <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC12b02ab <b>faixa:</b> 1ac12b02b <b>min:</b> 04:14-06:48	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> A alimentação	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 13	<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04

INF1 Nem a pequena nunca escreveu.

INF2 Nem a pequena ainda não escreveu. Que ela escreve sempre é ali sentada na cama. {PH|nẽ=Não} escreveu ontem, queria-se era deitar, deitou-se. Já tardíssimo que a gente se deitámos.

INF3 Já à noite.

INF2 [ABIE{fp}] E hoje levantei-me, {IP|tivi=estive} derretendo a minha matança...

INF3 A mãe sempre foi ontem lá baixo buscar à Praia buscar o toucinho?

INF2 Fui. Fui no carro desta senhora. Fui e vim no carro deles. {pp} Eles {PH|ĩde=ainda}

{IP|ti'verẽw=estiveram} à minha espera.

*INQ Ah! Estivemos à sua espera?! Não tivemos tempo... A senhora depois ainda esteve à nossa espera outra vez.*

INF2 Não! {IP|ti'verẽw=Estiveram} então à minha espera ainda para me trazer para cima no carro.

Porque aquilo {IP|ta=está} mau, então lá é à vez. Tiram uma {RC|se=-senha}...

*INQ Estava muita gente!*

INF2 É à vez!

INF3 É, vai muita gente vai.

INF2 [ABIEra um aç-] Era um açougue, e o que já tinha saído, senhora!

*INQ Sim, já tinha saído muita gente.*

INF2 Se já tinha saído! Era um açougue que a gente queria-se mexer lá dentro e {PH|nẽ=não} podíamos.

INF3 Tudo atrás do toucinho, porque não há agora e eles vão é à (busca) do toucinho (para os torresmos).

INF2 Tudo atrás do toucinho! Toucinho. É. E gente que compra canelos! Uns é só por canelos e carne para comer.

INF1 (Vai aviando, que) eles têm que desgastar aquilo tudo.

INF2 E os outros é para derreter.

INF1 Uns levam uma coisa e outros levam outra.

INF2 Derreteu e fiz aquela gordura que {IP|ta=está} ali.

INF3 (...)

INF2 [AB|Mas {PH|nẽ=não}] Mas {PH|nẽ=não} [RP|{PH|nẽ=não}] dão mais que cinco quilos a cada um. [AB|O filho]

INF3 (...)

INF1 Querem contentar todos.

INF3 Não é o que querem.

INF2 Não é o que querem!

INF1 Não! É a contentar todos (...).

INF2 Ainda [AB|o pequ-] o rapaz do Canuto disse-me: "[AB|A tia que] A tia, que é queria"? Digo eu: "Queria dez quilos". Diz ele: "{PH|nẽ=Não} pode ser. {PH|nẽ=Não} pode ser. Há-de ser só cinco, que é como os outros". Digo eu: "Há-de ser o que o senhor puder amanho. O senhor há-de fazer como faz {PH|oz=aos} outros. Eu {PH|nẽ=não} sou diferente dos outros. O senhor há-de fazer como faz {PH|oz=aos} outros". Pronto. (...)

INQ Acho que há muita falta de banha.

INF2 Há.

INF1 Há e {IP|tevi=esteve} uma desgraça.

INF3 Há muita, há muita, muita!

INQ Eu quis comprar também um bocadinho de banha derretida já, mas não, não havia.

INF2 Não há.

INF1 Não vendem.

INQ Diz que estava esgotado. Não havia.

INF2 Não há. Em tempo havia, mas agora não há. A gente comprava era sempre pronta a {fp} fazer comida, mas agora não há.

INQ Pois, pois.

INF2 E cada vez é pior.

INQ Mas porque é que será?

INF3 Falta de porcos para matar.

INF2 Falta de porcos.

INQ Ai é?

INF2 É.

INF3 É falta.

INF4 Mas a falta de porcos {fp} o lavrador é que teve a culpa.

INF2 Foi! (Ele) foi então!

INF4 Eles [AB|eram] não pagavam bem que desse [AB|{CT|põ=para o}] ({CT|põ=para o} tratamento)...



INF1 Uê! [AB|Nã] Não dava {CT|pa3=para as} despesas.

*INQ Pois.*

INF4 Depois eles {pp} deixaram de [RP|de] criar porcos. Agora ninguém tem porcos: eu não tenho para vender, aquele não tem porque não tem, e querem é comprar...

INF2 É, é.

*INQ Pois.*

INF4 (Eu tenho medo que me falhe).

INF3 Eu tenho mas é só [AB|para] para gasto de casa. Depois quando for mais daqui a uns meses...

{fp} {IP|to=Estou} engordando {CT|pɔ=para o} matar. Que eu tenho-o {CT|pɔ=para o} gasto de casa.

Pronto, é na altura em que não há.

*INQ Pois.*

INF2 Mesmo aquilo {PH|nẽ=nã} vão bem gordos para lá, Eládio.

INF3 Eles mesmo {PH|nẽ=nã} querem.

INF1 (...)

INF2 É só 'engorlentados'.

INF3 Eles mesmo {PH|nẽ=nã} querem. Quando é para vender, eles {PH|nẽ=nã} querem porcos muito gordos.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC56-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Cesaltina <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC12b02ab <b>faixa:</b> 1ac12b02b <b>min:</b> 09:10-10:53	
<b>Assunto:</b> A alimentação	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 14	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ Não se quer sentar aqui um bocadinho aqui ao pé de nós?*

INF1 Ai, eu vou-me embora ter com os miúdos.

*INQ Sente-se lá!*

INF1 Por causa do meu cunhado. Ele ficou com eles e ele quer ir tratar das vacas.

INF2 O Eleutério está com eles.

INF1 Depois {fp} é na altura em que eu não posso ter assim muita demora.

*INQ Está bem, mas só um bocadinho.*

INF1 Depois ir fazer a minha sopinha!

*INQ Pois.*

INF2 Eu cá fiz então ontem.

INF1 Para ver se a gente come à noitinha um bocadinho.

INF2 Tenho feita de ontem.

INF1 A gente cá {PH|'semu3=somos} muito poupados, só comemos duas vezes.

*INQ Só quê?*

INF1 Só comemos duas vezes, que é {CT|pa=para a} gente ser rica.

INF2 Ah, [AB| eu {RC|ont=-ontem}] eu ontem também comi uma açorda [AB| quando] antes desta  
senhora, desta família...

INF1 Ai, minha mãe, açorda comi eu ontem! Estou farta de açorda até {PH|oz=aos} olhos.

INF2 [AB|E{fp}]

*INQ Como é que fazem a açorda?*

INF2 Como é que fazem?

INF1 A açorda, deitam água numa panela e uma coisinha de sal; depois migam as sopas dentro numa tigela e deita-se um dente de alho, uma coisinha de banha... Quem tem peixe, come com peixe e quem não tem peixe, deita o...

*INQ Mas é seca?*

INF1 Não senhora. É com água.

INF2 [ABI É com]

INF1 As sopas são secas, a gente miga-as secas, e depois é que deita a água a ferver por cima das sopas. Percebe?

INF2 É.

*INQ E fic-... Mas fica assim com água também? Com caldo?*

INF1 Fica com caldo; fica com caldo, fica.

INF2 Fica com caldo, vinagre e...

INF1 Quem quer mete cebola, quem quer mete só banha...

INF2 [ABIEu cá] Eu cá boto-lhe cebola porque teu pai gosta muito!

INF1 Que a açorda é só com banha!

INF2 Come... Rapa aquela cebola toda ao de cima para comer. Eu cá {PHInẽ=não} quero que ela sequer me toque.

*INQ Não gosta de cebola?*

INF2 Não gosto nada.

INF1 Eu gosto muito assim.

INF2 Agora o meu homem lá gosta muito. {fp} Fiz ali, botei-lhe para dentro – que então {PHInẽ=não} frito nada porque {PHInẽ=não} posso comer nada frito –,

*INQ Pois.*

INF2 e{fp} botei a cebola crua, picadinha miúda, que {IP|'tevi=esteve} a ferver para se cozer, vinagre, {fp} o sal, a banha de porco e botei-{PHIli=lhe} uma coisinha desta galinha Maggie... Eh, pequena, cheirava que consolava!

INF1 A senhora também gostou?

INF2 Cheirava que consolava!

*INQ Gostou?*

INF2 É mais gostoso, pois já se sabe que é!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC57-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Cesaltina <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC12b02ab <b>faixa:</b> 1ac12b02b <b>min:</b> 45:39-46:44	
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 15	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF1 É um colar que a gente até lhe mete... Fura com uma agulha e mete uma linha preta dentro.

*INQ Isso. Mete-se uma linha preta dentro?*

INF2 É.

INF1 E cortamos {fp} com a agulha. A agulha sai de banda a banda, com uma linha [AB|de] de algodão preto.

*INQ Pois.*

INF1 E cortamos ali e cortamos aqui atrás, fica a linha ali dentro. Seca-se num instante.

*INQ Ai, que engraçado!*

INF1 Sim senhora. Assim é que elas fazem, que a gente faz, que eu também...

*INQ Também é dos antigos?*

INF1 Que eu também já fiz!

*INQ Era também dos antigos isso?*

INF1 Senhora?

*INQ A sua mãe é que lhe ensinou isso?*

INF1 Sim senhora, é que metia à gente. Que a gente, às vezes, saía com uns sapatos – mas, às vezes, compravam-nos apertadinhos – e depois ele fazia o calo. À primeira vez que a gente saía com eles, fazia calo. Ela pegava em si: "Bota cá o pé"! Metia lá a agulha, de banda a banda, e cortava a linha atrás e cortava adiante, que era para não estar a puxar a linha.

*INQ Pois, pois.*

INF1 E aquilo secava (sempre) /sendo\ em poucos dias.

*INQ Que engraçado!*

INF1 Porque levava um dia ou dois para se secar; depois caía a pelinha, caía aquela linha, pronto!

*INQ Sim senhor. Olhe, não sabia.*

INF1 Ah, isso então assim é que a minha mãe fazia. Era a gente antiga!

*INQ Pois, pois.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC58-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC12b03ab <b>faixa:</b> 1ac12b03a <b>min:</b> 01:00-02:28	
<b>Inquiridor2:</b>	
<b>Assunto:</b>	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 16	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ Onde é que é o curioso aqui? Há algum curioso cá na Terceira?*

INF Agora não... Agora não tem. Agora não tem.

*INQ Já não há?*

INF Agora tinha ali um senhor Capristano, do Areeiro, que aquilo ele era como um médico, senhora! {pp} Era tal e qual como um doutor. Eu digo como o senhor doutor Elisário me disse um dia: "Ele não é"... Digo eu: "É um curioso"! Diz ele: "Ele não é curioso. É um médico {pp} daquilo que é bom"! {pp} Era então! E receitava remédios, ia-se buscar à botica, e a criatura era um instante para ficar melhor. Era, sim senhora. Mas era um homem que sabia ler muito bem, {pp} e tudo o mais. Ele pregava galochas! O seu princípio foi a pregar galochas. {pp} E no resto foi aquilo daquela maneira. Também arranjou muito, que era muito governado mesmo!

*INQ Pois.*

INF Arranjou muito. Mas era um médico de primeira! E se achava qualquer uma coisa, mesmo lá {pp} no seu ver, com os seus olhos ou não sei o quê, o que achava, dizia: "Tu 'há-des' ir {CT|pɔ=para o} doutor. Porque tu {IP|ta}=estás} fraco dos pulmões". E chegava-se ao doutor, era certo. {pp} Sim senhora. E Nosso Senhor levou-o; Nosso Senhor nunca o havia de ter levado!

*INQ Pois.*

INF E curar feridas e{fp} {pp} então... E abrir mesmo... Coisas [AB|que pre-] que precisava de abrir, ele abria e{fp} tirava, [AB|e c-, e] e amanhã, e ficava ali tudo bom que consolava! Teve sorte, coitadinho! E Nosso Senhor levou-o. Mesmo já era muito velho, então também!

*INQ Era já muito velho?*

INF Era, já era velho. {pp} Já era velho então!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC59-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Camolino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC12b03ab <b>faixa:</b> 1ac12b03a <b>min:</b> 13:08-18:10	
<b>Assunto:</b> As doenças	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 17	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ Olhe e aquelas coisas que às vezes dá, uma doença que se pega à gen-, às pessoas todas numa freguesia?...*

INF1 É sarna.

*INQ Pode ser sarna. Mas pode ser outra... Quando se pega assim...*

INF2 Pode ser a peste. Ele nalgum tempo era a peste que dava!

INF1 Ah, era a peste, sim. Em tempo era a peste também.

INF2 Mas ele já morria muita gente aqui!

INF1 Credo!

INF2 Mas ele já há aí medicamento, que {PH|nẽ=não} se fala nisso.

INF1 Já nem sequer há!

INF2 Hoje fala-se é{fp} de cancerosos. Hoje ele anda na moda é cancerosos.

INF1 [AB|Hoje] Ele hoje é tudo cancerosos.

INF2 "Oh, esse fulano tal [AB|{IP|ta=está}] {IP|ta=está} canceroso" e tal. Nalgum tempo era a peste.

INF1 Era a peste.

*INQ E mais não se pega. E o canc-, o cancro não se pega.*

INF1 Era...

*INQ Se se pegasse, então...*

INF1 {fp} A peste então {IP|'tavẽ=estava} na nossa terra [AB|que] – aqui na nossa freguesia – que era medonho! Além nas Lages!

INF2 [AB|E nas] E nas mais freguesias.

INF1 E nas Lages era... Ainda era pior que aqui.

INF2 Havia um doutor de Agualva, que estava [AB|na] ali na ladeira de São Francisco, [AB|nas] em Angra, que{fp} era [AB|um be-] um belo dum homem. Ele morreu com a peste. Teve lá doutores às

telas com ele, que até o sangraram nos pulsos e fizeram-lhe tantas 'trapaçadas', mas ele (...) andou mesmo.

INF1 A ver se o salvavam.

INF2 A peste é... A peste, a peste quando pega deveras (isso era feio).

*INQ Mas ainda se lembra de alguma vez ter estado assim a freguesia aqui toda, a maior parte das pessoas estarem doentes?*

INF2 E outros eram isolados! E as casas eram desinfectadas, vinha gente desinfectar aquelas casas... E aquela roupas (eram) /ele\... Meu pai não lhe deu cedo, morreu disso. Veio lá um homem que era tratado de Carlindo, aqui das Lages, desinfectar. Alagou a gente todos naquela casa, alagou aquela casa toda, agarrou, alagou roupas ... Ah, Nosso Senhor! Minha mãe, tal doença, ela também teve, mas {PH|nẽ=não} foi nada. Um irmão meu também teve, também nada foi. [ABIE a]

INF1 Também escapou.

INF2 E uma irmã minha também teve, também nada foi. Quer dizer, não... Claro, o meu pai não lhe deu cedo, pegou-o e levou-o. Foi um instante para andar.

*INQ Pois.*

INF1 Era uma coisa que era muito pegada {PH|oz=aos} outros, pegava muito {PH|oz=aos} outros.

INF2 Pois era. Pois era, pois era, pois era.

*INQ Pois, pois.*

INF2 Morreu um homenzinho aqui em cima, à boca [AB|deste ca-] desta rua {pp} – e vira ali {CT|põ=para o} lado da praia –, que eles mandaram retirar tudo, aquela gente toda de roda, retirar tudo para fora e ficar outros isolados lá dentro.

INF1 Foi o Carlos.

INF2 Foi o Carlos. Outros isolados lá dentro! Ó senhora, foram uns trabalhos, foram uns trabalhos.

INF1 E ele morreu coitadinho.

INF2 Uns trabalhos!

INF1 E depois levaram-nos {CT|pa=para a} cidade, {CT|põ=para o} isolamento. Aqueles que estavam juntamente com ele no quarto foram {CT|põ=para o} isolamento {CT|pa=para a} cidade.

INF2 (É. Depois foi isso). Uns trabalhos!

INF1 {PH|nẽ=Não} teve dúvida mais nenhuma!

INF2 E o mulatinho preto também morreu com isso. Houve aqui uns anos... {pp} (...)

INF1 [AB|Mas, mas daquilo] Mas daquilo é que o outro morreu. E um primo meu também foi a mesma coisa.

INF2 Porque aquilo era uma desgraça!

INF1 Era uma desgraça, (era então) /ele então\!

*INQ E isso foi mais ou menos há quantos anos?*

INF2 [ABIJá, já vai] Já vai aí a...

INF1 Já foi há anos então! Há anos.

INF2 Aí [AB|a un-] talvez há uns trinta anos. Trinta ou para mais ainda.

INF1 Olha, o{fp}...

INF2 Trinta ou para mais.

INF1 Olha o pequeno do Eliseu não... O pequeno do Eliseu, ele há-de ter mais do que essa idade!

INF2 Por isso é que eu estou a dizer para mais de trinta anos. Para mais de trinta.

INF1 (...). É. Eram mais velhos que os nossos.

INF2 É. Tem já mais de trinta anos.

INF1 {fp} Há cinquenta anos ou mais!

INF2 Já não se fala nisso. Já não se fala nisso.

INF1 Já nem sequer se fala nisso.

INF2 Agora o que está (...) a subir muito, muito, muito é cancerosos. Que os cancerosos é uma desgraça então.

INF1 É cancerosos, não tem tafulho então.

INF2 É uma desgraça.

INF1 [AB|Qualquer {fp} mesmo] Vê-se mesmo que eles que não podem, coitadinhos.

*INQ Pois é.*

INF1 Não sei, é cancerosos, cancerosos, cancerosos, que não tem tafulho.

*INQ E cancro de quê? Onde é que tem andado mais o cancro?*

INF2 O cancro é quase sempre é por dentro de nós, na criatura.

INF1 O cancro é na {RC|cria-=criatura}. É por dentro na criatura.

INF2 Pronto, dentro da criatura. (...)

INF1 Ou no estômago, ou na barriga...

INF2 Ou [AB|no co-] no coração.

INF1 Ou no {RC|cora-=coração}, sim senhor.

INF2 Nos pulmões.

INF1 Nos pulmões, então.

INF2 Ou mesmo [AB|na] no fato da gente, ou coisa, é que dá essa desgraça. E não há cura por ora. Até aqui... Eles andam atrás dela, mas...

*INQ Pois.*

INF1 Mas nunca arranjarão.

*INQ Mas não encontraram.*

INF2 Mas nunca encontraram. (Ele) nunca encontraram ainda.

INF1 Ele nunca arranjarão. [AB|Agora]

*INQ Olhe, e costumam dizer que o cancro é algum bicho ou não?*

INF1 É um bicho, é.

*INQ Sim? E é um bicho mais ou menos como? Parecido com?...*

INF1 Não sei então.

INF2 É um bicho-charvão.

INF1 Mas há gente que diz que é como [RP|como] um bicho-charvão.

INF2 Um bicho-charvão.

*INQ Com pernas, é?*

INF1 Com pernas, sim senhora. E boca, e olhos, e {fp} tudo.



INF2 Até criaturas...

INF1 Eu tinha um tio meu, que morreu canceroso, era um bicho que tinha em si, espedaçou [ABlos, os] os fígados todos. Ele {fp} gomitava era água de ferrugem.

*INQ Pois.*

INF1 E depois de estar a morrer, disse: "E depois de estar na mesa, que ele fique só com a madeirinha e a pele" – com os ossos e a pele. E depois de estar na mesa, defunto, vestido, o bicho mexeu com ele duas vezes!

INF2 Para morrer.

INF1 Foi para morrer.

*INQ Pois, pois, pois.*

INF1 Morreu, acabou-se. Ele [ABl{PHlnẽ=não}]...

INF2 (...)

INF1 {PHlnẽ=Não} mexeu mais consigo. E ele já estava vestido na mesa – morto já! – mas o bicho ainda não tinha morrido.

*INQ Pois, pois.*

INF1 Disse o senhor doutor que o bicho que veio a ele {fp} veio para riba e para baixo nele, mexeu com ele e, para morrer, estrebuchou, para morrer. Morreu, ficou morto, a criatura não mexeu mais consigo. Mas até ali mexia! Mexeu duas vezes, consigo! Aquele bicho é que mexeu com ele!

*INQ Pois, pois.*

INF1 Que ele estava morto. Havia muito! [ABlMuitos]

INF2 Mas muitas coisas dessas, era uma desgraça.

INF1 Muita coisa destas.

INF2 Aí de banda para banda.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC60-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Camolino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC12b03ab <b>faixa:</b> 1ac12b03a <b>min:</b> 18:10-20:14	
<b>Assunto:</b> As doenças	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 18	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF1 Eu vi uma rapariga, que estava além na serra, {fp} estar muito mal, muito mal. E tomou não sei o que foi que o doutor {PHli=lhe} deu – mas aquilo era bichozinho pequenino –, {pp} {fp} ela gomitou. {pp} E ele veio para fora, foi a salvação dela! Digo à senhora que era tal e qual um bicho-charvão.

INF2 Ele há bicho-charvões uns mais grandes e outros mais miúdos.

INF1 Era deste tamanho!

*INQ Pois.*

INF1 Olha, ela meteu-o num frasco, que o senhor doutor qui-lo. {pp} Era pequenino. Era um bicho-charvão tal e qual, verdoso. Mas ela também ficou boa. {pp} Ficou melhor. Nunca mais sentiu dores.

[ABIDe-]

*INQ Qual foi o senhor doutor que guardou isso?*

INF1 Eu parece-me que foi o senhor doutor Carmelino. {IP|ta=Está}... Ele {IP|ta=está} em Lisboa se ainda é vivo.

*INQ Ai, esse...*

INF2 Ele ainda é vivo.

INF1 Se ainda é vivo! Eu {PHInẽ=não} sei se ele é vivo, se {PHInẽ=não} é.

*INQ Pois, pois. Mas se for vivo está em Lisboa, é?*

INF1 {IP|ta=Está} em Lisboa, que ele mesmo era de Lisboa. Era um senhor que era de Lisboa. E veio para cá, {IP|tevi=esteve} muitos anos aqui na praia – anos!

*INQ A dar clínica? A fazer?...*

INF1 A doutor! Senhor doutor! Que era um doutor então que era só para consolar! E casou [AB|com uma] com uma rapariga da cidade. {pp} E tinha dois filhos {pp} e depois os filhos foram

{CT|pöz=para os} estudos já depois de grandes. Ele já estava a modo de reformado, ou não sei o quê, foi-se embora para Lisboa.

*INQ Ah, pois.*

INF1 Não sei se ele é vivo, se não.

*INQ Pois.*

INF2 Não morreu.

INF1 Já foi há muito ano! Oh, anos, credo!

INF2 Ele era novo, mas...

INF1 Ele era novo. Ora, a minha avó ainda era viva... Ele veio, a primeira consulta que fez para fora foi a minha avó {pp} – é que foi a primeira consulta que fez {pp} para fora. E{fp} há anos! Eu estava solteira, eu era uma pequena! [AB|O meu] O nosso Carolino [AB|já tem] já vai [AB|com{fp}] com cinquenta, não é?

INF2 Não chegou ainda.

INF1 Hã?

INF2 Vai com quarenta e nove.

INF1 Quarenta e nove, sim. Já a senhora vê {PH|oz=aos} anos que foi.

*INQ Pois. Já foi há muitos anos.*

INF1 Já. Há{fp} uns sessenta anos ou uma coisa assim.

*INQ Pois.*

INF1 O senhor doutor, o tal senhor doutor era muito bom!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC61-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Camolino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC12b03ab <b>faixa:</b> 1ac12b03a <b>min:</b> 20:24-23:57	
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 19	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF1 Essa mulher [ABlé] é o mesmo que ver uma criança. {pp} E agora pegaram em si e {fp}... Houve eleições {pp}... Mas ele não levou nada de lhe fazer o parto à mulher porque (ela era muito pobrezinha, ele) não levou nada.

INF2 Àquele que era pobre, ele não levava nada. {pp} Era muito bom!

*INQ Pois.*

INF1 Mas chegou-se adiante, {PHlɔ=ao} cabo de um ano, ou um mês, ou isso que foi, houve eleições. E esse rapaz, que era o homem dessa mulherzinha, {pp} tinha pedido dinheiro a um fulano [ABla um]...

INF2 Também já morreu!

INF1 Ele ainda hoje está vivo, que é o Casimiro, que mora aqui em cima. Tinha-lhe pedido dinheiro a ele. Não {PHllɔ=lho} tinha pagado, coitadinho, porque ainda não podia. Houve as eleições, o tal homenzinho apertado daquele que {PHlli=lhe} dava o dinheiro – que {PHlli=lhe} tinha emprestado o dinheiro – e apertado pelo senhor doutor que {PHlli=lhe} tinha ido fazer o trabalho à mulher de graça. Acha-se a falta dele [ABlna, naquela, na l-] na lotaria, naquela coisa dos votos...

INF2 Dos votos.

INF1 Acha-se falta dele, o tal senhor doutor Carmelino mete-se dentro dum carro que tinha e foi buscá-lo {PHlɔ=ao} {PHl'sɔtju=sótão} da casa dele.

INF2 Que ele {IPl'tavɛ=estava} escondido no {PHl'sɔtju=sótão}.

INF1 {PHlɔ=Ao} {PHl'sɔtju=sótão} da casa dele! Ele, coitadinho, {IPl'tavɛ=estava} tanto apertado de tantas bandas, {pp} mas ele trouxe-o no carro!

*INQ Pois claro.*

INF2 Mas ele foi buscá-lo.

INF1 E o tal fulano que ele devia-lhe dinheiro... {fp} Ele [ABlé] ainda hoje é tolo e sempre foi tolo (...). {fp} Quando ele chegou cá, diante daquela gente que {IP|'tavẽ=estava} para ali {fp}: "O dinheiro não tem palavra! O dinheiro não vale nada"! A desfazer no outro.

*INQ Pois.*

INF2 Isso era o Casimiro?

INF1 Era.

INF2 Ah! A desfazer no outro! Mas o senhor doutor Carmelino foi buscá-lo {PH|o=ao} {PH|'sõtju=sótão}!

INF1 Coitadinho, ele {IP|'tavẽ=estava} lá na mesinha, a botar o voto pelo senhor doutor,

*INQ Pois, pois.*

INF1 para mor do outro, que ele {IP|'tavẽ=estava} devendo o dinheiro... O senhor doutor, já vê, tinha-  
{PH|li=lhe} feito o trabalhozinho à mulher de graça, ele coitadinho... Olha, escondeu-se no  
{PH|'sõtju=sótão}! Num {PH|'sõtju=sótão} que tinha por cima da casa.

*INQ Pois, pois.*

INF2 Mesmo no {PH|'sõtju=sótão}.

INF1 Mas ele foi lá buscá-lo {PH|o=ao} {PH|'sõtju=sótão} e trouxe-o consigo!

*INQ Mas eram eleições para quê?*

INF1 Era [AB|como aí] como aí há ainda.

INF2 Era votos!

INF1 É votos. A gente diz que é votos.

INF2 É votos.

INF1 E como aí há aí para fora também.

*INQ Mas era para a câmara, era?*

INF1 É {CT|pa=para a}... Era {CT|pa=para a}... Isto as eleições...

INF2 Era {CT|põ3=para os} governos.

INF1 É para estes governos.

*INQ Ai, era para os governos?*

INF2 Era {CT|põ3=para os} governos, sim senhor.

INF1 É {CT|põ3=para os} governos, {IP|ta=está} a senhora a perceber?

*INQ Pois, pois.*

INF1 É o PPD...

INF2 É como há agora...

INF1 É o Socialista...

*INQ Pois, como há agora...*

INF2 É.

INF1 Eles vão votar agora aí {fp}...

*INQ Pois.*

INF1 Não sei se já para aí para fora se já estão a votar, se não.

*INQ Não, não. É só... Em Lisboa é só dia um, no dia dois.*

INF1 No dia dois?

INF2 E aqui?

INF1 E aqui é no dia um, parece. Não é?

INF2 Aqui também... Eu parece-me que é o mês que vem.

INF1 É?

INF2 É o mês que vem.

INF1 Eu parece-me que é [AB]no dia] no dia um ou no dia dois, também!

INF2 No dia um ou no dia dois!

*INQ Pois.*

INF1 Ele é no dia um ou no dia dois, {pp} também!

INF2 É. Também {fp} é para se ir botar votos {fp} {CT|pɔ=para o} governo.

*INQ Mas o... Mas nessa altura, portanto, já foi há muitos mais anos, há...*

INF1 Já. Foi. Isso já foi há muitos anos.

INF2 Oh, credo! Já foi há anos, senhora. Há anos, há anos!

*INQ Há quarenta ou cinquenta anos?*

INF2 Há anos, então! {pp} Pois o senhor doutor Carmelino foi em cata dele e a mulher disse: "Ah, senhor, ele não está". "{IP|ta=Está}. Ele aqui em casa é que está, que eu vou rondar essa casa toda". E rondou a casa e foi {PH|ɔ=ao} {PH|'sɔtju=sótão} e ele {IP|'tavɐ=estava} no {PH|'sɔtju=sótão}. Mas veio cá para baixo e foi no carro mais o senhor doutor...

INF1 Botar a lista.

INF2 Botar a lista pelo senhor doutor.

INF1 {fp} Ele então ficava já mal para aquele que [RP|que] ele estava devendo dinheiro, de ele estar fazendo aquilo daquela maneira, àquele pobre, {IP|'tavɐ=estava} olhando... Ele pobre era ele, no tempo, também, coitado; hoje já ele tem mais...

INF2 Pois. Mas queria-se fazer grande!

INF1 Mas era a fazer-se grande também.

*INQ Pois.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC62-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC12b03ab <b>faixa:</b> 1ac12b03a <b>min:</b> 39:02-42:31	
<b>Assunto:</b> O vestuário	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 20	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF1 [ABIE já] E usava-se xale de ponta pela cabeça! {pp} Uns xales de ponta! Os xales, a gente fazia uma ponta grande, para ir para trás,

*INQ Pois.*

INF1 e botava aquilo pela cabeça quando era nos anojados; e anojados, se muito anojados; só aparecia os olhos.

INF2 E às vezes um cachené ainda por riba.

INF1 Hã?

INF2 E às vezes ainda um cachené por riba.

INF1 Sim. {pp} Mas agora já não se usa isso.

*INQ Pois.*

INF1 Já é lencinhos na cabeça até no dia dos anojados, é lencinhos na cabeça e passe por lá muito bem. Coitado de quem morre, se ao céu não vai! Aquilo não traz ninguém para cá, mas é um respeito!

*INQ Pois claro.*

INF1 É um respeito que há às suas famílias. Eu cá um irmão meu morreu, {pp} o primeiro, usámos nove meses {pp} xales e cachenés; e {PH|o=ao} cabo dos nove meses, fomos de lenço à missa. Mas era xales e um lenço negro na cabeça! E {PH|o=ao} cabo de um ano é que tirámos então [ABlessa] aquelas roupas [ABLE]... [ABIE uns] E também irmãos do meu homem têm morrido e eu uso da mesma maneira.

*INQ Pois, pois.*

INF1 Já não se usa então é xale de ponta! Isso então já {PH|nẽ=não} se usa! Mas visto um casaco e boto um lenço preto na cabeça [ABLE os primeiros] e vou nos anojados é com um cachené {pp} pela cabeça... É deste feitio. Mas é esta gente mais antiga! Aqueles que são agora não querem, então!

*INQ Pois, pois.*

INF1 Olhe, e fazem bem. Que a gente com aqueles cachetés, a gente apanha frio, quando chega a casa que os tira, apanha frio, e então anda sempre constipadas.

*INQ Pois.*

INF1 Mas é a modo um respeito que a gente tem às nossas famílias.

*INQ Pois claro.*

INF1 Eles {PHInẽ=não} vêm para cá, por a gente usar preto daquela maneira, eles {PHInẽ=não} vêm para cá, mas é aquele respeito que a gente tem às nossas famílias. Sequer um ano, que não é uma coisa que não se ande.

*INQ Pois claro. Pois.*

INF2 Ai ele!

INF1 Um ano de preto pelas suas famílias, ah senhora, credo! Mas há muita gente já que não quer.

{pp} Já estão como os americanos: {pp} "Ele morreu, morreu. Olha, {IPIta=está} por a conta dos mortos. Morreu, acabou-se"! Mas lá também {fp} é assim, não é?

*INQ Usa-se também.*

INF1 Também usa-se preto lá?

*INQ Usa, usa.*

INF1 Ah! Lá também. Vês que se usa!

*INQ Muito tempo. Muitas vezes, muito tempo. Quando é o marido e isso, eu não sei quantos anos é, mas é... Usam muito tempo.*

INF1 É. E na Ribeirinha usavam dois anos, não é?

INF2 É.

INF1 A gente cá aqui usava só um ano. {pp} E os da Ribeirinha usavam dois anos, preto!

INF2 Mas é que ainda no tempo que eu era rapaz, a gente usava {fp} camisa preta – já se sabe –, chapéu preto com um fumo de roda...

INF1 Com uns fumos pretos! E as barbas por fazer!

INF2 E num mês {PHInẽ=não} se metia navalhas...

INF1 {PHInẽ=Não} se metia navalha na cara.

INF2 Hoje é {FRImi'jinu3='machines'}, mas naquele tempo era navalhas. [ABINa] Era {pp} barbados, {pp} para aquele tempo. E a gola [ABIdo] da jaqueta virada para cima. Agora eles, morre um irmão, quando é no outro dia, eles estão só em camisa e todos esgargalados para fora e arregaçados...

INF1 E vestem a roupa porque [ABlé] é um vestir.

INF2 Vai ver

*INQ Pois.*

INF2 como eles andam para aí.

INF1 Ainda no outro dia vi uma rapariga nova de xale de ponta pela cabeça, na Praia. Não sei se era viúva, se que é. Para mim, ela era daquela banda da Ribeirinha. De xale de ponta pela cabeça!

*INQ Pois.*

INF1 Que então, coitadinha, {pp} já custa a segurar.

*INQ Pois, pois.*



INF1 {PHInẽ=Não} já? Mas ela ia de xale de ponta pela cabeça.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC63-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC12b03ab <b>faixa:</b> 1ac12b03a <b>min:</b> 53:33-54:10	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> A alimentação	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 21	<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04

*INQ Olhe, e então e os homens que iam para o campo nunca passavam lá, por exemplo, a hora do, do al-, do, do jantar?*

INF [AB|Passavam a ho-] Os trabalhadores que iam {CT|pç=para o} campo, comiam pela manhã uma coisinha; e depois jantavam era pelo meio-dia ou meia hora passante do meio-dia. E depois de lá,  dessa hora para diante...

*INQ Mas iam lá levar al-, comida?*

INF Ele não iam levar. Eles é que levavam [AB|na] numas saquinhas {pp} – ou numa cestinha ou numa saquinha. E depois comiam quando chegavam a casa. Não comiam mais vez nenhuma.

*INQ Pois.*

INF A criatura que ia {CT|pç=para o} campo era desta maneira.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC64-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC12b03ab <b>faixa:</b> 1ac12b03b <b>min:</b> 00:02-01:06	
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 22	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF Somos todos filhos de Nosso Senhor.

*INQ É isso mesmo.*

INF Não é agora para estar escoicinhando gente que nos chega à porta. Eu cá, Deus me livre {pp} de escoicinhar gente, de dar recados a gente que me chegasse à porta.

*INQ Pois, pois.*

INF Ó senhora, a criatura fica embaçada.

*INQ Pois, pois. Ah, claro!*

INF Já se sabe se a senhora, se tivesse chegado aqui e eu tivesse dito: "Eh senhora, eu

[AB|{PH|nẽ=não}] {PH|nẽ=não} quero saber nada disso", a senhora ficava alcançada, pois já se sabe que ficava.

*INQ Pois, pois.*

INF Que é como eu se chegasse à porta da senhora,

*INQ Pois.*

INF e{fp} pedisse qualquer uma coisa e a senhora dissesse: "Eh, não tenho tempo, nem pachorra"!

*INQ Pois, pois. Pois, pois.*

INF A gente fica embaçado, não se faz isto a ninguém.

*INQ Mas há muita gente que faz.*

INF Porque são malcriados. Estúpidos. {pp} São uns estúpidos!

*INQ Mas também há gente que não faz. É o que vale!*

INF E há gente que não faz, pois já se sabe que há.

*INQ Pois.*

INF Há de tudo, senhora!

*INQ Pois.*

INF Há de tudo! Há bons, há ruins, há gente estúpida, há gente que não tem criação, {pp} há de tudo!

*INQ Pois.*

INF Mas a gente o que é que há-de fazer?! [AB|Nosso] Nosso Senhor é que dá? Não senhora. Eles é que (tomam) aquilo, {pp} porque não foram criados com gente que [RP|que] {PH|li=lhe} dessem educação.

*INQ Pois, pois.*

INF Pois já se sabe que é.

*INQ É mesmo isso.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC65-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Camolino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC12b03ab <b>faixa:</b> 1ac12b03b <b>min:</b> 09:34-10:40	
<b>Assunto:</b> A alimentação	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 23	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ Olhe, uma pessoa que gosta muito de coisas do-, doces, diz-se que é um quê?*

INF1 Ah, eu cá {PHlnẽ=não} digo... Nunca falo mal de ninguém que gosta de coisas doces porque eu gosto de coisas muito doces.

*INQ Nunca lhe chamaram nada?*

INF1 Não. [Risos]

*INQ Se, se gostar de coisas doces?*

INF1 Não. [Risos] Eu cá gosto de coisas muito doces. Esta minha neta, eu dou-{PHli=lhe} um copo de [RPlde] chá – que ela às vezes quer à noite, quando não é um copo de leite – mas ela nunca quer açúcar. E [ABlno co-] no copo de chá, ela bota-{PHli=lhe} uma pitadinha. Eu digo-lhe: "Ah, minha amiga! Não paga para chá! "Ah, a minha avó pensa agora que eu que quero o chá doce como o de minha avó"! Mas não quer. {IPlta=Está} acostumada, {PHlnẽ=não} quer.

*INQ Pois.*

INF1 Eu cá quanto mais doce melhor.

INF2 E o pai era a mesma coisa.

INF1 Já o meu filho era a mesma coisa: ele bebia café sem açúcar. Mas porque foi criado com isso.

Mas agora depois que há mais um {PHl̩sukri<sup>1</sup>ziɲu=açucarzinho} é que a gente gosta!

*INQ Pois. Eu também. Eu gosto com mais açúcar do que com menos.*

INF1 É. Eu cá também gosto, então. (...) Gosto!

*INQ Mas a mim chamavam-me coisas por causa desse...*

INF Gulosa?

*INQ É.*

INF [ABIÉ, é como a] É como a minha filha diz muita vez: "Minha mãe não é muito gulosa"! E o meu filho: "Ó minha mãe, pega lá, que tu és muito gulosa, gostas é de coisa doce"! É "gulosa"!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC66-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> <b>CD nº:</b> 1AC12b03ab <b>faixa:</b> 1ac12b03b <b>min:</b> 12:11-13:09	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 24	<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04

INF É. Pois já se sabe que{fp} há gente boa por toda a banda. {pp} Eu estava ontem [ABlno] no açougue e estava lá um homem que um homem {PHlli=lhe} disse: "Ai homem, cala-te, por amor de Deus, um instantinho que já ninguém te pode ouvir"! Ele disse que tinha setenta anos. [ABIE{fp}] Mas era muito 'falazol'. Diz: "Esta canalha de agora, senhora... Eh senhora, vire-se a senhora cá para mim. A senhora já é talvez da minha idade. {pp} [ABIA senho-] É porque a senhora comia carne? Vinham {PHllo=ao} açougue comprar carne para comer? Comiam bifes? Comiam queijo? Comiam manteiga como"?... Digo eu: "Eu, não senhor". Diz: "Ah, a senhora foi criada coma eu! Com umas couves, com umas batatas e uns 'grões' de feijão quando havia! [Risos] {pp} E {PHlpěj'ziņu=pãozinho} de milho para dentro [ABle{fp}] e nunca vi queijo! Só se na mão de outros – de outros ricos – é que a senhora viu! Na sua mão nunca viu".

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC67-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Camolino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC12b03ab <b>faixa:</b> 1ac12b03b <b>min:</b> 15:33-21:56	
<b>Assunto:</b> A agricultura – generalidades	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 25	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ E aquele terreno lá que não pertence a nin-...*

INF1 Ou pastagens... Pode ser mato, pode ser pastagens.

*INQ Pois.*

INF1 [AB|Que{fp}] Que não são cultivados.

*INQ E aquele que é de toda a gente?*

INF1 Isso é o... É tratado por 'vadio'.

*INQ 'Vadio'?*

INF1 É, sim senhor. Mas {fp} hoje já aí há pouco. O nosso governo meteu-se a tapar, tapou os 'vadios', a bem dizer, todos, para meter dinheiro para dentro, para arrendar a quem precisa deles...

*INQ Pois.*

INF2 {CT|pos=Para os} seus bens.

INF1 (Estão todos arrendados).

*INQ Ah, para arrendar?*

INF2 É. Arrendam.

INF1 Para arrendar, para meter dinheiro para dentro – está a senhora a perceber? Quer dizer, ele também gastou o dinheiro. Ele também gastou dinheiro a tapar aqueles campos com paredes, e tanques [ABle] de águas e essas coisas, também aí a trabalhar tractores [ABle], também gastou.

INF2 Gastou muito.

INF1 Gastou!? Ele gastou! Ele não gasta nada da sua algibeira! É. O nosso governo gasta [ABlé da] é da gente.

*INQ Da nossa.*

INF2 Pois, já se sabe que é. [AB|Mas t-, mas gast-] Mas gastou!

INF1 {IP|ta=Está} bem. Mas gasta é da gente.

*INQ Mas não era melhor quando estava tudo?... Quando as pessoas podiam usar aquilo, toda a gente?*

INF2 Pois era. Porque metiam reses para lá, {CT|pɔɜ=para os} 'vadios', tratavam por 'vadios'.

INF1 É. Eu levava. Eu {fp}... A senhora tinha, por exemplo, cinco ou dez ou quinze bezerras: "O Elísio deitou-as {CT|pa=para a} (.../NPR)". Há?

INF2 Só ia vê-las.

INF1 Vai lá vê-las... Vai lá vê-las, hoje, ou amanhã, ou daqui a quinze dias, ou daqui a três semanas, ou daqui a oito dias, [AB|lou] vai vê-las; mas hoje não têm nada que ver porque os 'vadios', o nosso governo tapou-os todos.

INF2 {IP|ta=Está} tudo tapado.

INF1 Eu conheci matos aí para dentro, que eu ia para esses matos para dentro, a gente [AB|olhava {pp}] olhava, era só 'vadios'.

INF2 Mesmo já não se bota reses para lá.

INF1 Era só 'vadios'. Agora a gente chega e não sabe onde é os 'vadios'. [AB|É{fp}] É {PH|kapt'o'meriz=criptomérias} a fazer abrigos naquelas pastagens, numa banda {CT|pa=para a} outra, [AB|é t-] é entradas para aquelas pastagens. (Oh, pois, que horror).

*INQ Ó senhor Camolino, e nesse tempo, as pessoas tinham obrigação de arranjar... Sei lá, se havia assim uma coisa que era perigosa para os animais, as pessoas tinham todas obrigação de arranjar aquilo, ou não? Quando eram 'vadios', toda a gente lá podia ir pôr?*

INF1 Sim, era... Pois {PH|lɛɾɐ'zavẽw̃=arranjavam} e outros não se importavam de saber. (...)

*INQ Ah, não tinham obrigação de fazer esses?...*

INF2 Não tinham, não senhor.

INF1 Não {PH|lɛɾɐ'zavẽw̃=arranjavam}. {PH|lɛɾɐ'zo=Arranjou} foi o nosso governo quando andou que fez o tapume, aí é que ele arranjou.

INF2 Ele é que tem {PH|lɛɾɐ'zadu=arranjado}, então.

INF1 Mas antes não {PH|lɛɾɐ'zavẽw̃=arranjavam}. {PH|lɛɾɐ'zar=Arranjar} quê? Com o quê? Ah!

INF2 Não {PH|lɛɾɐ'zavẽw̃=arranjavam}! Metiam o seu gado àquele... Bezerras que queriam criar, [AB|não tinham, não queriam pagar] não podiam pagar renda,

*INQ Pois.*

INF2 metiam [AB|{CT|pɔɜ=para o}] {CT|pɔɜ=para o} 'vadio' – tratavam por 'vadio'.

*INQ Pois.*

INF2 E depois iam lá vê-las [AB|de, de] de dias a dias.

INF1 É. Pois, e eu ia também, porque não havia (muito dinheiro).

*INQ Mas há outras ilhas em que ainda é assim?*

INF2 O quê?

*INQ Há ilhas em que ainda é assim?*

INF2 Há.

*INQ Os 'vadios' são do povo.*



INF1 Há-de haver ilhas onde há-de haver 'vadios'. Mas [ABLEles, as i-, as] hoje {IP|ta=está} tudo ele muito apurado, que é coma esta questão de haver muito gado hoje à vista do que havia, porque os campos são outros.

*INQ Pois.*

INF1 É coma esse 'vadio'. Isso é tudo tapado, mas é... A senhora o que é que pensa, é centenas de moios. {fp} Isso {IP|ta=está} tudo em tratamento. Tudo em tratamento, está acrescentando gado – a senhora {IP|ta=está} percebendo?

*INQ Claro.*

INF1 Quer dizer, faz uma diferença grande! Porque no 'vadio', tinham muito gado no 'vadio' – {fp} três, uma dúzia doutro, uma dúzia doutro, meia dúzia doutro, {fp} mais meia dúzia doutro –, enfim, mas era uma coisa duma outra (.../N) ou forma.

INF2 Que era coisa brava!

INF1 E ainda mesmo assim chegava-se a este tempo, a gente dizia: "Eh homem, tem que se {PH|ɐ̃ɾiku'ʎer=recolher} aquelas reses". Porque o 'vadio' (é) desamparado, não havia tapume, não havia abrigo, não havia nada. {fp}"Tem que se recolher aquelas reses para dentro porque aquilo, agora, elas abatem-se naquele inverno" (...)...

*INQ E o que é que faziam nessa altura?*

INF1 {fp} Ficava aquilo para ali.

*INQ E traziam as reses para?...*

INF2 Para abrigos.

INF1 E traziam as reses para outros lugares, para lugares que tinham seus, tapados, [ABLE{fp} e com abrigos naquelas serras mesmo [ABLE]...

*INQ O que é que diziam que estavam a fazer? Que iam fazer o quê às reses?*

INF1 Era {PH|ɐ̃ɾiku'ʎeɐ̃ʃ=recolhê-las} – {PH|ɐ̃ɾiku'ʎeɐ̃ʃ=recolhê-las} para dentro.

*INQ Sim senhor.*

INF1 (Era) {PH|ɐ̃ɾiku'ʎeɐ̃ʃ=recolhê-las} para dentro.

INF2 Até passar o Inverno.

INF1 Quando passava o Inverno, pois tornavam-se a deitar outra vez para aqueles lugares e para além estavam aquele Verão todo para ali. Era assim é que se fazia.

*INQ Sim senhor.*

INF1 Mas hoje {IP|ta=está} tudo de uma maneira que não... {pp} Quer dizer, {IP|ta=está} dando mais interesse!

INF2 {IP|ta=Está} a dar interesse.

INF1 {IP|ta=Está} dando mais interesse porque os campos são tratados, e tapados [ABLE{fp}] com aquelas {PH|kapt'o'meriz=criptomérias}, e estremas a fazer abrigadas àqueles prédios... {fp} Quer dizer, faz uma diferença que mete medo. Aqueles prédios hoje, um homem chega... É como eu, {IP|t'ivi=estive}... Não, não há muito tempo que eu lá estive, mais o meu filho e esta também. Há lá um lugar – que eu agora dá-me vontade de rir, assim certas coisas –, {fp} há lá um lugar que é tratado

pela {PHlɛlɛ'gɔɐ=Lagoa} das Patas, mas é um recreio! Que {IPlta=está} lá cheio de madeiral de {PHlkapto'mer=criptoméria} que é uma coisa medonha!

INF2 É uma coisa medonha!

INF1 Está aquela {PHlɛlɛ'gɔɐ=lagoa} no meio, mas é um recreio lá de mesas! Aquilo quando é no Verão, a senhora o que é que pensa?!...

INF2 Até ficam lá de noite!

INF1 O pessoal lá é coisa brava! (...).

*INQ Até ficam de noite?*

INF2 [AB|Fazem] Cozinham lá para comer e tudo.

INF1 Mas eu, no tempo que eu fui, era 'vadio'! Não tinha {PHlkapto'meriz=criptomérias} nem tinha nada! {fp} [AB|A gente cá] A gente para se entender uns com os outros: "Olha, eu vi as tuas gueixas na {PHlɛlɛ'gɔɐ=Lagoa} das Patas"! Ou: "Vi as tuas gueixas no Pico Gordo"! Ou: "Vi as tuas gueixas no Pau Velho"! [AB|Ou] Quer dizer, isto nas ilhas era tudo 'vadios'!

*INQ Pois.*

INF1 Hoje é... "Homem, eh pá, vamos à {PHlɛlɛ'gɔɐ=Lagoa} das Patas"! Eu quero-me lá ir à Lagoa das Patas, pois aquilo era um 'vadio' ali (...).

INF2 [AB|Mas] Mas está lá que é um palácio!

INF1 Oh, mas aquilo é um luxo que está lá! Mas era como eu estou dizendo à senhora, era a rapa, [AB|s-]

*INQ Pois, pois.*

INF1 silva, feto, que [AB|lera] era isto só, só, desta maneira. E tinha aquela {PHlɛlɛ'gɔɐ=lagoa} ali.

INF2 Mas agora não tem isso.

*INQ Pois.*

INF1 (...) É aqueles caminhos para lá, é [AB|tudo es-] tudo com bagacinha.

INF2 Tem lá barraquinhas armadas.

INF1 Tudo... O quê?! Um luxo, lá! É um luxo! É um luxo!

INF2 É mesas!

INF1 É um luxo!

INF2 Mesas de pedra, então!

*INQ Pois.*

INF2 Umas mesas lá postas e elas com os seus fogões lá a fazer coisas para comerem.

INF1 É, a aquecer coisas para comer. (...)

INF2 Aquecer comidas.

INF1 É um luxo lá! É um luxo!

INF2 Consola a ver!

*INQ Pois.*

INF1 E era um 'vadio', como eu estou dizendo à senhora.

INF2 Vão para lá de recreio de Verão! Agora de Inverno {PHlnẽ=não} estão lá.

INF1 Cá não!

INF2 [ABIMas] Mas de Verão vão para lá, ficam lá de uns dias {CT|pɔz=para os} outros, ficam às vezes dois, três dias, lá.

INF1 Oh, então não é! É (carro lá) que é medonho!

INF2 Levam bastante coisas para comer e depois estão prontas a estar sem fazer nada lá.

*INQ Pois.*

INF2 É. Andar por lá...

INF1 É um recreio, é um recreio.

INF2 É um recreio.

INF1 É um recreio. Digo à senhora que é um recreio agora. E uma coisa que era um 'vadio'! Quem é que fez aquilo? Foi o nosso governo {pp} é que [AB|botou] encheu aquilo tudo de matas... Matas, mas é uma quantidade brava, que está fechado de matos por ali, que aquilo era tudo 'vadio'. Tudo 'vadio'!

INF2 É tocar violas! É bailar! É cantar lá, desta maneira!

INF1 Oh, aquilo é um luxo!

*INQ Sim senhor.*

INF2 Vão para lá passar uns pedaços.

INF1 É, é.

INF2 E dias.

*INQ Pois.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC68-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Camolino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> Elódio <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC12b04ab <b>faixa:</b> 1ac12b04a <b>min:</b> 00:00-07:16	<b>Inquiridor2:</b> João Saramago
<b>Assunto:</b> O linho	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 26	<b>Data da primeira transcrição:</b> Dez.03 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04

*INQ1 Olhe, se não se importa, então explique outra vez do princípio o linho, está bem?*

INF1 O linho?

*INQ1 O linho.*

INF1 A começar de semear?

*INQ1 Sim.*

INF1 Primeiro é semeá-lo; e depois tem um ripanço, quando se vai apanhar, que se {IP|ta=está} ripando {pp} aquela baga – que aquele linho tem uma baga –; [AB|e{fp}] e depois acaba-se, amarra-se {PH|o}=aos molhinhos; e depois bota-se {PH|o=ao} sol a secar aqueles molhinhos abertinhos, assim, a secar.

INF2 Isso já é depois de estar no lago, depois de estar na água.

INF1 Hã?

INF2 Depois de ir à água é que se faz isso.

INF1 Ah, pois sim, mas ele tem muita gente... A gente cá não o levava à água; era só [AB|no{fp}] seco {PH|o=ao} sol. E depois acabando de secar do sol, {PH|trv'ziɐmjɔ=trazíamo-lo} para casa, para um palheiro, e levávamos [AB|para] {CT|pɔ=para o} forno. Quando se cozia, metia-se no forno. Ficava ele sequinho, e ali medadinho, todo assim, dentro dum forno. Ficava sequinho. A gente pegava no outro dia, com uma tasquinha ou com uma grama, {pp} tasquinhávamos – umas gramavam e as outras tasquinhavam.

INF2 Ele primeiro era amaçado. Ele primeiro era amaçado.

*INQ1 Como é que era a grama?*

INF1 A grama, era [AB|lum] feito um pau assim pelo meio fora e tinha assim umas coisas, tinha um ferro que a gente metia o molho assim – a gente metia assim o molho – [AB|e aquela] e aquela grama ia fazendo assim e a gente puxando.

INF2 Uma coisa feita de calhas. Uma coisa feita de calhas.

INF1 Sim. Ia-se puxando até que se ia embora [AB|aquela, aquela] 'esperdidão' toda, só ficava [AB|o{fp}] o linho.

INF2 (...)

INQ2 Pois.

INF1 Só ficava o linho.

INF2 (...)

INQ2 Mas antes de ir para a grama, não, não tinham uma coisa que faziam assim nele?

INF2 (...)

INF1 Era a tasquinha. Era a tasquinha. Era, era... Podia ser dessa maneira e podia ser... Há gente que gramava e outros que só tasquinhavam.

INQ2 Mas o seu marido disse que elas até costumavam fazer uma coisa antes disso?

INF1 É. Pois é. [AB|É, é aqui-] É a grama que é como eu estou dizendo.

INQ2 É que ele falou em amasar.

INF1 Mas no resto já não havia muitas gramas. Talvez {PH|ide=ainda} te lembres, assim, não te lembrás?

INF2 Lembro-me [AB|da] da tasquinha. A tasquinha.

INF1 Tasquinha, é. Também, a força lembra-me é de tasquinha. Mas ainda apanhei as gramas! {pp} – de resto.

INQ2 E não amaçavam? Pois. E não amaçavam também?

INF1 Amaçavam com uma maçã. Era quando saía do forno.

INF2 (...)

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Quando saía do forno, {RClama=-amaçavam}... Não era? Era.

INF2 É amaçado. Se não, ele ficava todo colado, todo colado, todo colado.

INF1 Amaçado todo com umas maçãs, em cima numa pedra dura.

INF2 (...) Todo pegado, dobrado naquela cana que tinha.

INQ2 Batia-se em cima numa pedra?

INF1 Sim senhor.

INQ2 Rhum-rhum.

INF2 E depois era quando elas (.../VB) sobre aquela cana.

INF1 Até aquilo dobrar-se assim, ficar dobradinho {PH|o=ao} meio.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 E depois metiam-no...

INF2 Elas pegavam nele e botavam no restolho, {pp} aberto – no restolho, aberto.

INF1 No restolho, sim senhor. No restolho.

INF2 Aquilo ficava naqueles carreirinhos, aberto, por ali fora, estava lá uns dias, e depois {PH|o=ao} fim de dias, ele iam juntar aquilo, ficava aquilo {PH|o}=aos} molhinhos, e depois é que então pegavam nessas gramas e nessas coisas a trabalhar, e iam andando até chegar a ponto de fiar, numa roca [AB|quando] presa na cintura e elas...

INF1 Umas rocas que a gente fiava e aquele fuso... Aqueles fusos, iam as rocas assim metidas aqui na cintura e uma maçaroca aqui do tal linho – da tal coisa – {CT|pa=para a} gente fiar e a gente fiava, até à meia-noite e até às dez horas da noite, era conforme.

INF2 (...)

INF1 {fp} Eu tinha uma irmã minha que dizia: "Olhe minha mãe, que eu, eu não sei se esta roca há-de ir {PH|o=ao} lume".

INF2 (...)

INF1 Porque (ele) o lume pegava-{PH|li=lhe} {pp} num instante.

*INQ1 Pois.*

INF1 E minha mãe dizia-{PH|li=lhe}: "Pois se ela for {PH|o=ao} lume, tu levas pancadas! Se ela for à luz, tu levas pancada"!

INF3 Ó [AB|ti-, ti-, tia] tia Celisa, e [AB|aquele] aqueles ajuntamentos que faziam com muita gente [AB|na] nas fiaduras [AB|do, do] do linho e da lã?

INF2 Era fiar o linho.

INF1 [AB|Po-] Fiadura de linho? De linho, não. De linho só...

INF3 Não?

INF1 De linho só no restolho.

INF3 Era só no restolho?

INF1 Era só no restolho.

INF3 (...)

INF1 [AB|E a] E a tasquinhar também.

INF3 Isso ajuntava-se muita gente!

INF1 Muita gente! Ajuntava-se.

INF3 Ajudavam-se uns {PH|oz|=aos} outros.

INF1 É. Ajudavam-se uns {PH|oz|=aos} outros.

INF3 Dúzias de pessoas.

INF2 Ah sim?

INF1 Dúzias, dúzias de pessoas, sim, então!

INF2 Agora cá.

*INQ2 Pois.*

INF1 [AB|E {fp}] E depois fiávamos, ficava numa maçaroca, a gente ensarilhava no tal sarilho – num sarilho também – e depois {fp} fazia-se barrelas, botava-se {PH|o=ao} sol...

*INQ1 Mas portanto, nesse sarilho o que é que ficava?*

INF1 Ficava numa meada.

*INQ1 Ficava já em meada.*

INF1 Ficava numa meada. E depois a gente [AB|botava] lavava-o, botava-o {PH|o=ao} sol...

*INQ1 Para quê?*

INF1 [AB|Para] Depois era alvinho.

*INQ1 Ah!*

INF1 Porque depois era alvo, que aquilo ficava negro.

*INQ1 Pois.*

INF1 A gente botava-{PHli=lhe} era cuspo da boca.

*INQ2 Rhum-rhum.*

INF1 [ABIEu cá] Eu cá, eu trazia era [ABluma] uma aguinha [ABInum] num copo, e minha irmã – Deus lhe dê o céu – trazia era uma aguinha num copo, que diz que já estava seca da boca, que não podia botar mais cuspo. E assim é que a gente fazia!

INF2 Era.

INF1 E{fp} dobava-se, depois de estar alvo, dobava-se e urdia-se teias e botava-se.

INF3 E as barrelas, tia Celissa?

INF1 E barrelas. Barrelas [ABlnaquela fia-] naquela fiadura.

INF3 (...)

*INQ1 Como é que era?*

INF1 A cinza...

*INQ1 Como é que era?*

INF1 Ora a gente {fp} botava uns cestos grandes assim, e a gente botava uma mantinha de roda, que era para não apanhar {fp}aqueles vimes, porque o cesto era de vimes...

*INQ1 Pois.*

INF1 E depois para não puxar os fios, botavam uma coisinha de roda e botavam aquele linho todo emedadinho, por ali arriba, às meadas, até ele ficar assim alto. Só ficava assim uma alturazinha para botar a cinza – cinza de faia. Botávamos um 'sarredouro', e botávamos mais cinza em cima e água a ferver para riba. Três ou quatro tachos, era conforme {pp} se podia.

INF3 E essa cinza, que era o fim dela?

INF1 O quê?

INF3 (Ele) para que é que servia a cinza [ABlna] no linho?

INF2 Era deitada fora. {pp} botada fora.

INF1 A cinza, {fp} botava-se fora, então.

INF3 Mas o que é que {RClfa=fazia}?... Que bem que fazia {PHl=ao} linho?

INF1 Tirava aquela 'negrigência'!

INF3 Ah, era [ABlpara] para alvejar?! (...)

INF1 Era para alvejar, era. Era para alvejar. Era cinza só de faia! Não se queimava outra coisa.

INF3 (...)

*INQ1 Mas era melhor a cinza de faia?*

INF1 Era melhor só a cinza de faia. Tirava aquela 'negrigência'.

INF3 (...)

*INQ2 ...*

INF2 (...)

INF1 Já a gente quando aquilo estava frio no outro dia – mas era se estava frio –, a gente ia com ele {CTlpra=para a} pia, [ABle{fp}] e lavávamos, já ele fazia uma diferença brava. E botávamo-lo a corar

por cima das paredes {PHlɔ=ao} sol. [ABlDali a oito] Dali a dias, tornávamos a fazer outra barreira, tornávamos a fazer o mesmo, da mesma maneira. Tornavam a lavar, tornavam a botar {PHlɔ=ao} sol, até ele ficar alvo. Ele ficava alvo, alvo!

INF2 É assim, é.

INQ1 Sim senhor.

INQ2 Isso era o linho?...

INF1 Era o linho.

INQ2 E o, e como é que chamava àquele mais grosso?

INF2 Não tens nenhuma aí, não é?

INF1 A estopa.

INF2 Não tens nenhuma aí?

INF1 [ABlPorque então] {fp} O senhor sabe. O linho tenho ali [ABlnaquela] naquela saca. O linho tinha...

INF2 (...)

INF1 Havia um sedeiro com pregos assim. {fp} um bocadinho assim,

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 e assim. Assim, assim como a... Assim.

INQ1 Pois.

INF1 E a gente quando aquilo {IPl'tavɐ=estava} curado, quando aquilo {IPl'tavɐ=estava} a modos que a gente acabava de tasquinhar e tudo, ia-se assedar o linho assim.

INF2 (Eu gostava era só disso).

INF1 O que ficava atrás era a estopa.

INF2 Mulher, onde é que eu tenho isso?

INF1 É ali atrás, naquela saca branca.

INF2 (É aonde, mulher)?

INF1 [ABlE o que] E o que ficava...

INF3 Naquela branca lá atrás, naquela branca.

INF1 [ABlNaque-] Naquela lá atrás, sim.

INF3 Branca.

INF2 Ah!

INF3 (Deixe-se)/Deixe\estar. (deixe-se)/deixe\estar.

INF1 E [ABl{PHlɔ=ao} que ficava] {PHlɔ=ao} que ficava [ABl a s-, a ge-] a gente fazia assim com isto, desta maneira, no tal sedeiro, {pp} assim. O que ficava para ali era a estopa, e o que ficava na mão era o linho. A gente torcia como quem torce uma torcida de tabaco...

INQ1 Pois, pois.

INF1 [ABlE{fp}, e o] E apartávamos à parte. Era então, urdia-se colchões com ele [ABle]...

INQ1 Com o linho?

INF1 Com o linho, sim senhora. [ABlA gente cá]

INQ1 E com a estopa, o que é que faziam?



INF1 A estopa tapava, [AB]como] como aqui se está tapando, assim...E também se tapava com estopa ou linho, ou lá o que quisessem – de 'colchões' ou uma coisa assim –, também se tapava. E também se urdia com a estopa se ela era rija! Agora se ela era mais podre, ninguém podia urdir com ela, que não se podia tecer, que a gente bota os pés em cima, ela desaparegia toda e ia-se embora.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC69-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Camolino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> João Saramago <b>CD nº:</b> 1AC12b04ab <b>faixa:</b> 1ac12b04a <b>min:</b> 17:06-24:08	
<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino	
<b>Assunto:</b> A agricultura – generalidades	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 27	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Jan.04 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

INF1 Pois a gente para aqui, {fp} com respeito à lavoura, a gente se for a principiar no princípio, no princípio, tem um romance muito grande. Porque hoje... A lavoura hoje, a lavoura hoje {IP|ta=está} boa. Mas no princípio não 'aboava'. No princípio, era só economizar. {pp} O fulano fazia um prédio de renda {pp}... Até eu vou dizer {PH|o=ao} senhor...

INF2 (...)

INF1 {fp} Eu vou dizer {PH|o=ao} senhor ainda numa outra maneira: {fp} fazia-se um{fp} pequeno pasto... Fazia-se um alqueire de pasto {pp} por dois escudos e meio. Bom, é como hoje há uma moeda de dois escudos e meio, não sei se no continente também há?!

INQ1 Há.

INF1 Mas é uma moeda de dois escudos e meio, mas naquele tempo era, em dinheiro, fraco – o senhor {IP|ta=está} percebendo o que é?

INQ1 *Rhum-rhum.*

INF1 Um alqueire de pasto por dois escudos e meio, um alqueire de terra {pp} a saco – a saco, é seis alqueires... Os senhores lá há-de ser outra conversa, mas a gente é aqui é.

INQ1 *Rhum-rhum.*

INF1 E de maneira que isto agora foi {PH|etri'pêdu=trepando} por aí acima. Foi {PH|etri'pêdu=trepando}, foi {PH|etri'pêdu=trepando}, foi {PH|etri'pêdu=trepando} que hoje arrendasse um alqueire de pasto a mil e quinhentos escudos, hã?! Veja lá o senhor, de dois escudos e meio {pp} para este dinheiro, a que é que se chegou, hã?!

INQ1 ...

INF1 As terras é a mesma cousa: mil escudos, mil e quinhentos. Naquele tempo dos tais dois escudos e meio, {fp} semeava-se um cerrado. {pp} A terrinha mais fraca era {CT|p=para o} tremeço, ou cevada, ou{fp} umas favas de grão; e a terrinha melhor, a gente ia cultivar com umas soquinhas de

milho, mas tudo em fraco, porque não havia o dinheiro para {PH|ɐbu'tar=botar} o adubo. Hoje semeia-se em qualquer uma parte, dá sempre muito porque o adubo é que faz dar – {IP|ta=está} o senhor percebendo o que é?

*INQ2 Pois.*

INF1 E agora naquele tempo não era assim. Naquele tempo era miséria! Naquele tempo era miséria! Mas hoje é uma abundância em tudo. Eu tive aqui neste curral, aqui de diante, e numa hortazinha que estava aqui... {pp} Eu tenho ali batatas naquela casa {pp} e já vendi dez sacas de batatas! Só da metade do que esta produziu aqui – que a outra metade foi para casa dum filho meu ali {CT|pa=para a} banda de baixo – só esta terra, hã, um nada de terra,

*INQ2 Sim.*

INF1 produziu isto tudo! Porque é? O adubo que se botou. Se {PH|nẽ=não} se botasse o adubo [AB|nã] não havia. Porque [AB|naq-] naquele tempo semeava-se um bocadinho de batatas, mas era na terrinha mais fraca que a melhor era para semear umas soquinhos de milho {CT|pa=para a} gente comer.

*INQ2 Pois.*

INF1 Era na terrinha mais fraca! Não levava adubo, não levava nada, que é que havia de dar?! Então naquele tempo, a gente dizia {pp} : "Homem! {pp} É batata-carvalha! É batata-rainha"! E era as sementes daquele tempo. Hoje já não é assim. Hoje vai-se {PH|ɔ=ao} grémio da Praia {fp} para arrolar batatas, para vir de fora para aqui. Já querem sementes novas. [AB|Sem-] Trazem este ano semente nova, semeia-se; já {CT|pɔ=para o} ano carece trazer outra. Usam daquela, mas já carece trazer outra para ir reformando, para ir dando – a senhora {IP|ta=está} percebendo o que é?

*INQ2 Pois, pois.*

INF1 [AB|Senão] {fp} É que (ele) as coisas hoje {IP|tẽw̃=estão} diferentes dominado à moeda. A moeda é que {IP|ta=está} fazendo isto. Se não houvesse a moeda como (não) havia naquele tempo, {pp} não se fazia isto. Mas naquele tempo não havia a moeda, era só se fosse com estrume, [AB|lou] ou uma coisa qualquer, que é que podia dar. De resto ele mais não dava. Era... Era penar! Naquele tempo era penar! Hoje {IP|ta=está} tudo na lavoura, {IP|ta=está} tudo nos terrenos, tudo dominado {PH|ɔ=ao} adubo. Hoje talvez se crie – txhh!, eu não quero mentir mas –, talvez mais duas partes ou mais do que o que se criava naquele tempo.

*INQ2 Pois, pois.*

INF1 Porque é? Os terrenos é os mesmos. É o adubo é que não é o mesmo, porque naquele tempo não havia adubo e hoje há o adubo. Dá {CT|pɔ=para o} dobro de sustentar os {fp} animais que 'havera' de sustentar, {IP|ta=está} o senhor percebendo o que é?

*INQ2 Pois.*

*INQ1 Pois.*

INF1 Hoje as coisas {IP|tẽw̃=estão} todas assim desta maneira. A gente naquele tempo, os animais {pp} eram esfregados e a gente... Porque {fp} era tudo trabalhado com os animais. Ainda tenho ali uma

grade, {fp} cangas, tamoeiros, {fp} coisas ainda daquele tempo. Era a gente... Moía-se com os animais... Elas faziam lama, que apanhavam mau tempo amarradas naqueles lugares, faziam lameiro para ali, aquela lama secava, sem {PHli=lhe} poderem chegar a ela, a gente ia para ela com os animais, era seca! Arreventava torrãzada para ali!... Que depois a gente ia para partir aquilo, às vezes até era com o próprio malho de bater nas estacas, a gente ia batendo naqueles 'torrães' para ver se explodia aquilo! E depois com as grades é que gente ia partindo aquilo! Era penar! Hoje {PHln̄=não} se pena! Hoje a gente chega {PHlɔ=ao} cerrado, senta-se assim contra a parede, aí está o tractor {pp} para trabalhar a terra! Acaba de trabalhar a terra, a gente... [ABl Ou {fp}] Há mesmo hoje quem faça isso com um cavalo, {pp} outros com uma junta de reses. Abrem o rego, bota-se-{PHli=lhe} o milho, bota-se-{PHli=lhe} o adubo – se querem botar o adubo –, dá-se-lhe uma grade de costas, que é como eu {PHli=lhe} estou dizendo que tenho ali, pronto, {IP'ta=está} o cerrado semeado! E a gente naquele tempo não era assim! A gente naquele tempo ia primeira, segunda e terceira vez {PHlɔ=ao} mesmo cerrado, {CTlpa=para a} gente {PHli=lhe} poisar nas 'condições' de se poder semear milho. E hoje já não é nada disto!

*INQ2 Pois.*

INF1 [ABlHoje é] Hoje {IP'ta=está} tudo a 'favoral' da gente! Tudo a 'favoral' da gente! Não era naquele tempo. Naquele tempo, {pp} eu sei lá! E era 'cais', as mãos cheias de 'cais', era os dedos dos pés gretados naqueles 'torrães' secos, {PHli}gri'tavɛ=gretava}, eu sei lá! Eu sei lá o que a gente penava! Hoje não se pena nada! [ABlHoje] Hoje o povo da nossa ilha {pp} {IP'tasi=está-se} consolando! Porque vinha para aqui gente da América [ABle{fp}] e diziam à gente aqui... Gente que já morreram até! Penava-se também na América muito! {fp} "Homem, a gente na América, {pp} {fp} a gente faz isto, faz aquilo, sentados! {pp} Tem {PHl'manikɛz=máquinas} de fazer isto de fazer aquilo"! E a gente, talvez {pp} alguma vez a gente dissesse assim... Diz: "Homem, aquilo também {IP'ta=está} é a mentir para ali! {IP'ta=Está} é a mentir"! Mas já chegou cá! Mas já está cá! Já está cá que o fulano sentado faz trabalho! Mas é como se fazia lá, a senhora {IP'ta=está} a perceber?

*INQ2 Pois, pois, pois.*

INF1 Mas a gente parecia-{PHli=lhe} aquilo mal, aquela conversa! Mas já está cá tudo, essas coisas!

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> TRC70-C	
<b>Localidade:</b> Fontinhas <b>Distrito:</b> Angra do Heroísmo	<b>Concelho:</b> Praia da Vitória <b>Data:</b> 1979
<b>Informante1:</b> Camolino <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Celisa <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>CD nº:</b> 1AC12b04ab <b>faixa:</b> 1ac12b04a <b>min:</b> 30:11-34:54	
<b>Assunto:</b> A agricultura – generalidades	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 23B <b>faixa:</b> 28	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Jan.04 <b>Data da revisão final:</b> Nov.04	

*INQ1 Onde é que começa? Em que mês é que começa?*

INF1 Começa no mês de Janeiro {pp} a semear trigo. E depois... E semeia-se em Fevereiro também trigo, mas já... Mas [ABlé] põe-se é princípio de Janeiro. [ABIN-] No Janeiro é que (se) semeia o trigo. E depois é que, passado da sementeira do trigo, passa-se à sementeira do milho. A não ser, por exemplo, {PH|bu'tatêz=batatas} ou {fp} umas coisas assim parecidas a esta é que é antes do milho. E depois quando é ali em Abril –{pp} Março, já em Março se semeia muito, o milho, mas então a força é em Abril – [ABlé que se] é que então que se pega à sementeira dos milhos. E depois vai andando por ali abaixo, [ABlna] nessa altura não há mais sementeiras nenhuma a fazer, senão depois quando é adiante... {pp} Quando é adiante {fp}, em Agosto, {pp} é que então há aquelas ceifas das searas. Mas ele hoje já não há searas. Aqui na nossa terra, depois que veio aí de fora {fp} uma qualidade de melros 'capatasque' ou 'capatasco', ou não sei que diabo é, esse melro hoje limpa tudo aí. Arreia, limpa tudo! É uma desgraça! Que eles semeavam muita terra de trigo, {pp} mas ele [ABla, aqu-] aquela raça daquele melro rapavam- {PH|li=lhe} tudo! Eles deixaram de semear por causa disso. {fp} Então começa ali no mês de Agosto, começa-se (ele) a ceifar, e depois é...

INF2 A duas semanas de Santa Isabel.

INF1 {fp} Santa Isabel, sim.

INF2 É Julho, Junho, Julho, junto. (Ficava em) Santa Isabel, que os antigos diziam isto!

INF1 {fp} Começa-se a ceifar. {fp} Começa-se a ceifar {pp} essas terras...

*INQ1 Ah, têm que me dizer esses nomes dos meses todos, está bem, à antiga?*

INF1 Começa-se a ceifar [ABle{fp}] e depois acabam-se as ceifas, ele tem 'feijães' para apanhar, tem batata doce...

INF2 Acabavam-se as ceifas, era ir {CT|pa=para a} eira com os trigos.

INF1 Ah, ele hoje só vão é [ABI{CT|pa3=para as}] para as (qualidades) daquelas debulhadoras.

INF2 Agora é já [ABI{CT|pa3=para as}] {CT|pa3=para as} debulhadoras.

*INQ1 Não. Mas como era antigamente. Antigamente...*

INF2 Antigamente é que era assim.

INF1 Era, era. Era ele [ABlna, no] nas eiras!

INF2 Nas eiras [ABlcom] com um rolo grande com as reses de roda.

INF1 Era nas eiras [ABlcom] com reses, faziam uma volta de roda.

*INQ2 Pois.*

INF2 Redonda.

INF1 [ABIE] {fp} E a gente estendia aquelas...

INF2 Espalhava aquelas (gavelas) todas [ABlnaquelas] naquelas eiras. Dura! Que aquilo estava dura como um osso ou como uma massa.

INF1 Estendia aquelas camadas, porque aquilo era ceifado, era engavelado. Hoje é ceifado é com a {PHl'manikε=máquina} mesmo.

*INQ1 Pois, pois.*

INF1 A {PHl'manikε=máquina} entra por aquela seara dentro e pega a andar de roda, para ir por fora da seara, sim, e ela vai amarrando e vai deixando aquilo atrás e...

INF2 Agora, que a gente ceifava era de foices.

*INQ1 Pois, pois.*

*INQ2 Fica tudo pronto.*

INF1 Fica tudo pronto. Mas naquele tempo não era assim. Naquele tempo, a gente ceifava com umas foices apropriadas para aquilo, e depois a gente cortava uma manchinha de seara, e depois enrolava-se uma coisinha de roda, prendia neste dedo, e depois tornava-se a ceifar outra manchinha e tornava-se a prender nele, depois tornava-se a enrolar outra vez, tornava-se a prender nele, até que fazia [ABluma, uma man-] uma manchinha grande.

INF2 Uma gavelazinha, uma mancheia perfeita.

INF1 Botava-se {pp} uma mancheia assim aqui, atravessada assim, depois botava-se duas assim para aqui,

e depois botava-se duas assim para aqui, {pp} e depois botava-se uma a fechar.

INF2 Era encruzadas.

INF1 Era seis – [ABlan-] antes tratavam era por gavelas –, seis gavelas de trigo {fp} é que se botava naquele montinho. Ia-se ceifando e botando aqueles montinhos atrás da gente.

INF2 Ficava aquilo aos montinhos pelo cerrado fora.

INF1 É. E depois a gente ia, {pp} [ABlda, da, da seara mesmo] {pp} da seara mesmo, a gente é que fazia os atilhos.

INF2 Sim, {pp} em carreira direita.

INF1 Arrancava-se a seara e depois fazia-se aquele atilho {PHlɔ=ao} pé da espiga e é que a gente amarrava aquela seara.

*INQ1 Rhum-rhum.*

INF1 E depois ela ia [CTlpa=para a] eira – aquela seara acartava-se com carros –, {CTlpaz=para as} eiras, depois quando era [ABl quando esta-] que {IPl'tavε=estava} nas 'condições' – era ali no mês de

Agosto sempre –, {fp} a gente então debulhava com as reses. Estendiam aquela seara, tinha trilhos – eu não tenho, se tivesse eu mostrava {PHlo=ao} senhor –, {fp} tinha trilhos, a gente prendia aquelas reses naqueles trilhos, e aqueles trilhos... {pp} Olhe talvez {pp} mais ou menos é isto de largura.

INF2 Havia de ser sim.

INF1 Deve ser uma coisa que mais ou menos é isto de largura.

INF2 Era umas tábuas.

INQ2 *Pois.*

INF1 E agora era aquelas tábuas {pp} eram furadas {fp} [ABlcom{fp}], metiam-se assim umas pedrinhas, dessas pedrinhas biscoiteiras, que é uma pedrinha favada.

INQ1 *Pois, pois.*

INF1 A gente [ABla mete-] tinha aqueles trilhos, metia daquelas pedrinhas, e aquelas pedrinhas é que iam esfregando por riba daquela seara fora e é que ia andando, andando, [ABlaté que] até que aquilo ficava moído, o trigo moído, [ABle a, e a] e as reses é que andavam de roda.

INF2 E as reses sempre a andar de roda, e um homem em cima daquele trilho...

INF1 A tocar as reses.

INF2 A tocar as reses.

INF1 Outros com forquilhas de roda daquela eira a mexer com aquela camada...

INF2 A mexer com aquela camada, ai!

INF1 Ai, penar! Ai penar!

INF2 [ABlPara ir] Para ir mexendo, {CT|pa3=para as} reses irem debulhando.

INQ1 *Pois, pois.*

INF1 Ai penar! Ai penar!

INF2 Quando as reses iam sujar, aparavam era com uma apanhadeira, {fp} para não sujar em cima do trigo, sim senhora.

INF1 Era penar!

INQ1 *Pois, pois, pois, pois.*

INF1 Era penada (a vida)! Assim era a sementeira do trigo, era feita desta maneira!

INF2 Depois acabava...